

1965  
n. 117 2nd

117



a Galera  
|

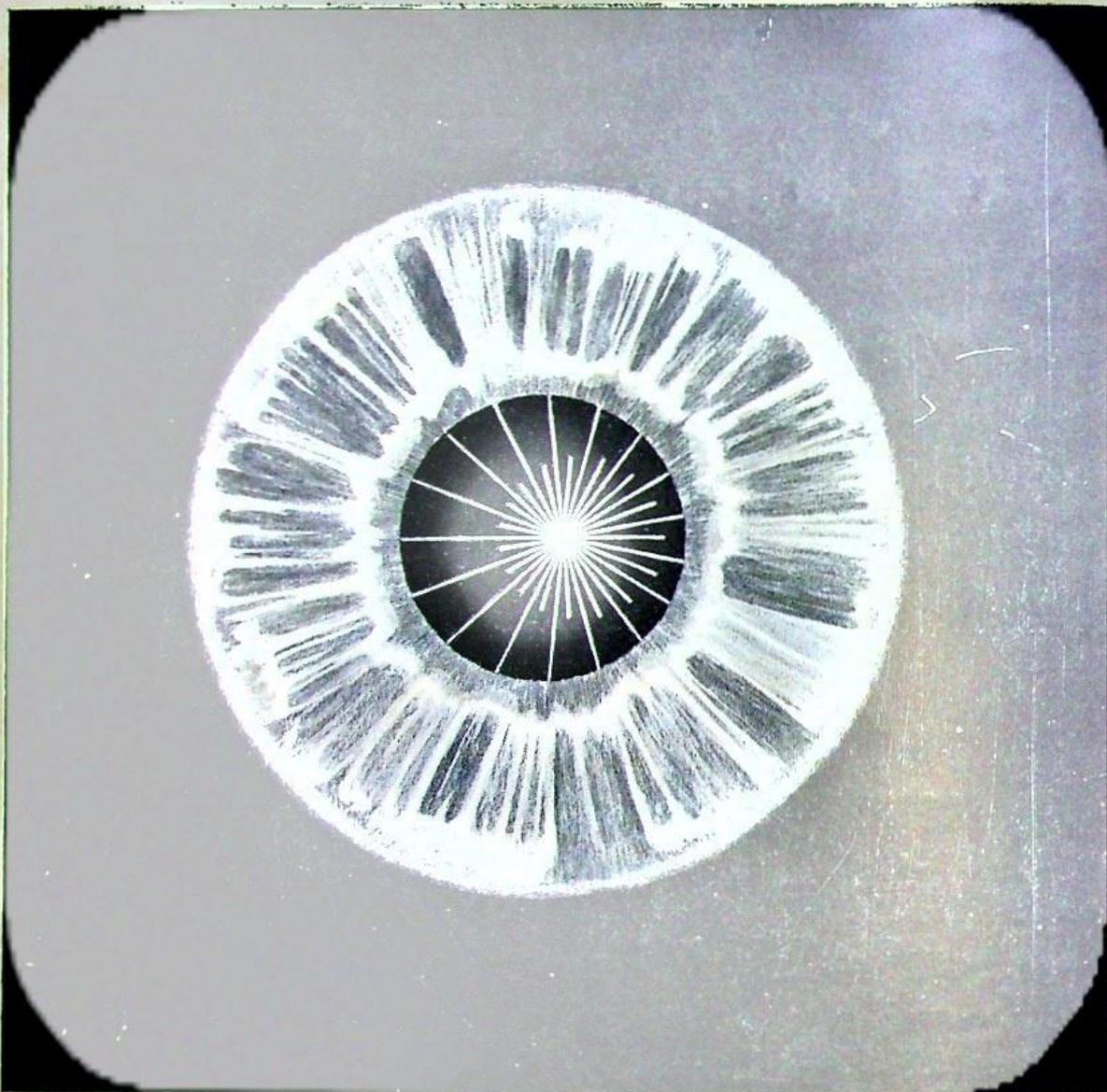


"Batalha do Riachuelo" - Tela de Vitor Meireles (Museu Nacional)

Saudamos a gloriosa  
Marinha do Brasil  
no I Centenário da  
Batalha Naval do Riachuelo



**BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LIMITED**



ÉSTE É O NOSSO  
MAIS PRECIOSO  
INSTRUMENTO!

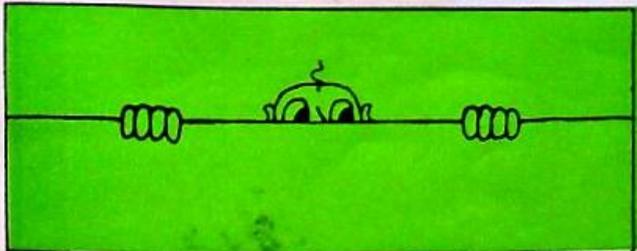
E você sabe que nós não estamos exagerando quando nos referimos ao olho humano. Ele é o técnico que vai à sua indústria e soluciona os problemas de sua maquinaria. Esta é sua especialidade. E nós lhe garantimos: ele a conhece profundamente. É por isso que você pode confiar nas suas observações. Elas são precisas. Pois ele passou uma grande parte da sua vida estudando, observando, testando tudo - até os seus próprios conhecimentos técnicos. E, hoje em dia, por estar tão integrado em nossas atividades, nós já podemos afirmar que ele faz parte daquele "algo mais" que Shell lhe dá.

VOCÊ PODE CONFIAR NA



**diretor** Carlos Gentil Dias Vieira    **redator chefe** Álvaro Eduardo Ferreira Estéves    **se-**  
**cretário** Manoel Cotta da Silva Filho    **assistente** Carlos Eduardo Araújo Motta    **corpo**  
**editorial** Eduardo Siqueira Brick    Oswaldo Prado Franco    Adherbal Caminada Neto    Paulo  
Afonso Petrassi    Gil Cordeiro Dias Ferreira    José Carlos Cardoso    **fotografia** Ernesto  
Marra Jr.    Paulo Afonso Petrassi    Maurício Pereira    arte Sérgio Pôrto da Luz    George  
Sette Muniz    Alex Martins de Souza    Antonio José Neves de Souza    relações públicas  
Carlos Farias de Pilla    Newton Saboia Salles    publicidade Milton Mesquita Lippincott  
arquivo Gilberto Pacheco    diagramação Ivanir Yazbeck.

n.º 117  
outubro - 1965



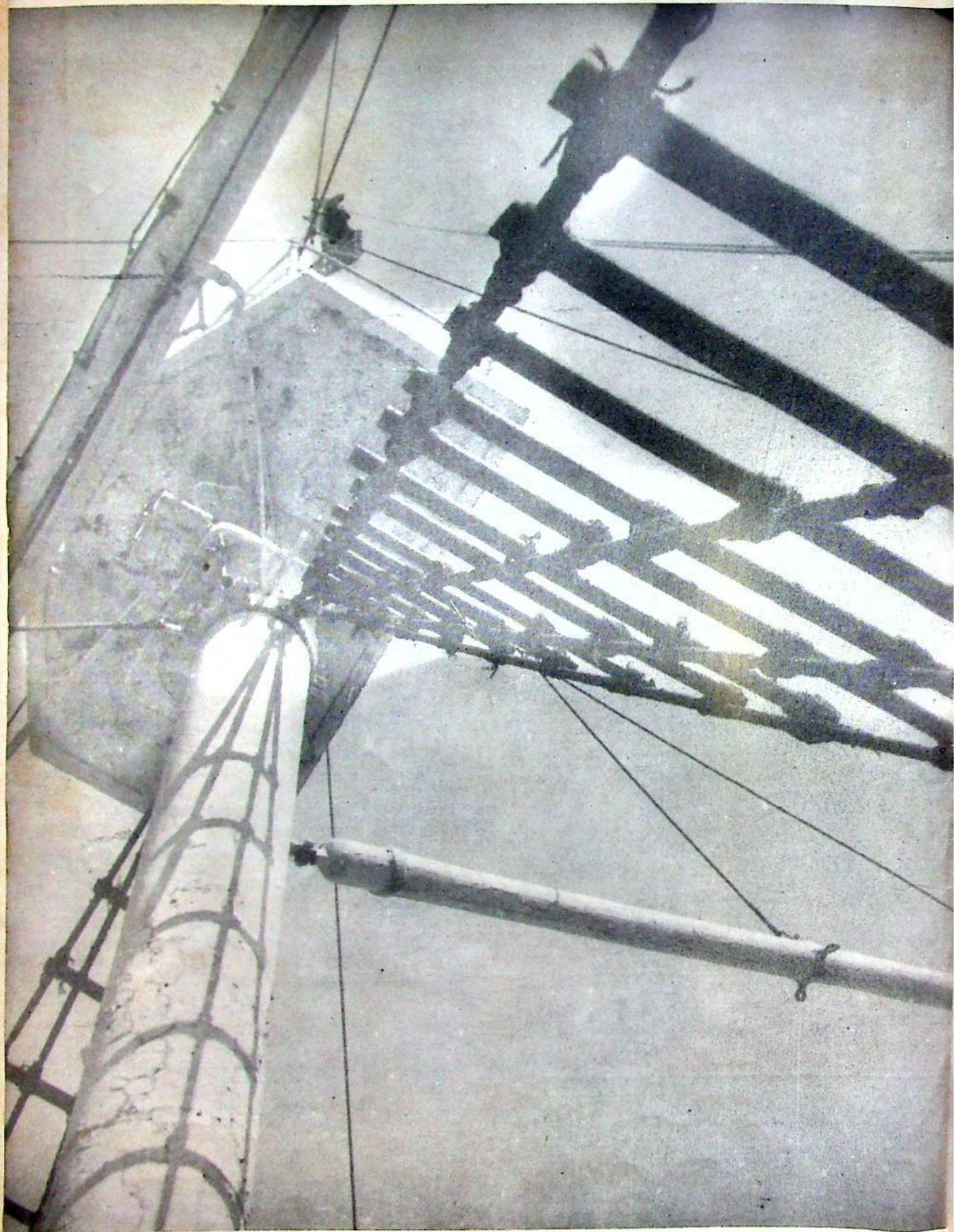
10 ANOS 40 ANOS

# aqalera

Revista dos Aspirantes da Marinha

ESCOLA NAVAL  
ILHA DE VILLEGAGNON  
RIO DE JANEIRO  
BRASIL

- comemoração** uma galera faz quarenta anos
- gente** quem é quem  
os aspirantes somos assim  
o inventor do zingronga  
assim na terra como no mar  
apresento-lhes os FNs
- projeto** daqui á uns tempos
- reportagem** cem anos depois  
de antares a tubarão  
o museu da ilha  
de como as corvetas trabalham  
barcos n'água  
argonauta
- humor** cruzador brekelé
- artigo** o problema da razão  
o militar, a paz e a guerra  
pesquisando o fundo do mar
- história** as origens da escola naval  
saldanha um bom exemplo
- crônica** concepção do amor  
crônica da despedida  
sob nós  
um farol é um farol é um farol
- ficção** 400 anos de uma ilha  
o louco
- poesia** canção do mar  
visita ao ex-veleiro
- e mais** galera  
a escola naval  
pra seu govêrno



HÁ COISA DE UNS DOIS ANOS, ENTROU UM CAVALHEIRO em nossa sala, lançou um olhar depreciativo sôbre as mesas desarrumadas, as máquinas de escrever entupidas de papel, avaliou a aparência do pessoal (que bem dizendo não era das melhores) e perguntou assim de sopetão: o que é ISTO?

Respondemos, então, algo contrariados, que o isto era A Galera. Mas que não era só isto. Era isto e mais alguma coisa, o que evidentemente o cavalheiro não gostou.

Daí para cá temos procurado criar uma imagem desta Galera que já se vinha perdendo na Escola Naval. O que não fica bem quando ela completa, com justo orgulho e algo acabrunhada, os seus quarenta anos. Já ultrapassou, por si mesma, a fase da experimentação. E o que é mais importante, se firmou como a Revista dos Aspirantes de Marinha, responsável por transmitir uma mensagem que cada geração se faz portadora. E esta mensagem tem sido sempre de crença, entusiasmo e mocidade.

Esta uma característica de A Galera de todos os tempos. A de sempre se fazer moça, porque por moços tripulada. E de ter a preocupação de interpretar o pensamento, a alegria, e as tristezas dos que vivem na ilha. Ainda que as últimas devam passar pelo severo crivo da redação. Somos, apesar de tudo, uma verdadeira comunidade viva. E dinâmica. Em que todos participam da mesma luta, emprestam parcela de seu esforço para construir o que de mais duradouro os Aspirantes possuem: esta Revista. De quarenta anos.

Ao comemorarmos o quadragésimo ano, sem muito alarde, dedicamos nossas páginas a todos aqueles que por aqui passaram. Que tenham a certeza de que A Galera continua mais firme que nunca. Porque também pensamos, como Thomas Merton, que homem algum é uma ilha.



## A ESCOLA NAVAL

*A Ilha de Villegagnon guarda o grande espírito de Marinha. Porque tem a missão de preservar as tradições navais, o entusiasmo e a firmeza dos que construíram um pouco do Brasil. E são os moços que hão de dar continuidade à tarefa de manter livres estes mares, livre este povo, forte e soberano.*

*A Escola Naval é um pouco de tudo. É um pedaço de chão que parece invadir o mar adentro, quase ligado ao continente, de um cinza triste que nos longes dá-lhe a imponência de uma envelhecida fortaleza. E aqui que se cultua um desinteressado amor pela Pátria, pelo mar, e por Deus. A ilha chega quase a cercar-se de um misticismo, com suas maneiras próprias, sua seriedade, e a bandeira verde-amarela a tremular na adriça.*

*A Escola Naval é, sobretudo, a ilha da mocidade.*

*E tem muita História, também. Suas origens estão, quem sabe, até mesmo em Sagres. Foi com a vinda da família real para o Brasil que a Academia de Marinha deu início à nossa Escola Naval. Instalada em 5 de maio de 1808 na casa da hospedaria do Mosteiro de São Bento.*



feitos um para o outro... Suas afinidades e predileções se traduzem pelos mesmos gostos... pelo mesmo entusiasmo pela vida... pelo mesmo cigarro de fumos selecionados, suaves, cuidadosamente combinados.

cigarros

# hollywood

uma tradição de bom gosto



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

GRANT-R. 1897

# Serviço de Reembolsáveis da Marinha

Oferece à Família Naval as Facilidades Seguintes:

PATIO DO MINISTÉRIO DA MARINHA  
ESCRITÓRIO CENTRAL

Tel: 23-8490 - Ramal 156

2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup>  
9,00 às 17,30



ALFAIATARIA - CHARUTARIA

Tel: 23-0193

2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup>  
9,00 às 17,30

LOJA DE ELETRO-DOMÉSTICOS

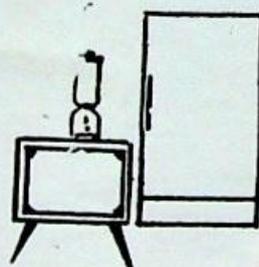
Tel: 23-9064

2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup>  
9,00 às 17,30

POSTO DE GASOLINA

Tel: 23-2574

8,00 às 18,00 hs.



PRAÇA BARÃO DE LADÁRIO  
AUTO-SERVIÇO MINISTÉRIO

Tel: 43-0096

9,00 às 17,30  
Sábado  
9,00 às 11,30

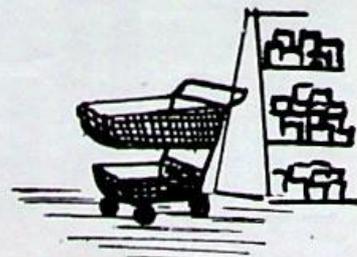
CANTINA CENTRAL

Tel: 43-7296

2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup>  
9,00 às 17,30  
Sábado  
9,00 às 11,30

RUA PADRE MANSO (JUNTO AO VIADUTO)  
AUTO-SERVIÇO MADUREIRA

2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup>  
9,00 às 17,30  
Sábado  
9,00 às 16,30



RUA BARÃO DE JACEGUAY  
AUTO-SERVIÇO NITEROI

2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> { 9,00 às 11,00  
                  { 13,30 às 18,00  
Sábado - 9,00 às 11,30

Luiz Fernando Cunha

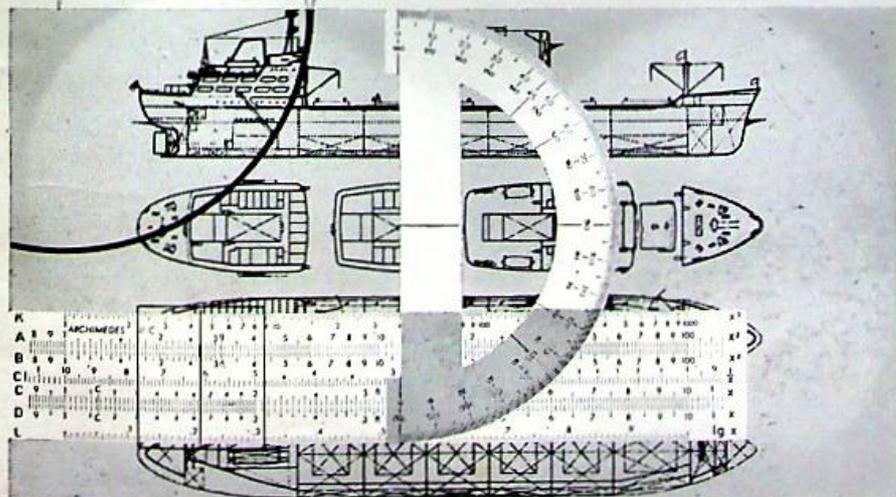
# SOB NÓS

(COLABORAÇÃO ESPECIAL.)

## NOSSOS NAVIOS SÃO BRASILEIROS NATOS...

*desde o projeto...*

Nossos navios nascem na prancheta de cálculo. Não importamos projetos. Pensamos em milímetros, em centímetros, antes de pensar em metros e em toneladas. Por isso, todos os navios, que saem dos nossos Estaleiros são unidades construídas para as condições específicas de operação em nossos portos, em nossas vias marítimas e fluviais e para o tipo de serviço solicitado. Poderá ser graneleiro, petroleiro, cargueiro ou misto, em cuja popa tremula a bandeira brasileira. E mais um navio que poupa divisas à nação e aumenta o nosso nacional bruto. Nacional mesmo, porque não são navios naturalizados brasileiros. São Brasileiros natos. Orgulhamo-nos de ser o maior e o mais equipado Estaleiro, capacitado a fazer isto: construir navios desde o projeto até os motores diesel de propulsão.



Navios • Guindastes • Pontes Rolantes  
• Torre Garage-Equipamentos para Siderurgia e indústrias químicas • Fábricas de cimento e fertilizantes • Comportas e condutos forçados para hidro-elétricas.  
• Estruturas metálicas e instalações industriais • Motores Diesel-estacionários e marítimos de 300 até 15.000 BHP.

RIO - GB: Av. Frei Antônio Caroli, 667  
6/10/9. Telex: 31-1915 e 31-0090. (Rede Interna)  
S. PAULO: Rua Direita, 250 - 16º andar -  
Sala 1603 • Telex: 36-5210 e 34-8917  
ESTALEIRO INHAUMA: Rua General Gurgel, 8/11 - RIO - GB - Telex: 34-8254 e 54-2142  
End. Telex: ISHBRAS, Telex: N° 1110 2011031



Ishibrás

Ishikawajima do Brasil - Estaleiros S.A.

Uma indústria integrada no progresso do Brasil.



**E**RA uma chuva. Perdurou toda a manhã, tardinha, e agora anoitece restando o pátio encharcado.

Cruzou daqui um vento gelado e com palavras mudas expressou silêncio. Toda nossa terra respirou ódio; imergiu doída rumo ao fim.

Já não podíamos, à tardinha na varanda ter a cabeça entre as mãos, pensativos, filosofando entediados as coisas. Começaríamos a gostar de não gostar da morte e a sentir a vida.

O odor forte, o cheiro da terra... Gritou-se um nome querido e apenas atrai silêncio.

Coça-se a testa e por um momento a ponta do nariz. Uma pausa, o teclado emudece, o tempo gastou-se um pouco. Então ela veio sentar-se aos nossos pés, implorar nossa atenção — A GUERRA.

Aquêlê minuto, uso exclusivo de quem é dono, já findou. Nós erguemos o corpo untado de carnes, olhamos a lápide negra, despedimos as mãos, e o terreno foi recebendo pegadas largas.

Quase amanhece, tudo foi visto e chorado. Não há mais a nossa chuva. Os olhos estão vagos, fitos na demência das coisas.

Um coral de vozes ásperas clamam por reação: "— FORA OS INVASORES" — volto-me e procuro... As vozes ou os invasores? Eles se misturam, é difícil... E depois, os que invadem também clamam...

O chão é tragado por pés rudes, violentos e estranhos. Temos um pouco dêste chão misturado ao sangue e necessitamos do restante para que nós e nossos filhos pisem.

Vamos rebelar-nos até o fim, para que haja um novo começo. A terra nos agradecerá e seguirá muda.

# cem ANOS DEPOIS

A Batalha  
Naval do  
Riachuelo

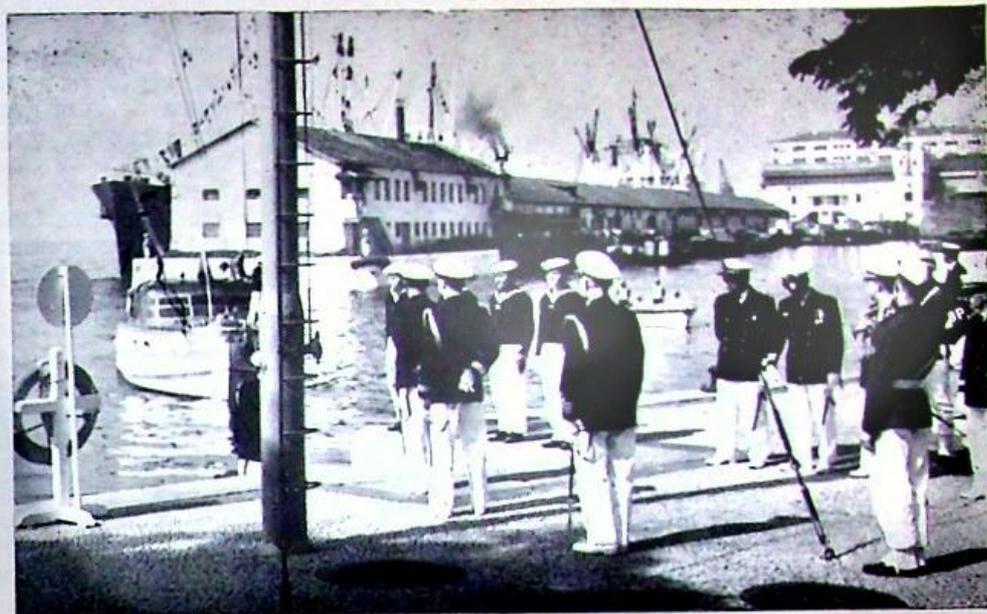


Na Associação Atlética Vila Isabel o aspirante Luís Carlos, retribui a homenagem feita à Marinha no 11 de junho, oferecendo um brasão da Escola Naval à Miss Vila Isabel. Presentes a 1.ª princesa do 4.º Centenário e diversas misses cariocas.



Diz o ponto de vista estritamente militar que Riachuelo foi batalha decisiva. Além de uma das maiores do continente. Seu significado para nós, vai contudo um pouco além disso, já que o 11 de junho se manteve, realmente, como tradição, como exemplo às novas gerações. Por 100 anos.

A comemoração de um acontecimento que representa, verdadeiramente o que de melhor há em nosso sentimento de brasilidade, em nossa noção do dever cumprido, não poderia ser pequena ou sem expressão. A lembrança da gente brasileira e a atenção de toda uma classe militar foi dirigida para a história, para o século que passou. É mais evidente ficou, para nós, a importância de Barroso e daqueles homens que souberam honrar, de verdade, tudo aquilo que defendiam.



O 11 de junho deste 1965 foi contudo mais que um culto a heróis. Foi uma festa. Em que inclusive se manifestou, de maneira efusiva, e ressaltou a amizade e a admiração de marinha irmãs. Sete países vieram até nós aumentar o brilho e a beleza das solenidades. E as cores e os sorrisos marinheiros de vários lados deste mundo alegraram a cidade, deram toque de mais vivacidade às comemorações.

Até mesmo a juventude militar teve a sua oportunidade.

Brasileiros, argentinos e portugueses encontraram a ocasião perfeita para a confraternização, para a camaradagem. Juntos, puderam sentir o exemplo que no passado deveriam buscar para a dura missão que lhes cabe em futuro breve. E em nossa Escola Naval ficou marcada a identidade de uma geração que, unida, poderá trazer para o mundo toda a paz, todo o sentimento de solidariedade de que necessitamos.

# O PROBLEMA DA RAZÃO

Dias Vieira

Os caminhos do pensamento moderno levam-nos a muitas conclusões. E a um sem número de dúvidas. O que revela a complexidade dos estudos, das teorias, e das tendências, a que nem sempre estamos suficientemente preparados para entender. Duas preocupações, de maneira geral, dominam o jovem nesta época: a procura da honestidade e da verdade. Sobretudo da *sua* verdade, que o liberte dos primarismos de raciocínios e que o habilite a enfrentar com certeza muitos dos problemas atuais.

Existe sempre uma tenaz busca pela objetividade. Uma angustiada constante que invalida conceitos pré-concebidos, meias verdades, e torna questionáveis as grandes marchas da História. Isto porque não podemos aceitar um inexplicável conformismo ante pretensão determinismo histórico. Julgamos que é preciso fazer voltar o homem ao centro de todas as resoluções, de todas as preocupações, como única forma de extinguir da humanidade esta aridez que o materialismo quer impor.

O homem moderno deve ser livre de compromissos para que possa alcançar a plenitude de

raciocínio. Para que não fique adstrito a mesquinhas, a preconceitos, a embustes e perversões. Deve ser capaz de pensar e agir numa amplitude verdadeira de sentimento e de amor. Lembrando, como diz Maritain, que antes de qualquer unidade de pensamento e de doutrina existe a unidade da natureza humana.

Em tudo isso sentimos o papel relevante da razão. É a necessidade que temos de submeter os nossos atos a uma justificativa íntima, a uma interpeção profunda que a torne válida e coerente aos nossos olhos. Este seria o sentido existencial do vocábulo *razão*. Ainda poderemos considerar o sentido cartesiano, em que se coloca a ciência positiva moderna.

O progresso desta ciência positiva trouxe muitas dúvidas às convicções dos jovens. Pôs em pendência as grandes e seculares verdades da religião, e quis reduzir a importância da filosofia na vida moderna. Entretanto, mais que nunca, é chegada a hora de refletirmos. Porque desta reflexão há de surgir o mais racional, o mais justo, o mais verdadeiro, o mais humano. E sentimos, em sua dimensão autêntica, o papel do *eu* nesta civilização cada vez mais plena de contradições.

Lembram-me as palavras de Antoine de Saint-Exupéry: "Quando tomamos consciência de nosso papel, mesmo o mais obscuro, só então somos felizes. Só então podemos viver em paz, pois o que dá um sentimento à vida dá um sentido à morte".

De fato, a inteligibilidade atingida pela ciência corresponde, apenas, a uma forma particular da inteligibilidade total, de que o homem é capaz. Apesar de muitos tentarem impor o progresso da ciência como invalidando certos conceitos, as questões fundamentais continuam de pé. Como, por exemplo, a resposta à pergunta: o que é o homem? E a grandiosidade do trabalho de Teilhard de Chardin veio aproximar, modernamente, a ciência da religião, mostrando com surpreendente ousadia e convicção as suas teorias sobre a evolução do homem, merecendo o respeito e a admiração dos cientistas mais incrédulos.

Feuerbach chegou a aventar a hipótese de que o pensamento não era senão o produto superior da matéria. Como admitir que complicadas reações químicas sejam capazes de fazer distinção entre o ato de um homem que mata por patriotismo e outro que o faz para roubar?

E cada vez mais sentimos nos acercarem certos detalhes sufocantes. Como fugir a estas questões, numa época em que tantos valores são colocados em jogo, junto com o destino da própria humanidade? Nas respostas que nossa razão fôr capaz de dar aos problemas fundamentais do nosso tempo residirá a capacidade de reestruturarmos nossa civilização. Não que seja obra fácil. Seríamos ingênuos demais se assim pensássemos. Na medida em que tivermos consciência da importância de nosso trabalho humilde para assegurar a dignidade da pessoa humana, estaremos colaborando com reservas imensas de potencialidades que todos possuímos. A razão norteará nossos passos. Enquanto enchermos o espírito com reflexões esmagadoras e em tudo condizentes com o grande idealismo com que abraçamos esta carreira marinheira, estaremos exercendo papel modificador no processo histórico, em que, insensivelmente, nos inserimos.

**NÔVO**



agora  
3 côres - 3 perfumes

**EUCALOL**  
- o sabonete do Brasil

# DE ANTARES A TUBARÃO

Sérgio Luz

## Via uma porção de navios da esquadra

Propositadamente esta narrativa é escrita três meses decorridos das estórias que pretendo contar. Assim, sem concurso de qualquer anotação, os fatos irão saindo na medida em que mais marcas deixaram na lembrança.

Antares é o CT Paraná, um dos "Ps" da nossa Esquadra que, em janeiro de cada ano, suspende em Força Tarefa levando, também, os Aspirantes em sua Viagem de Instrução. É, nesta oportunidade única durante o ano, quando os Aspirantes temos chance de aplicar o que aprendemos no ano anterior.

Na pernada Rio-Salvador agregaram-se a "F", a divisão de Direção de Tiro, e, assim, conheci o que de melhor há nos "Ps". O CT (desta vez, de Capitão-Tenente) Alexandre foi o melhor babá (bom sentido) o melhor exemplo que já tive. Incansável respondendo perguntas, deu a maior dose de fogo sagrado possível aos aspirantes, quase pedintes do mesmo.

SALVADOR, embora sujo, é bonito. As mentes public-relacionadas da Naval botaram uma exposição marinheira de propaganda e difusão na sede da Superintendência de Turismo (salve, salve Antônio Tourinho, amigão e bom baiano).

No Norte (acima do Rio é Norte) há os Gritos de Carnaval e o destacamento precursor do Corpo de Aspirantes descobriu um destes Gritos em Peri-Peri, na sexta-feira. Bem, como talvez seja este o dia de descanso dos santos orixás do terreiro da Menina, o piruadíssimo Candomblé, para sexta-feira programado também, ia pifando, não fôra o serão que alguns santos faziam no cadomblé de Mãe Sinérgia, descoberto porque o ônibus se embarafurcou nas Brotas e o menino caçador de turistas nos achou com cara de.

Descemos o morro que era lá embaixo e paramos na porta; o baiano magriça nos olhou ressabiado (provavelmente devido a cara de pouco dinheiro que devíamos estar ostentando) e disse não leve a mal e foi nos revistando. Comprovada a ausência de armas, entramos e vimos o Candomblé, que dá quadro bem bonito. Não vou contar a macumba: impossível. Vá ver.

Acabou a macumba e o ônibus fomos prá Peri-Peri que lá era a festa: o grito não era nem gemido. Era um chiado só ou susurro. Toca prá Salvador.

Domingo foi dia de passear pela cidade, com ônibus e moça gentil guia Ivany contando estórias dos lugares mais bonitos da cidade que, obviamente, eram também os mais sujos. Aliás, acho que se o quarteirão da Igreja de São Francisco fôsse limpo não seria tão belo. Cada pedaço de chão com seus riscados de pó traz a lembrança viva das lamas das procissões que passaram por aquele chão, com suas cantorias e sinhás de olho no santo e no padre. Deu vontade, naquele dia, de cantar música do Rio feita prá lá: "Bahia, Bahia, terra abençoada por Virgem Maria". A Igreja, dourada de doer a vista, de São Francisco de Assis tem um pedaço como o clube do Bolinha: MENINA NÃO ENTRA; e lá dentro, moça Ivany de fora ardendo de vontade de ver, tem, do lado esquerdo, quase atrás do altar, o cemitério dos frades da ordem. É uma coisa danada de emocionar: todo branco, com arcos singelos comidos de tempo, chão de lage lavrada e a luz entrando por um buraco no alto; como querendo dizer e mostrar a tranqüilidade dos corpos sepultados, solenemente sepultados.

Fizemos todos os do ônibus uma figa e uma força danada para desengatá-lo do parachoque do carro onde se enfiou. Foi interessante porque medimos a solidariedade do baiano que, diferentemente do mineiro, solidário apenas no câncer (que não se aborrega nem corte nosso diretor, mineiro bairrista, orgulhosamente como diz, das alianças em prol, das noites de gritaria (serenata) e das paisagens belorizontinas) prestou-nos todo o auxílio de que precisávamos.

Agora no ônibus a caminho do Instituto Feminino de Salvador, sustentácu-lo maior das solteironas de lá, a lembrança do cemitério não saíra da cabeça ainda. Bateu! Positivamente, era barbeiríssimo o motorista que nos coube a sorte, digo, azar rece-

ber. Novamente bateu o chato e, para piorar, o chofer do Volks era mulher. Enquanto ela (chapa de S. Paulo) falava pelos cotovelos e o baiano bahianamente ouvia, o aspirante foi de arrêgo e debandou (moça Ivany desapontada, aspirantes comprando lembranças, montão de gente visitando galeria de arte e comprando arte).

Lá práns tantas chegou ônibus substituto e fomos pro atelier de Caribé. O artista foi muito gentil conosco: disse que as coisas andam bem por lá mandou lembranças pro Rio, contou da sua macumba e deu desenho bonito prá mim.



Mela noite e mela bebi xixi de anjo do Anjo Azul, depois de ter assistido TEATRO MESMO no Vila Velha: Eles não usam bleque-tai. Teatro dos Novos, sessão feita para nós, os aspirantes que visitávamos a Bahia, de São Salvador e do Bonfim, muitos pela primeiríssima vez.

Para o trecho Salvador- Recife aceitei um convite do Leão, CMG Silvio Figueiredo e, juntamente com quatro colegas, fizemos à bordo de Jaguar a experiência melhor de sentir mesmo um espírito de Praça D'Armas e navio, vivendo como oficiais, com as vantagens e desvantagens da carga. A carga são as platinas. As vezes terrivelmente pesadas. O tenente Casales é engraçado. E um grande praça. Os classe "A" são fogo. Basta dizer que o apelido do Araguaia é Brasa. Influência óbvia da Máquina.

As vezes o navio apaga todo de repente. E se a faina é de passagem de carga leve o baba para reacender é bárbaro e aí a gente vê como as deficiências materiais são vencidas pelos homens. E ficamos felizes de ver nossos marinheiros com este espírito.

Recife, orgulhosamente chamada a Veneza daqui, seria bem melhor se os mendigos não chafurnassem os tamborões de lixo, que a faxina de bordo põe no cais, à procura de comida. Eu vi e não esqueci.

A exposição marinheira bi-partida agora, metade em Fortaleza para onde foi o "Minas Gerais", inaugurou na Galeria da Ribeira, margem esquerda do Capibaribe.

Recife é pequena porém decente. E Olinda também e mais: é linda. Poética. Romântica. É monumento de beleza e poesia sem cosmopolitismo de cidade grande. Sem a burguesia da cidade pequena. Um dia eu vou morar em Olinda para sentir mais o seu clima.

Antares recebeu-nos tranqüilo e embarquei a última hora: ordens do ComemCh determinaram o regresso dos cinco aspirantes de Jaguar para os navios de origem. Suspenderemos a Força-



Tarefa (claro que o sentido não é o físico, inda mais que as escadas da EN cansaram o aspirante durante o ano) com destino Norte, para caçar o "Minas Gerais" e o "Paraíba", por hipótese inimigos neste exercício combinado.

Os aspirantes à bordo do "Paraíba", depois soubemos, estiveram ao largo do Atol das Rocas, o ponto mais bonito do Brasil que já viram. De lá o "Paraíba" investiu sobre a esquadra e afundou-a, supostamente, é claro.

Os navios reunidos desceram, a seguir, para Salvador, pôrto mais sujo e melhor de quantos há, depois do Rio, pelos 9000 quilômetros de costas de Brasil. (Aqui cabe um reparo, para salvaguarda do redator: Salvador é melhor por razões particulares e não por outras quaisquer que possa alguém pensar, tais como a sujeira, por exemplo. O redator esclarece ainda que é muito asseado e limpo além de cara-de-pau, como todo aspirante imbuído da situação. Regressávamos.

Mas a bomba de extração de condensado de "Castor" deu o fora, tendo início, a seguir, um baba naval: a Fôrça rumou para Recife, velocidade reduzida e decidiu-se que um CT ficaria com o "Pará" no pôrto e todos os demais navios seguiram para o Sul, continuando viagem. E os aspirantes embarcados nos Cts que ficariam teriam de embarcar em "Saturno", soubemos só depois.

No Paraná a ansiedade era grande: lá estava o melhor chefe de máquinas do Esquadrão (esquadrão é menor que esquadra, embora o ão) e, certamente ficaríamos uma temporada extra no Recife. Ótimo para as garôtas de lá. E estávamos felizes em saber que as faríamos felizes.

Como na música do homem mau, porém, o aspirante levou azar e os do "Pará" e nós fomos transferidos para o CT "Paraíba" e como, desta vez, no filme de Visconti, a nossa noite no mar naquele dia foi uma longa noite de loucuras, a mais longa e louca, certamente, de tôdas as noites passadas pelo aspirante, bom sujeito, normalmente, nos vinte dias de viagem de Instrução.

Chegados o Salvador, iniciou-se o transbordo louco, via cais, para os navios designados especialmente para os aspirantes. O majestoso e belo Cruzador "Barroso" recebeu a turma do tenente Velloso sorridente e feliz de ter a bordo os aspirantes do último ano da Escola Naval. Nêle ficamos todos durante dois dias do pôrto que muitas marcas e lembranças deixaram e não posso nem contar.

Depois então, alguns de nós fomos distribuídos para o porta-aviões e ofereceu-se uma vaga em "Tubarão" para os aspirantes de "Saturno" e lá fui eu para o submarino ver de perto a felicidade dos peixinhos, etc, etc.

Para o Rio tôda a esquadra. Saímos primeiro e aguardamos fora que os demais navios suspendessem; Salvador comprida, alta e baixa diante de mim: o farol da Barra, o forte de São Mateus, as vidraças do Cloc, o elevador, a igreja do Bonfim, o plano inclinado do Taboão, os tanques de óleo que faz três anos supuz ser Mataripe, os alagados dos meninos gordinhos de fazer gôsto e de assistosomose, as mulatas da cidade, o céu despretencioso e tranqüilo, as embarcações de pesca passando por nós indo pro mar alto, a cidade inteira dando um abraço de despedida na gente. Um abraço triste como o são as despedidas, que, por isso, devem ser breves. Mas a espera fêz o adeus sofrido e me fêz ficar tão triste que desci e não vi quando partimos.

Do batismo me escamei. Nelson Riet, Comandante, por Netuno Rex, segundo concepção de Luiz Sá, já assinaram meu certificado quando de uma estada rápida que fiz naquele mesmo submarino "Rio Grande do Sul", na área Alfa, no Rio. Assim, depois de apresentado aos oficiais, agregados à divisão do CT Maurício, esperei terminar o primeiro rancho e almocei, que o aspirante é um faminto, digo, um forte mas não é leão, salvo ordem contrária da Ordem de Movimento, pois para servir à carreira oficial (e o aspirante será oficial) é tudo, desde faxineiro à astrônomo e engenheiro: mistérios de fogo sagrado e de MB.

Já conhecia, desde o Rio, o "Rio Grande do Sul", mas não sabia do ambiente que reinava ali. As horas e os dias são iguais à luz artificial cobertas-abaxo. Com o bicho mergulhado o marujo esquece que está embarcado se fechar os olhos. Mar recebe a gente como se fóramos já parte dêle. Total. A noite, no passado, contando estrêlas e ar entrando suave nariz a dentro, balanço doce de menino levado e sem muito barulho, água pertinho às vêzes até molhando a cara, o homem se sente feliz e quase realizado no instante, em cada instante sugado tranqüilamente. Quase tem vontade de viver assim eternamente. Para a plenitude falta só a mulher. Uma pena que a Ordenança não permita seu embarque. Fica a sugestão.

De dia o adestramento era continuo e repentino. Havia a bordo tenentes qualificando e as imersões se sucediam. Tudo com macête. Tinha macête até para ir ao banheiro e manobrar a Kingston. Para dormir — na praça D'Armas — o sofá se transformando em cama. No navio tudo era diferente e as gentes davam mais valor. Meu companheiro de "camarote" era o tenente Sarmento, os mais modernos — êle e eu — é que habitávamos a pracinha D'Armas, que por ser pequena aproximava mais os homens e com isto como que crescíamos e o espírito, inda maior, que reinava por sobre todos nós me fez sentir saudades quando chegamos e tive de ir-me embora.

Apesar de estar no Rio, com o Pão de Açúcar do tamanho de um bonde na minha frente.

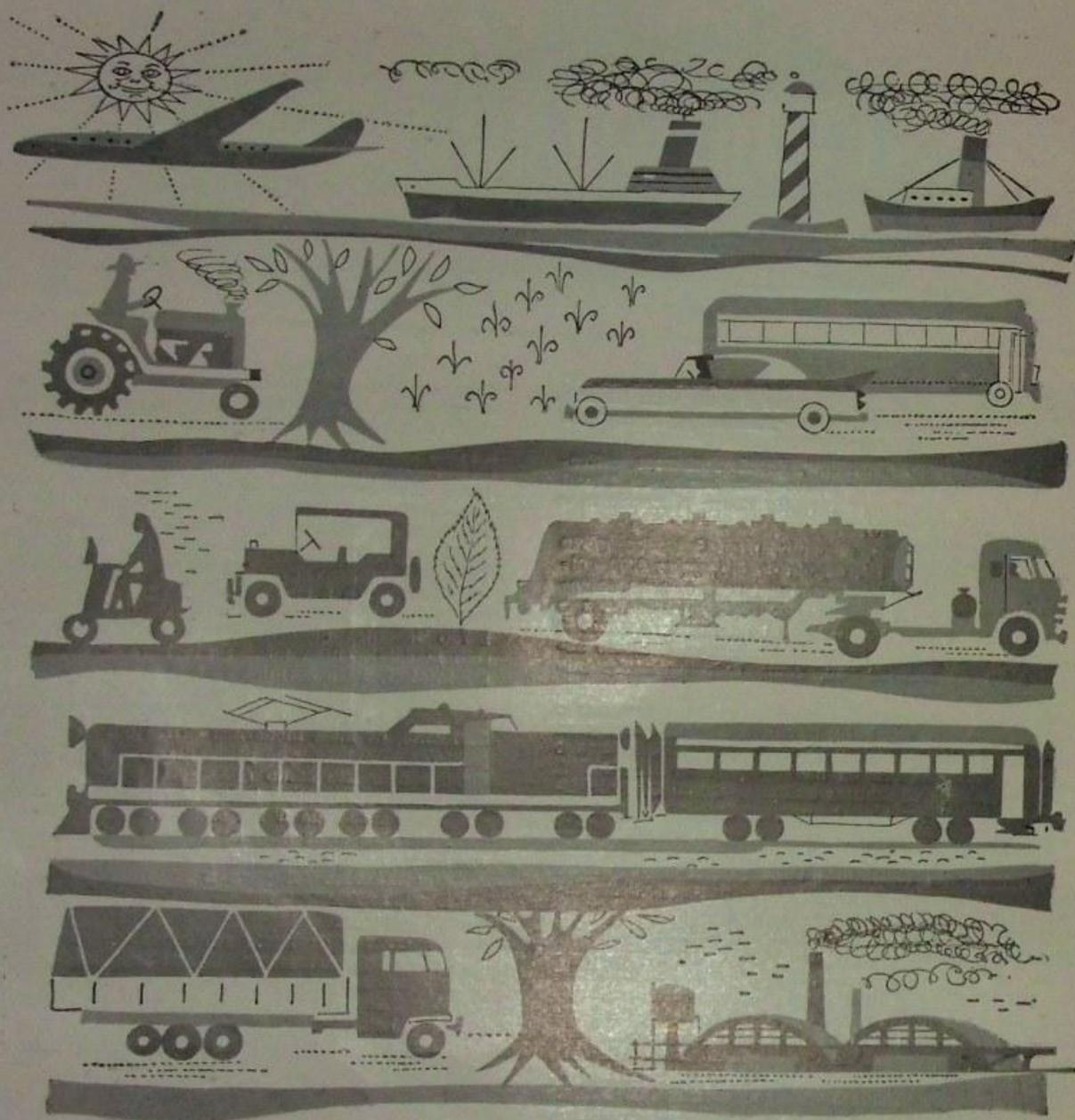
O submarino foi para a Base.

E eu, aspirante  
viajante

errante de navio em navio do ComForTar, que viera originariamente de Antares, para Jaguar, para Antares, para Procyon, para Saturno, para Tubarão; fui para a lancha, saltel em Saturno, ao aviso, depois a Escola Naval, depois o taxi, depois o lar.

E a viagem foi tão boa que a minha gente afirmou que eu engordei.





## No rumo do Progresso

O Brasil moderno move máquinas. Caminhões e trens percorrem estradas sem parar. Tratores sulcam o campo. Automóveis circulam nas cidades. Navios intensificam viagens e aumentam os cursos. Aviões cruzam no céu a todo instante. É a mostra autêntica do desenvolvimento. Texaco ajuda a impulsionar a Nação no rumo do progresso. Desenvolve técnicas e serviços especializados para a conservação de equipamentos industriais. Sua linha de produtos reúne os melhores óleos e graxas automotivos e industriais, para qualquer tipo de máquina ou veículo. Texaco ajuda a movimentar o Brasil!

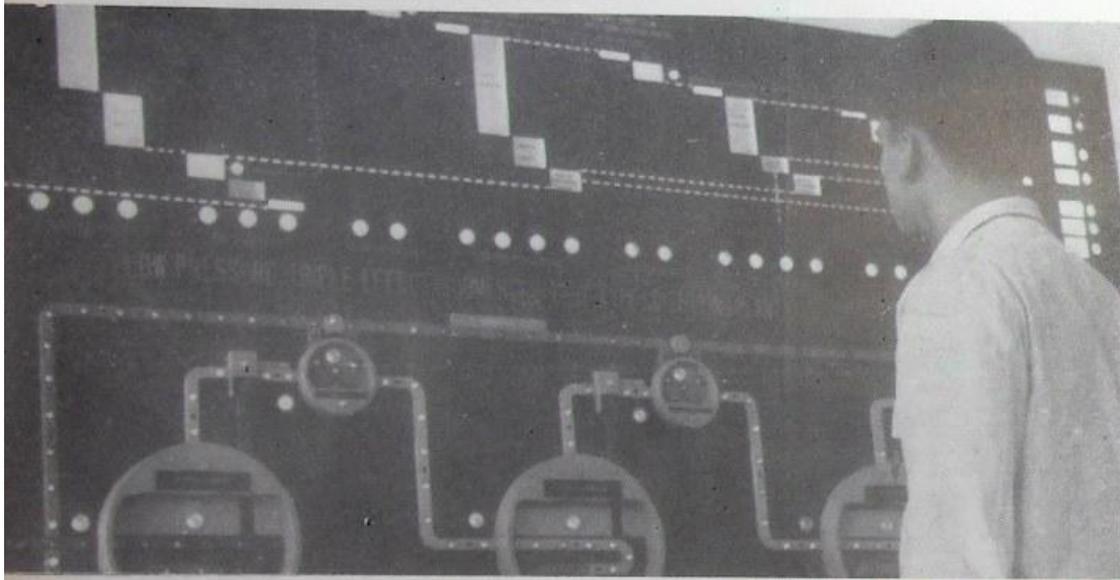


**TEXACO BRASIL S. A.**

*Produtos de Petróleo*

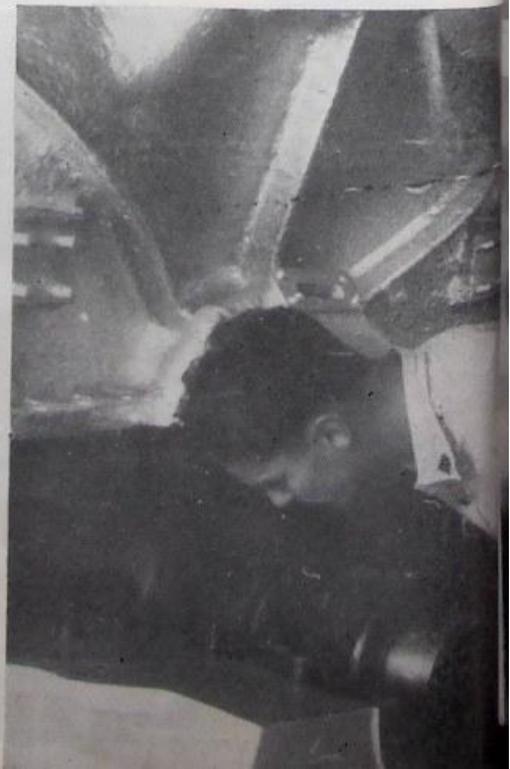


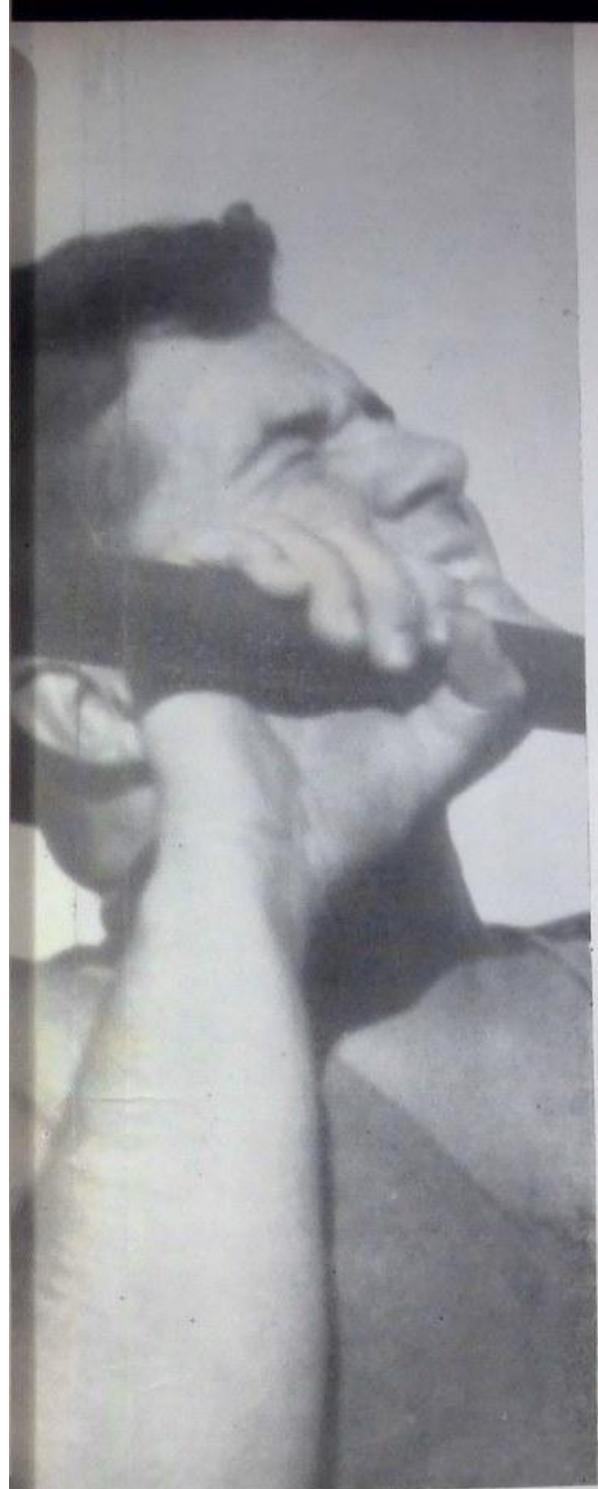
**OS ASPIRANTES  
SOMOS  
ASSIM**



A máquina  
do mundo  
se entreabriu

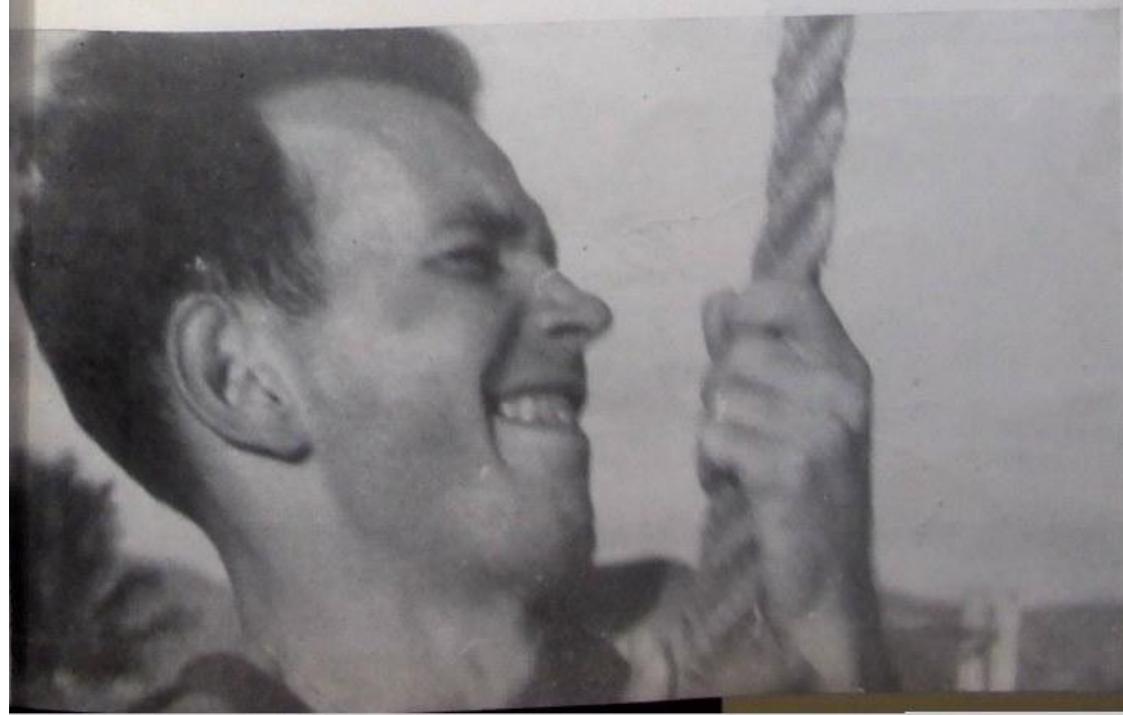
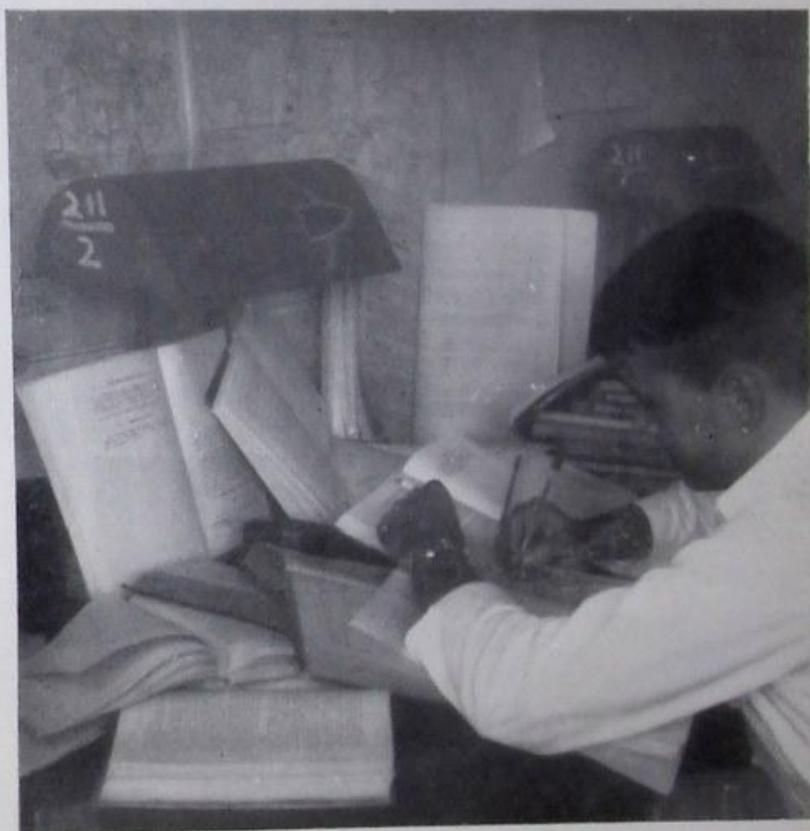
*Carlos Drummond de Andrade*





E conhecestes as mais  
secretas amarguras.

*Augusto Frederico Schmidt*

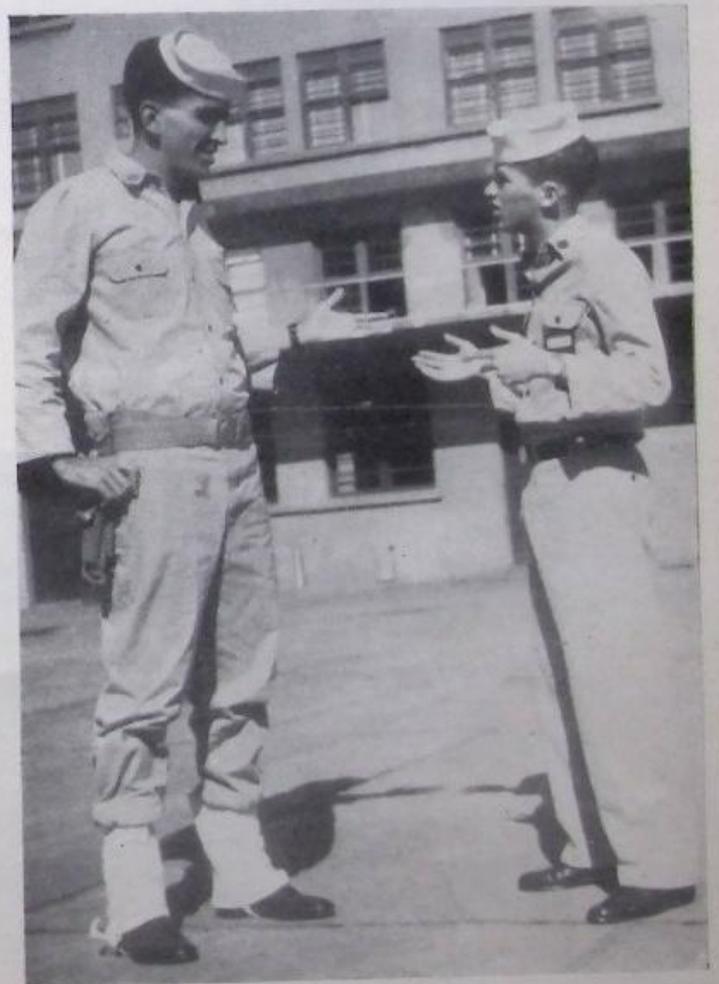




Em um sistema isolado, as transformações que ocasionarem aumento de desordem ocorrerão de preferência àquelas em que não houver modificação da ordem.

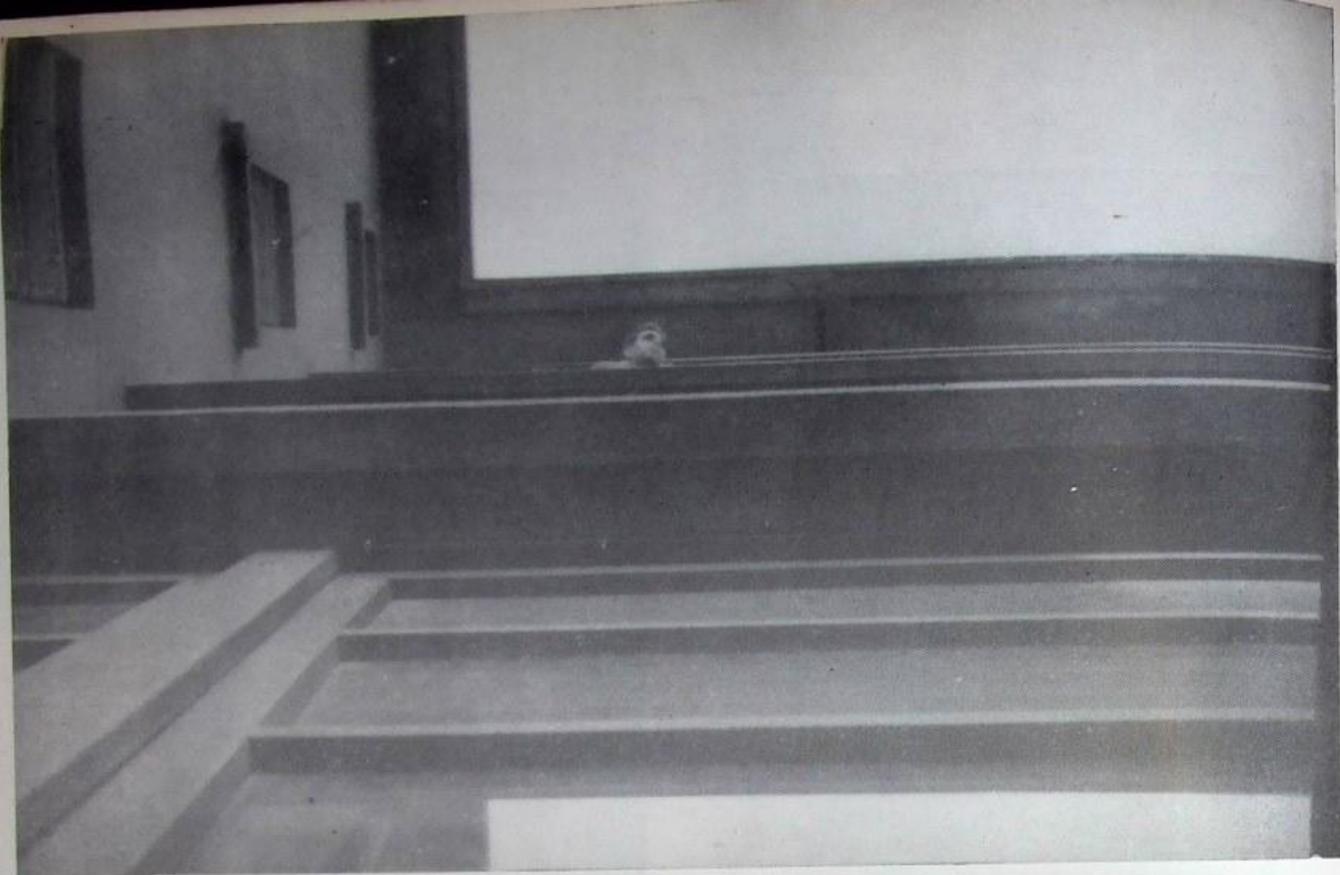
(2.º Princípio da Termodinâmica)





Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa... senão em virtude da lei

(Da Constituição Federal)



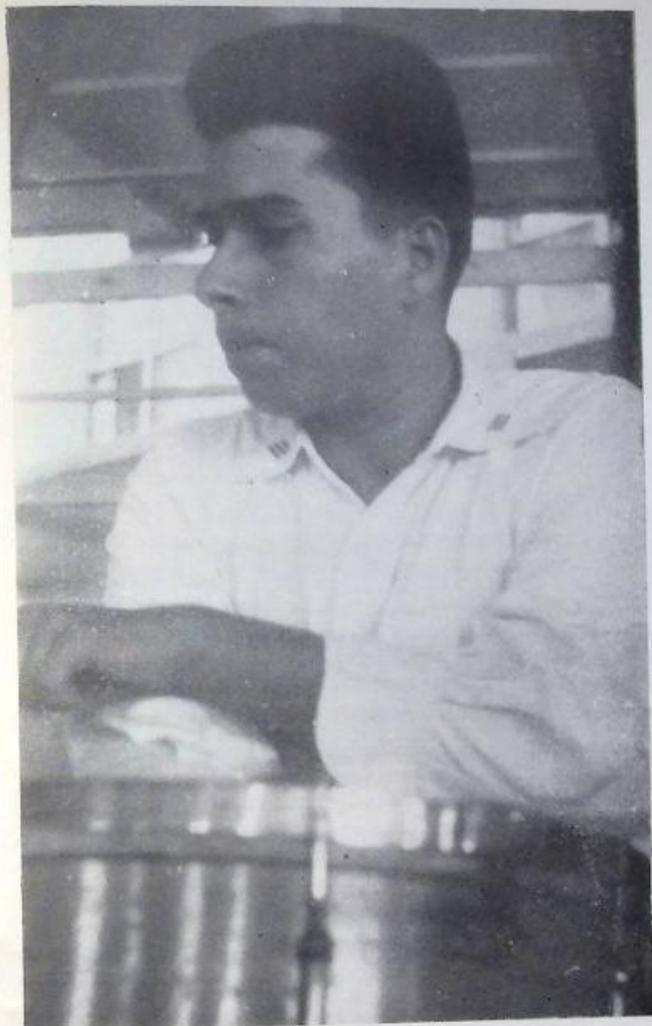
Não se vêem mais as flôres.  
Onde estão elas?

Eugênio Goluchenko



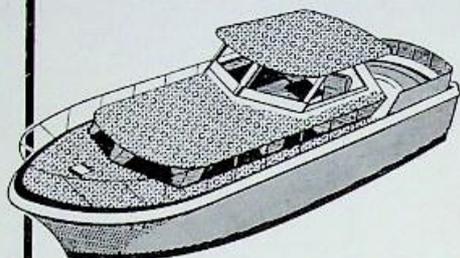
E no entanto é  
preciso cantar...

*Vinicius de Moraes*



*Realce o seu bom gosto*

**TORNANDO O SEU IATE  
MAIS DECORATIVO  
COM REVESTIMENTO DE  
VULCOURO REFORÇADO**



- Belíssimos padrões
- Firmeza de cores
- Resistência extraordinária
- Durabilidade ilimitada
- Na decoração moderna e inúmeras outras aplicações

**VULCAN MATERIAL PLÁSTICO S.A.**

Escritório: AV. RIO BRANCO, 156 - (20.º) - Tel. 42-6010 - 46-4066  
Caixa Postal 4400 ZC 21 - Telegramas: "VULCAFILM"

# O MILITAR. A PAZ E A GUERRA

Luiz Carlos Rodrigues Pereira

*Nós os militares somos considerados nos dias de hoje como símbolo de guerra e destruição.*

*Sim, a vida artificial em que vive o mundo, devido ao incomensurável progresso tecnológico causa o retrocesso dos sentimentos, pois, cada vez mais regride a face espiritual do homem. A honestidade, a lealdade e o altruísmo, principalmente este último, são princípios que não têm mais a devida consideração.*

*A desonestidade, a deslealdade e o egoísmo imperam na face da terra e com eles os homens se destroem. Causam a agitação, a miséria, a fome e destas desgraças resultam as greves, revoluções, destruições e mortes. Daí encontram-se os militares, constantemente, envolvidos nestes atos, que são reflexos da vida agitada, sem a paz interna e calma emocional, que a humanidade atravessa.*

*A função real dos militares é a manutenção da paz, mas para isso é necessário maior compreensão e união entre os seres.*

*Para a união, para a família constituída, para a compreensão, para a tranqüilidade espiritual precisamos ser convictos dos princípios de honestidade, lealdade e altruísmo. Destas convicções teremos como resultado o fim das guerras, revoluções e greves e daí o militar passará a cumprir suas verdadeiras funções.*

*Santos Dumont, pai da aviação, inventor do avião, suicidou-se desiludido com o emprêgo que foi dado a seu invento, utilizado como arma de guerra na Revolução Constitucional de São Paulo e na Primeira Guerra Mundial. Suicidou-se desiludido com seus semelhantes.*

*Santos Dumont é o inventor do avião, mas não daquele avião que jogou uma bomba atômica em Hiroshima, nem daqueles que bombardearam Dunquerque, Londres e Berlim.*

*O avião de Santos Dumont seria o que uniria mais os povos que socorreria os necessitados e que traria mais rapidamente as notícias dos familiares distantes.*

*Os homens se destroem uns aos outros, sabem disso e nada fazem para por fim a esta situação. Um semelhante destrói o outro, destruindo a si mesmo.*

*Só a reforma moral, do caráter, porá termo a este estado de intranqüilidade e de aflição.*

*Quando a paz reinar, quando a miséria e a fome forem reduzidas a um mínimo, quando vivermos com tranqüilidade interna e paz emocional, quando pudermos nos dirigir uns aos outros abertamente, sem receios ou desconfiança, nem a pomba branca será um símbolo tão vivo e expressivo da paz quanto a ferrugem dos canhões.*

## Serviços Marítimos

## Camuyrano S. A.

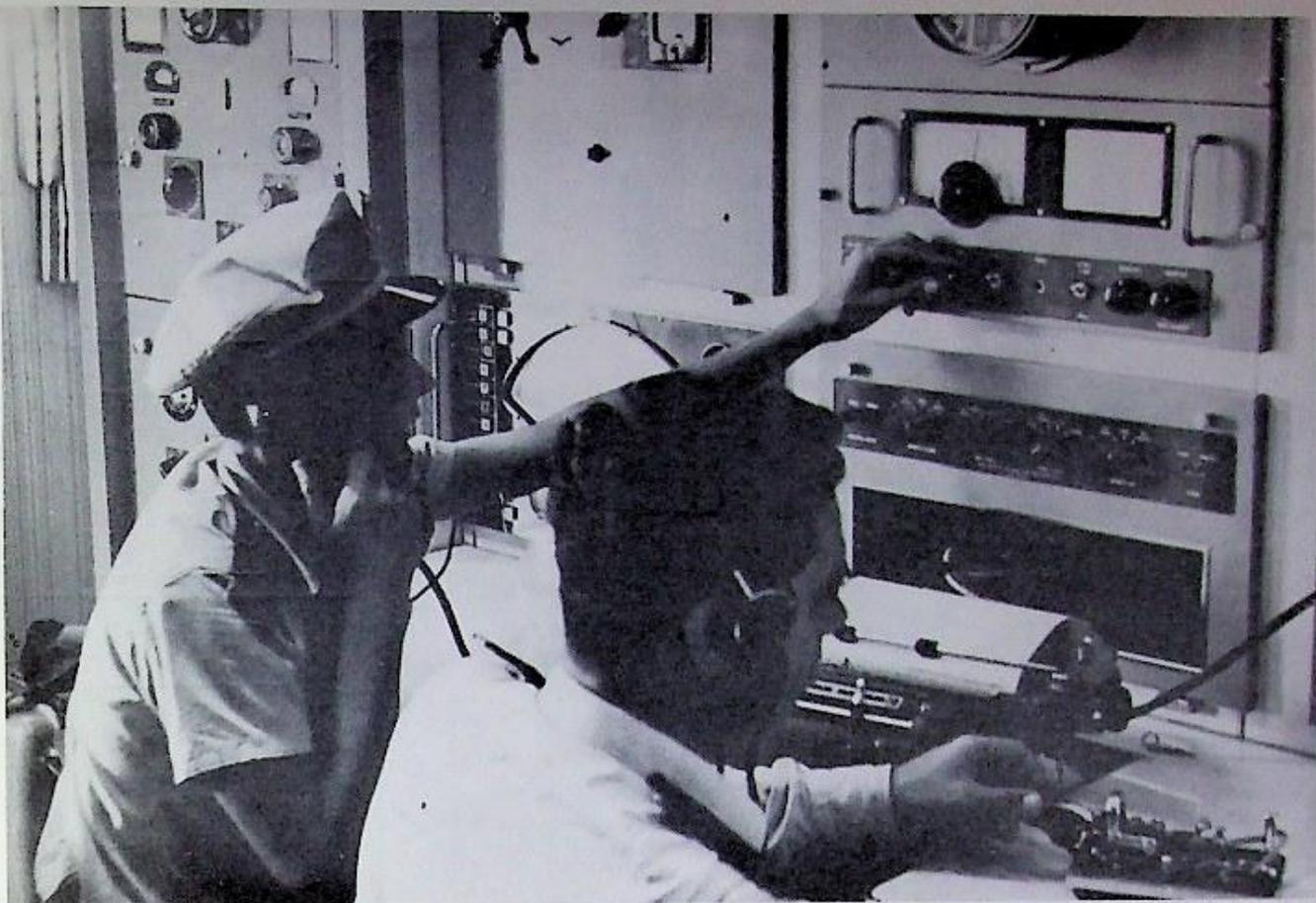
REBOCADORES PORTUÁRIOS  
E DE ALTO MAR  
ESTALEIRO E OFICINA

— ★ ★ —

ESCRITÓRIO:  
AVENIDA RIO BRANCO, 14-19.º

TELEFONES: 23-1524  
23-8883

RIO DE JANEIRO



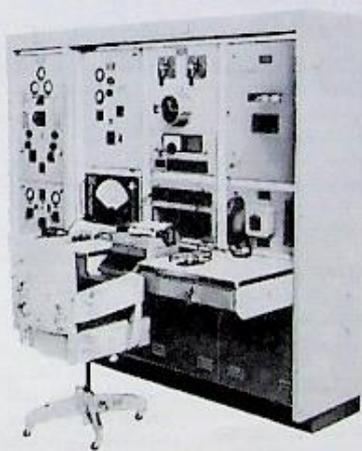
O Console Rádio-Naval em uso a bordo do "Barão de Jaceguay"

## ÊLES NUNCA ESTÃO SÓS...

São navios brasileiros, construídos por brasileiros, que demandam os sete mares... Brasileiros construíram também o equipamento de telecomunicações que os protege, o mais completo equipamento de comunicação marítima, produzido no Brasil pela Standard Electrica. O moderníssimo Console Rádio-Naval 8/101 assegura perfeita e instantânea comunicação entre navios e postos de terra por telefonia ou telegrafia, sendo dotado igualmente de um sistema automático de transmissão e recepção de pedidos de socorro.

A Standard Electrica orgulha-se de contribuir para a segurança de possantes navios como o "Barão

### VIAJAM SOB A PROTEÇÃO DO CONSOLE RÁDIO-NAVAL 8/101



de Mauá", o "Barão do Rio Branco" e o "Barão de Jaceguay", construídos pela Cia. Com. e Navegação, o "Buarque", construído pela Ishikawajima, o "Henrique Lage" e o "Pereira Carneiro", construídos pela Verolme, todos para a frota do Lloyd Brasileiro. Além desses, petroleiros para a Petrobrás e para a Fronape e outros navios em construção pela nova indústria naval brasileira estão sendo equipados com o Console Rádio-Naval Standard Electric, produzido segundo os mais rigorosos padrões internacionais.

A experiência mundial da ITT está há 37 anos a serviço do Brasil, através da Standard Electrica.

sistemas telefônicos PABX • crossbar pentaconta • sistemas de micro-ondas • consoles rádio-navais repetidores de TV • serviços contratuais e manutenção de sistemas telefônicos • aparelhos de rádio e televisão



**STANDARD ELECTRICA**

ASSOCIADA A ITT PADRÃO MUNDIAL EM ELETRÔNICA E TELECOMUNICAÇÕES

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • RECIFE • CURITIBA • BELO HORIZONTE • PORTO ALEGRE

# PESQUISANDO O FUNDO DO MAR

Adhebal Caminada Netto

Atualmente, com o avanço acelerado da ciência e da técnica, a pesquisa oceanográfica pode ser levada a incríveis profundidades graças a engenhosas embarcações especialmente projetadas para este fim.

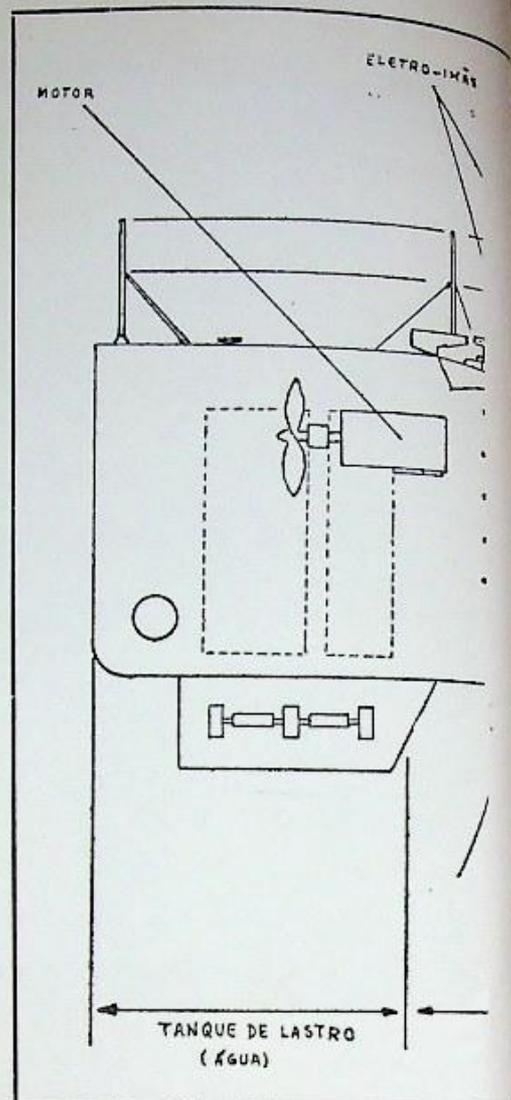
A história da criação e realização de tais engenhos é extremamente fascinante, mas também longa demais para ser contada aqui. Será, no entanto, dada ao leitor uma noção sucinta do que tem sido feito pela humanidade no sentido vertical.

Desde a mais remota antiguidade os navegantes sentiram necessidade de efetuar sondagens para evitar o encalhe em águas rasas. O processo de lançar um peso de chumbo preso à extremidade de cabos de comprimento conhecido era então utilizado e continua sendo até hoje.

Quando chegava o fim da plataforma continental, no entanto, os cabos deixavam de ser suficientemente longos para atingir o fundo. Só restava aos homens da época o recurso da imaginação para oferecer explicações sobre o invisível e impenetrável reino de Netuno.

As lendas e mistérios a respeito do mar foram acumuladas com o correr dos séculos incutindo nas populações o respeito e o temor. Com o advento da Renascença alastrou-se por toda a Europa um espírito aventureiro que parecia morto desde os tempos das Cruzadas. A sede de novas sensações, a vontade firme de enriquecer e o espírito inventivo desta fase voltaram os olhos dos países marítimos para a pesquisa e utilização intensa dos oceanos. Foram descobertos novos continentes e o homem alastrou seu domínio por todo o globo. A Oceanografia, devido aos poucos recursos materiais e técnicos da época, continuou, apesar de tudo, muito restrita, consumindo vidas e ideais em um esforço quase vão.

O final do século XIX e o início deste século presenciaram o impulso extraordinário fornecido ao estudo dos mares pelo crescente número de conhecimentos científicos e realizações no campo da técnica apresentados pelas nações mais desenvolvidas. Estados Unidos, França, Inglaterra, Noruega e muitos outros países atiraram-se com afinco no conhecimento do oceano, e cada vez maior número de embarcações é construído com o propósito de explorar as profundezas.



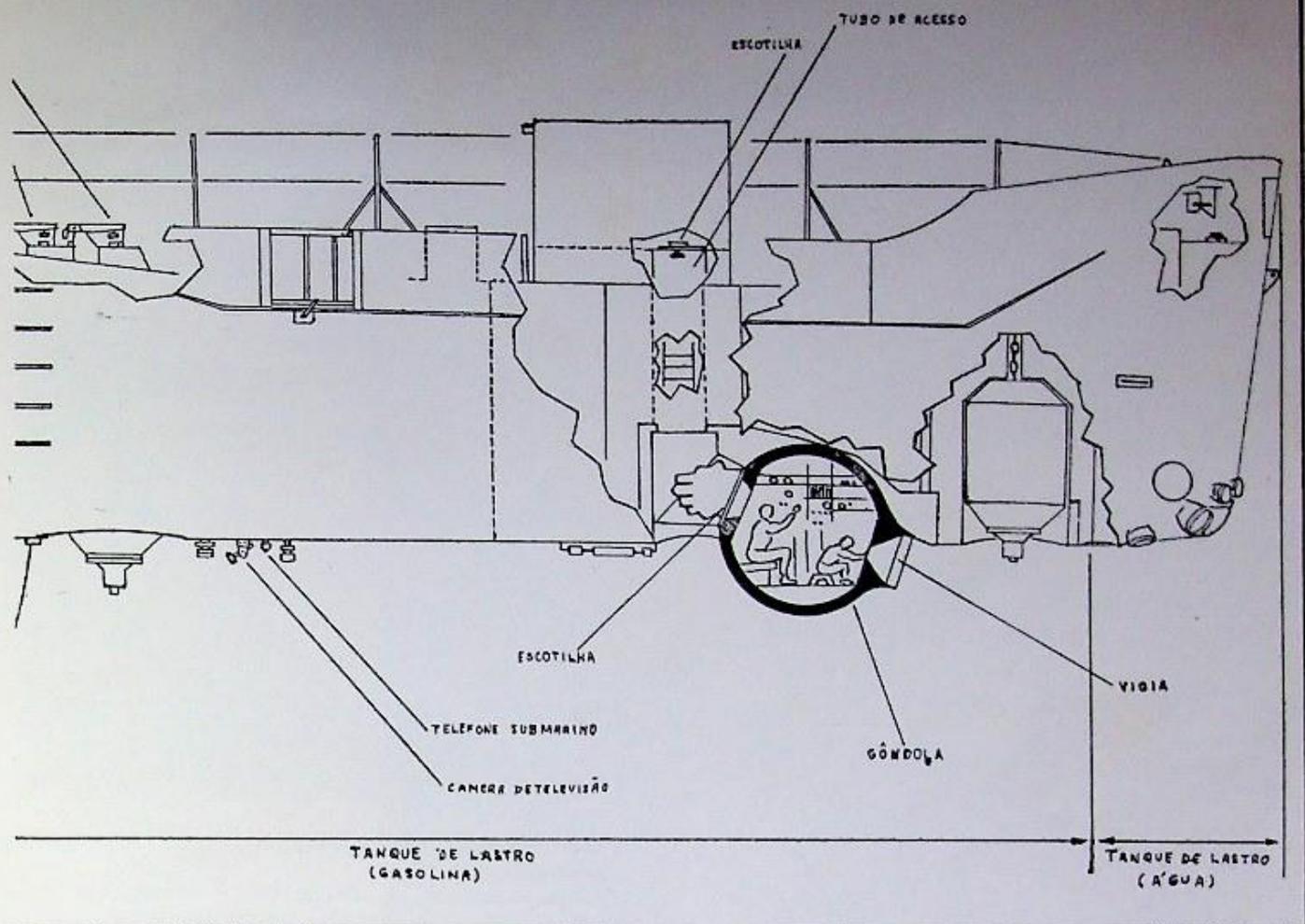
Na década dos 30 tornou-se famoso em toda a Europa o nome de Auguste Piccard, professor suíço da "Université Libre de Bruxelles". Contando com ajuda pecuniária do "Fonds National de la Recherche Scientifique" este sabão realizou várias ascensões em balão a estratosfera (16.940 metros de altura) e, juntamente com Max Cosyns da mesma universidade, criou um novo tipo de embarcação que chamou batiscaro — palavra que vem do grego pela junção de outras duas: bathys — profundo e caphe — barco — e que recebeu o nome de FENS II em homenagem a seus patronos (o FENS I foi o balão estratosférico financiado pelo mesmo organismo).

Houve, porém, predecessores do batiscaro, as batisferas. Inventadas pelos americanos William Beebe, biólogo e Otto Barton, engenheiro, estes engenhos apresentavam o grande inconveniente de permanecerem ligados ao navio durante a imersão, por um cabo de aço, cuja ruptura representaria a irremediável perda do aparelho e de seus tripulantes. Ainda assim, durante alguns anos os dois cientistas realizaram imersões alcançando profundidades fantásticas para a época. O professor Beebe descreveu suas impressões em um livro, marcado por seu entusiasmo e coragem.

O batiscaro é a transposição para o domínio líquido do princípio dos balões mais leves que o ar. Uma esfera de aço aloja dois ou três passageiros e todo o material que não pode ser colocado no exterior. Para assegurar a flutuabilidade, a carcaça age como flutuador pois está cheia de uma mistura muito leve (por exemplo, gasolina de aviação), da mesma maneira que o gás nos balões.

As paredes da esfera são calculadas para resistir às pressões encontradas nas grandes fossas abissais. O restante da estrutura é construído com material de menor espessura, pois é colocado à mesma pressão externa por meio de tanques de flutuabilidade abertos na parte inferior do casco em contato direto com o mar.

O aumento gradativo da pressão com a profundidade torna necessária esta comunicação com o exterior, pois a água penetrando livremente compensa a perda de volume da mistura devida à compressão.



Os tripulantes tem acesso à esfera por meio de um agulheiro semelhante ao dos submarinos, e uma vez lá dentro estão isolados do resto da estrutura e protegidos contra as enormes pressões externas pelas grossas paredes de aço.

Para retornar à superfície é necessário soltar o lastro que é constituído de grãos de aço contidos em receptáculos cilíndricos verticais que atravessam o flutuador. A saída é bloqueada por eletro-ímãs. Assim, o corte da corrente elétrica que alimenta os ímãs é traduzido por um escape de lastro e consequentemente para tornar-se mais leve o engenho. Se ocorrer qualquer avaria neste circuito, o corte total de corrente provocará o escape de todo o aço e, portanto, o retorno assegurado à superfície.

A energia para os motores de propulsão, equipamentos científicos, flashes eletrônicos, aparelhos de navegação e qualquer outro utilizador elétrico é fornecida por várias baterias, semelhante ao que acontece nos submarinos.

Em 1950 foi assinado um convênio entre vários órgãos, inclusive o FNRS belga, e a Marinha da França para a construção de um novo barco, o FNRS III, que conservava a gôndola esférica primitiva, mas com um novo tipo de flutuador. Desde seus primeiros testes esta embarcação já realizou centenas de mergulhos, todos em profundidades inferiores a 4 000 metros, máxima imersão para que foi projetado.

O incansável professor Piccard não se contentou com os sucessos anteriores e em 1952, juntamente com seu filho Jacques, começou a construir o "Trieste" com ajuda francesa, italiana e suíça. A construção terminou em 15 meses. Em 1957 o batiscafo foi arrendado à Marinha americana para avaliar suas possibilidades. Os primeiros testes foram coroados de pleno sucesso, tanto assim que os americanos adquiriram o "Trieste" em 1958 de seu inventor.

Várias imersões foram realizadas pelo "Trieste" a grandes profundidades. Em novembro de 1959 alcançou uma profundidade de 5.669 metros, em princípios de janeiro de 1960 submergiu a 7.315 metros e logo após atingiu 11.521, mergulhando na fossa das Marianas perto de Guam, no Pacífico. Nesta última aven-

tura tripulavam o barco Jacques Piccard e o comandante Don Walsh da Marinha americana.

Atualmente o batiscafo "Trieste" foi completamente remodelado, aproveitando somente a gôndola do modelo anterior. Sua primeira missão operacional após ter sido lançado em San Diego, Califórnia, teve como objetivo a busca dos restos do submarino "Thresher" desaparecido sob o Atlântico, no dia 10 de abril de 1963. Esta missão foi plenamente bem-sucedida e possibilitou a recuperação de restos do submarino para estudo e análise dos técnicos e cientistas.

A França igualmente tem se preocupado com os problemas oceanográficos, e recentemente lançou o batiscafo "Archimède" capaz de realizar explorações a grandes profundidades.

Existem outros tipos de embarcações para a pesquisa sob as águas, como o "disco mergulhador" do comandante Jacques-Yves Cousteau. Outros ainda não passam de projeto como o "Aluminant", submarino todo de alumínio imaginado pelos franceses.

O estudo científico das grandes profundezas levado a cabo com veículos do tipo dos batiscafos pode significar, com o correr do tempo, maior abundância de alimentos para a crescente população mundial, maior quantidade de minerais e combustível para os vários usos industriais.

Há muito ainda que aprender sobre os oceanos. Deve ser descoberta a razão porque certas partes do solo submarino são cobertas por algas e plantas e outras são completamente desertas. É preciso conhecer o sistema de vida dos diversos tipos de peixe e suas condições ideais de reprodução e crescimento. Assim como estas, milhares de outras indagações permanecem sem resposta.

Dia a dia o homem se compenetra mais da real necessidade de levar a sério o estudo dos mares. O número de técnicos e cientistas em assuntos submarinos se multiplica nas principais nações marítimas. Instituições são criadas e os governos tomam para si o problema. Estamos certos que em futuro próximo a utilização dos recursos marítimos far-se-á em escala quase tão grande quanto é feita em terra firme. Os benefícios disto são imprescindíveis e as possibilidades incontáveis.



# APRE SEN TO-LHES OS FNs

Paulo Ferreira da Silva

Eles aprendem a fazer a Guerra Anfíbia. São Aspirantes Fuzileiros Navais.

Nos vários anos de contato com o terreno, com o mar e com os livros assenhoriam-se dos combates técnicos, do manejo e emprêgo de material de guerra moderno.

O Aspirante Fuzileiro Naval, ao longo de seu curso de 4 anos na EN, vai-se, aos poucos, familiarizando com as coisas da profissão. Seu preparo não é apenas acadêmico e explica-se por quê: o CFN é uma força que cresce a cada dia. Assim sendo, muitas vezes o Oficial recém saído da Escola vai desempenhar funções de postos superiores ao seu. De sua capacidade se exige, então, o máximo. É, pois, indispensável que esteja bem preparado, profissional e psicologicamente.

Eis aí um dos porquês do cuidado com a formação dos Aspirantes Fuzileiros.

Dá gosto vê-los no seu cáqui de campanha, equipamento completo, arrostar as madrugadas cortantes, para exercícios no campo. Aí o Fuzileiro se torna mais vibrador. É no campo que ele forja sua alma de profissional. É bom ouvir o pipocar das metralhadoras, o ribombar das granadas percutentes e de tempo, despedaçando os alvos, em certas eficácias. O Fuzileiro vibra, então. E nos combates noturnos, ao clarão dos tiros iluminativos, ele até descobre um lado poético na guerra... Aí está um motivo de vibração dos FNs.

A guerra de campo, o combate técnico, a operação anfíbia, revelam ao indivíduo uma dimensão nova de sua força. Enrijecem-lhe o espírito, os músculos, os nervos. Fazem-no senhor de sua vontade e de suas ações. É por isso que os Fuzileiros nos orgulhamos ao sermos encarados como equipe ímpar.

A Escola Naval tem-nos dado, através dos seus Departamentos, particularmente o de Operações de Desembarque, as ferramentas necessárias ao cumprimento de nossas missões. Temos aprendido o bom manejo destas ferramentas. Fiquem certos os nossos instrutores de que elas foram entregues a boas mãos. Estamos resolvidos a fazer delas uso prudente, mas decidido.

Imbuídos, pois, de um elevado espírito de corpo e de brasilidade, tudo faremos pelo Brasil, pela Marinha do Brasil, pelo Corpo de Fuzileiros Navais.

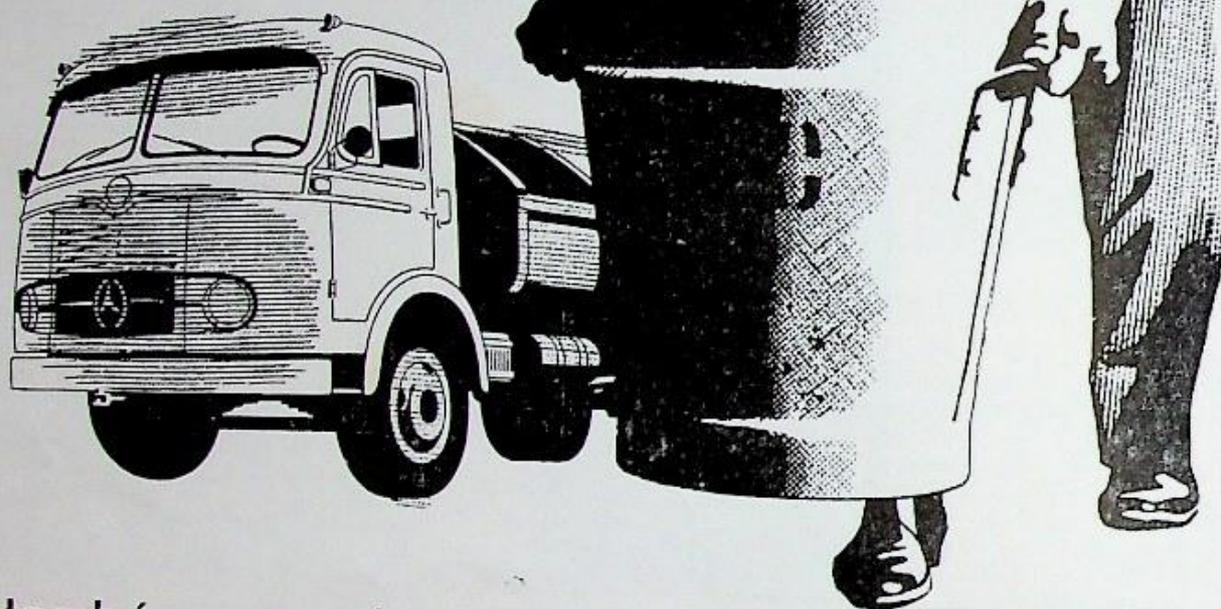


*O Sr. Comandante do Centro de Recrutas distribuindo pequenas lembranças de sua unidade*



*Planejamentos antes de partir para o campo, no interior de uma barraca.*

no serviço contínuo



também em curta  
e média distâncias  
**Mercedes-Benz**  
é melhor negócio!



O transporte em serviço contínuo, em curta e média distâncias, exige muito mais de um caminhão, em resistência, economia e durabilidade, do que o transporte em longa distância. O motor é mantido muitas horas em funcionamento, alternando marchas lentas e regimes variáveis. A combustão total e perfeita que o sistema Mercedes-Benz proporciona, combinada com um regime térmico extremamente estável, permite grande economia de combustível (que é mais barato) e evita o desgaste prematuro do motor. Livre de falhas elétricas e possuidor de um balanceamento original e correto entre motor, órgãos de tração e demais componentes do veículo, o caminhão Mercedes-Benz Diesel permite alcançar, com elevada rentabilidade, máxima eficiência no transporte em serviço contínuo, em curta e média como em longa distâncias.

**MERCEDES-BENZ**  
Sua boa estrela em qualquer estrada



# CANÇÃO DO MAR

Hamilton Elia

O MAR  
aos meus ouvidos um clamor levanta,  
e canta!

Canta a agonia dos naufragos dispersos,  
a carícia das quilhas no ventre das ondas,  
os relâmpagos das gaivotas,  
a pulsação das hélices inquietas!

Canta a aventura dos primeiros barcos  
que se arrojaram na amplidão sem lêmpos,  
mastros em risco, corações oprimidos  
pela ansiedade de encontrar o mundo!

Canta o mistério dos abismos densos,  
com templos verdes submergindo sempre!  
E os seres prodigiosos que se entranham  
no grande seio de esmeralda líquida!

É o canto vem vindo e crescendo,  
marola de sons incessante,  
que se alteia e se abate a todo instante  
e os meus ouvidos captam, como búzios  
e ficam ressoando... inacessavelmente!

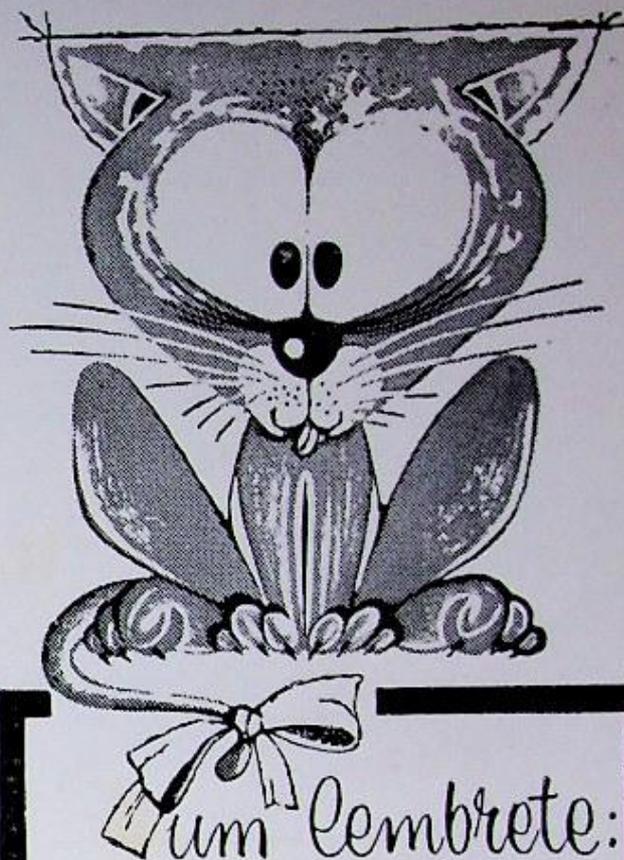
Canta o MAR!  
Canta o MAR!  
Deixa-me só e abandonado,  
a escutar!

As vezes, pareço distinguir vozes:  
eias, urros, ordens, gritos, ecos, ais!

Talvez os eias dos marinheiros,  
talvez as ordens aos almirantes,  
talvez os gritos dos navegantes,  
talvez, os ecos dos temporais.

É o som vem vindo, vem às mancheias  
nos meus ouvidos a desmanchar.  
É a voz dos naufragos? das sereias?

É a voz do abismo.  
É a voz do MAR!



um lembrete:  
**CÊRA CRISTAL**<sup>\*</sup>  
é mais durável e econômica!

No brilho e conservação, dá  
ao assoalho, mármore e ce-  
râmicas, beleza permanente.

\* sólida ou líquida, nas cores:

- branca
- amarela
- vermelha
- laranja

produto de qualidade da  
**UNIÃO FABRIL EXPORTADORA**



névio macedo prop.

# ARGONAUTA

Colta



Outro dia encontrei com um reator. Foi uma dessas visitas da Escola, em que o ônibus vai cheio e tem sempre alguém p'ra ser gozado. Batemos um longo papo, eu contando alguma coisa do que se faz nesta ilha de Villefranche e ele, algumas de suas recentes façanhas. Como eu insistisse ficou de contar-me, com paciência, quem era e o que fazia. E aqui vai o relato, em suas próprias palavras:

"Primeiramente faço questão de apresentar-me. Moro nesta colina aqui na ilha do Fundão, Cidade Universitária. É um pouco longe, reconheço, mas há bastante condução. Sou privilegiado, pois vejo tudo, lá de cima. A ilha e a baía. De Guanabara é claro. Da minha família existem 24 disseminados em 10 países, e eu sou o caçula. Possuo também dois parentes em São Paulo, porém um pouco afastados. Meu primeiro nome é Argonauta, e de família é reator mesmo. Brasileiro, filho de técnicos brasileiros.

Trabalho para o Instituto de Energia Nuclear e dedico-me unicamente a pesquisas. Meu organismo funciona pelo processo de reação em cadeia e é de Urânio-235, revestido de grafite. Quando preciso trabalhar tomo uma dose de nêutrons — pastilhas de Americio-Berílio — sempre mantidos em bom nível por minhas barras de controle.

Dou aulas a especialistas em operação de reatores nucleares, práticas do curso de engenharia e técnica nuclear e faço estudos e experiências em geral sobre operação e utilização dos reatores. De vez em quando introduzem algo em meu estômago, os meus operadores. Dizem que é para ver como reage.

E ao terminar perguntou-me:

— É verdade que está aí um pintor? Ao que lhe respondi afirmativamente. E completou.

— Não sei qual é a concepção que ele fez de mim. Um "quadrado", talvez. Mas que culpa tenho eu de ter nascido assim?"

**Papelaria - Artes gráficas - Papeis em geral**

**C. T. COSTA DE PAPEIS S. A.**

**Loja : Av. Churchill, 129-A**

**Depósito : R. André Cavalcanti, 145-B**

**Tels.: 22-7539 e 52-0672**

**Artigos para Escritório e Desenho**

## PRA SEU GOVÊRNO

Foi o grande Herbert, almirante inglês, quem introduziu na História o princípio do "fleet in being" (esquadra em potencial) para aparentemente justificar a inércia de seus navios ante a esquadra francesa. O que a Rainha Anne não engoliu sem, antes, algumas explicações. Vai daí resolvemos criar o princípio da revista em potencial, para justificar a necessidade de juntar alguns fatos e fotos que já se iam perdendo em nossos arquivos. Mesmo porque, para nós, tudo é notícia.



# Galera

A Galera era um estreito e comprido barco à vela, geralmente movido por meio de remos. Algumas tinham 160 pés de comprimento e 32 pés de largura; possuíam, via de regra, pouco mais de 50 remos, cada um dos últimos tendo seis ou mais remadores para movimentá-los. Esses homens, que usavam cadeias nos pés e eram, em geral, prisioneiros, turcos ou réus convictos, trabalhavam por longo tempo nesses barcos, que foram largamente usados pelos italianos.

Assim definido, o nome da nossa revista faz-nos lembrar um navio medieval, recordando uma época aparentemente cruel e repleta de tesouros, mistérios e torturas. Mas, na realidade, esses barcos, que tinham dois ou três mastros, mastros que mais serviam aos interesses artísticos e estéticos dos construtores do que para aproveitar os ventos do Mediterrâneo, construíram parte do poder e da glória do comércio das cidades-estado da Península Itálica. Os remadores, que mais tarde seriam recrutados nos portos militares e docas da França, Espanha e Itália, recebiam tratamento humano e mesmo que assim não fosse, os trajetos de Gênova e Veneza a qualquer porto do Mediterrâneo não eram longos.

As galeras tinham, como todo barco a remos, pequeno raio de ação. Limitadas ainda mais pela proximidade do Império Otomano, contra o qual guerreavam constantemente os cristãos, ficaram elas restritas, principalmente, ao Mar Adriático, embora fossem usadas em todo o Mediterrâneo.

Com o progresso no uso dos panos, que atingiu o máximo com a atuação das caravelas portuguesas de alto mar, as galeras caíram em desuso. Seu tipo pesado e retangular ficou obsoleto e delas só nos restam alguns exemplares em museus e uma lembrança poética dos tempos gloriosos em que o mar significava a guerra e a paz, a vida e, muito provavelmente, também a morte.

FORNEDOR DE MATERIAL ESPORTIVO  
PARA NAVIOS E ESTABELECIMENTOS NAVAIS

EQUIPAMENTO  
PARA TODOS OS DESPORTOS

**CASA NAIR**  
Atende de esporte em geral  
AV. MARCHEL STORIANO nº 79  
TEL. 433464



A cartoon illustration showing a group of sailors in various uniforms and hats. One sailor in the foreground holds a sign that says 'RUHO CASA NAIR'. Another sailor holds a sign that says 'CASA NAIR'. A third sailor holds a sign that says 'DITALE'. A small black cat is sitting on the ground in the foreground. The background is a simple black and white line drawing.



Indústrias Reunidas  
Caneco S. A.

FUNDADA EM 1886

Premiada nas exposições de 1908 e 1922  
com medalha de ouro

Estaleiro Naval  
Calderaria Pesada  
Estruturas Metálicas  
Oficina Mecânica

Estaleiro:

Rua Carlos Seidl, 714 - Tel. 34-2060

# CRÔNICA DA DESPEDIDA

Paulo Ferreira da Silva

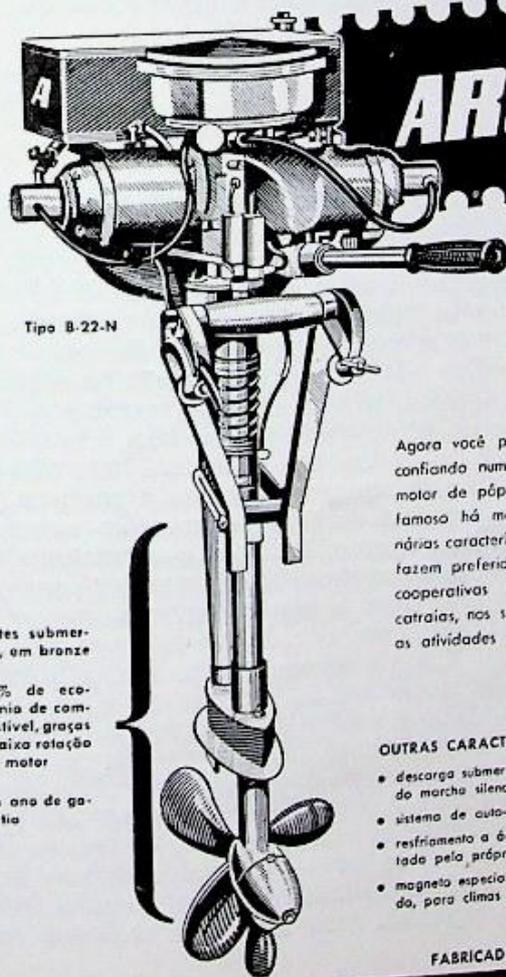
Há sempre um pouco de nós em cada pôrto. Pedacos de vida que, desavisados, muitas vèzes deixamos ficar. E agora, desatracados, quando vemos pela pôpa o borbulhar da esteira, que se afasta e se afasta para cada vez mais longe, há um pouco de nós também nesta espuma brilhante.

Ali, naquela nesga de terra, ficou uma história bonita. História naseida num olhar verde e encerrada no gesto simples do aceno de adeus.

Ah! Verde mar bravio! Quanta saudade não deve haver mergulhada em teu seio vasto! E quantas histórias não se terão ficado assim, semi-vivas, esbatendo-se no horizonte, em cujas curvas, que já se perdem de vista, há capítulos de vida inacabados!...

Fica, verde mar. Fica, mas faze-me o favor de, em tuas canções de noite de lua, dizer a estas brancas areias que eu morro de saudade. Chora e canta, verde mar! Alguém há de ouvir a tua voz. E por certo há de cantar também, e de chorar contigo.

A Fortaleza, onde há um capítulo inacabado de minha vida.



Tipo B-22-N

- Partes submersas, em bronze
- 50% de economia de combustível, graças à baixa relação do motor
- Um ano de garantia

#### OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

- descarga submersa, assegurando marcha silenciosa
- sistema de auto-direção
- resfriamento a água, movimentado pela própria hélice
- magneto especialmente blindado, para climas tropicais

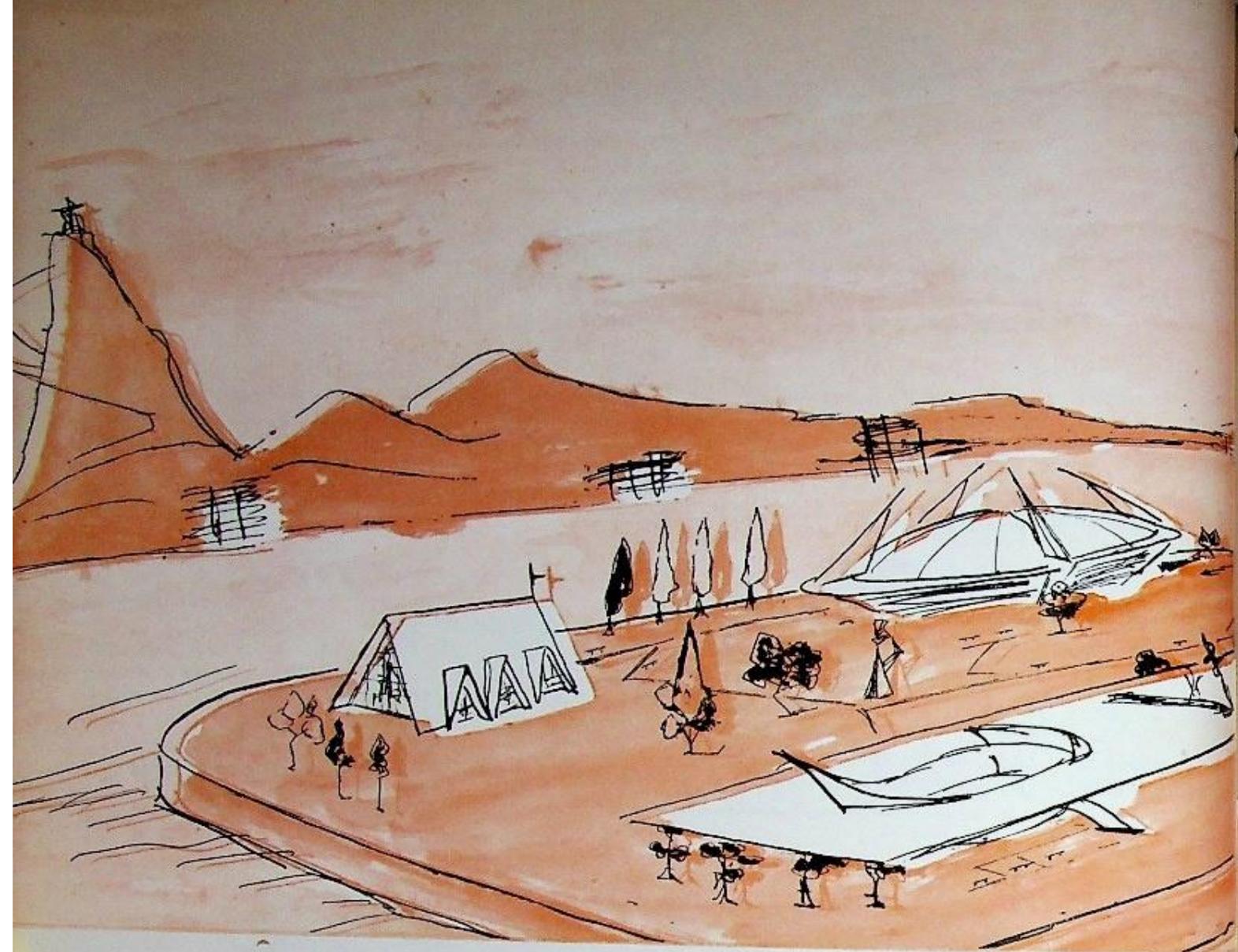
#### DADOS TÉCNICOS

potência	12 hp
ciclo de	2 tempos
rotações do motor	3.000 RPM
hélice	1.800 RPM
cilindros	2
combustível	8 H
peso líquido	50 k

FABRICADO NO BRASIL POR:

**CIA. T. JANÉR**

COMÉRCIO E  
INDÚSTRIA



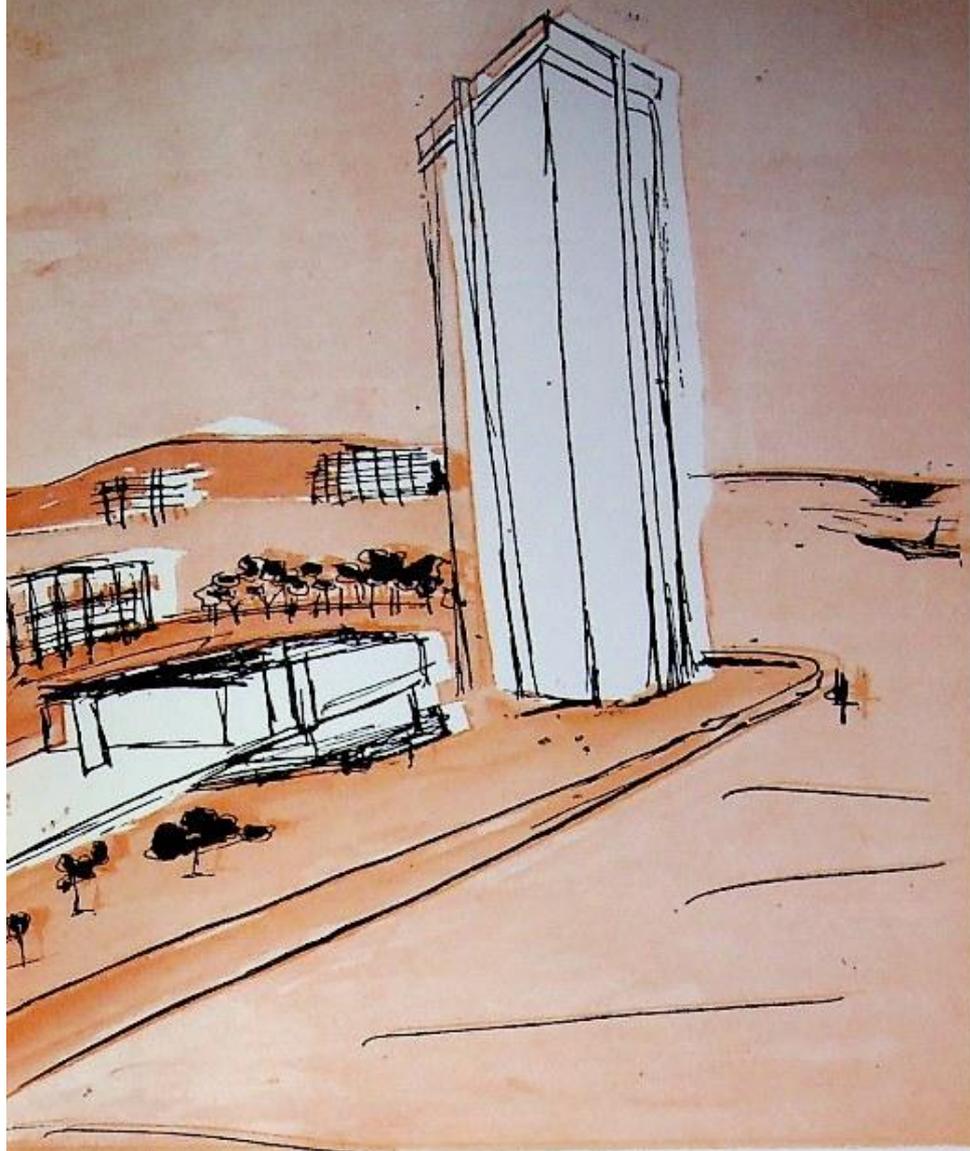
# DAQUI A UNS TEMPOS

pequeno  
esbôço  
à moda  
de projeto

Tem andado muito em voga, ultimamente, êste negócio de imaginar as coisas para o futuro. Os grandes magazines do mundo vêm apresentando em suas páginas os mais variados projetos sôbre bairros, cidades ou Estados para daqui a uns anos.

Não pretendemos, contudo, imitar ninguém. Nem sequer publicar matéria desta natureza só para estar na moda. Acima de tudo, queremos é complementar os trabalhos similares que têm sido feitos sôbre o nosso Rio de Janeiro nos quais, até hoje não se sabe porque, tem sido sempre esquecida a pequena, porém significativa ilha de Villegagnon. Não nos sentimos ofendidos ou aborrecidos com o esquecimento. Pelo contrário, ficamos satisfeitos por poder imaginar e esclarecer a ilha para o século seguinte, ao nosso modo, nada suspeito para isto. E, em primeira mão.

Tivemos de apelar para a estatística, ao tentar iniciar nosso trabalho. Como seria de se esperar. Após cuidadosa análise de amostragem, verificamos logo que a população tinha uma curiosa maneira de variar. E ficou claro que aspirante não muda, qualquer que seja a forma de apresentar os dados. Isto facilitou tremendamente as coisas, já que, embora o mundo caminhe no sentido vertical e rumo à Cibernética, agora, como há 157 anos atrás ou como daqui a 100 anos à frente, o aspirante terá a mesma maneira de ser, o mesmo



*Em visão panorâmica da nova Villegagnon, só não foi mesmo possível mostrar a Base de Submarinos da Escola, para instrução dos aspirantes, já que é subterrânea.*

modo alegre e espontâneo de ver as coisas. O que obrigará a Escola Naval a estar sempre adaptada a êle, uma vez que é sua própria essência e finalidade.

No próximo século, se a marcha continuar a mesma, é provável que as coisas por aqui estejam realmente um tanto diferentes. Os processos de ensino e os métodos de formação de homens terão, é certo, atingido impressionante grau de perfeição. E será preciso, então, instalações arrojadas para se aplicar com facilidade o novo sistema.

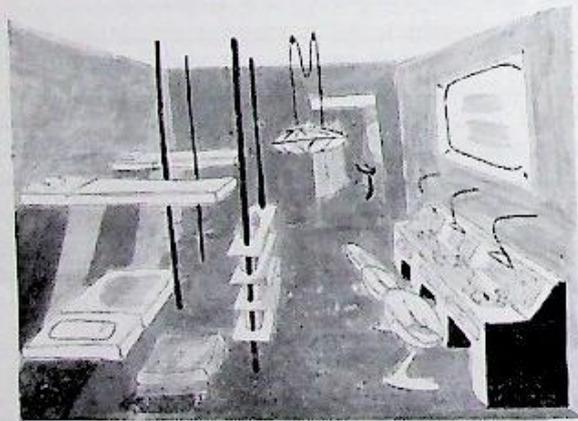
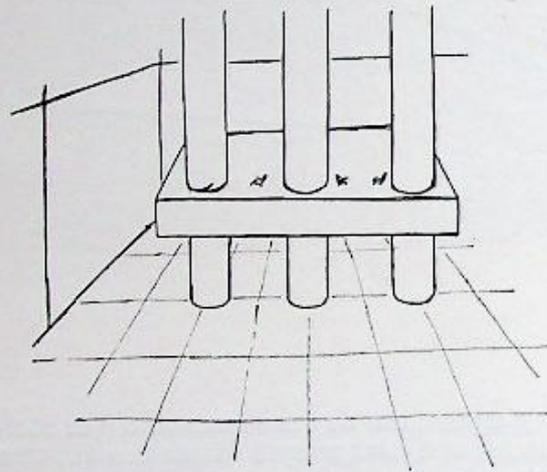
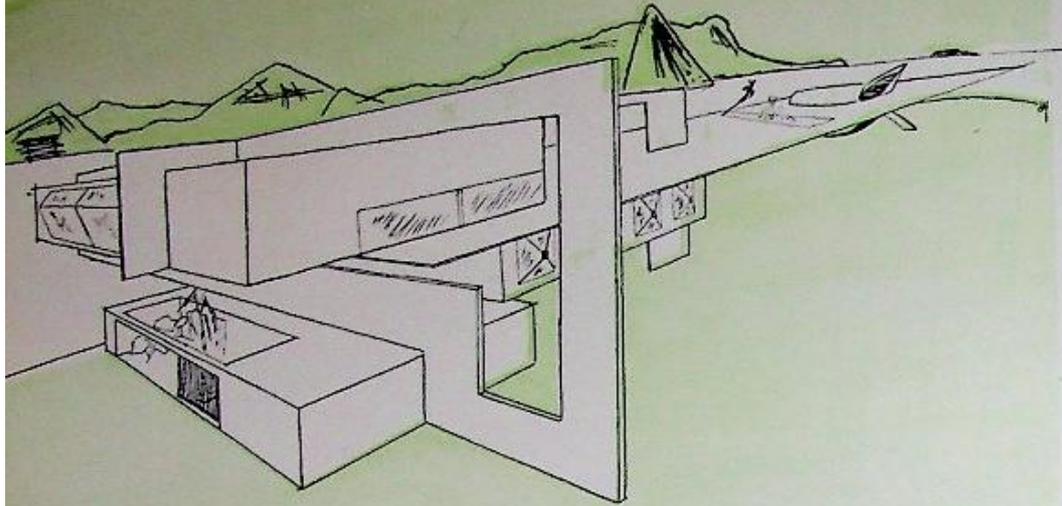
Claro fica que a tendência será mesmo caminhar no sentido vertical. É realmente necessário se aproveitar o terreno na parte objetiva, para se dar ao homem a chance de um convívio real com o campo, com a natureza. Como concorda Sérgio Bernardes.

Da pesquisa interplanetária à oceanográfica, do reator atômico à Base Naval de submarinos, nossos edifícios planejaram a máxima funcionalidade. Os estudos foram cuidadosos, uma vez que beleza, conforto e eficiência terem de se integrar perfeitamente.

Quanto aos resultados, só nos resta agora o ceticismo, próprio de quem está um tanto fora de seu "metier". No caso, a Arquitetura. A antevisão de um mundo novo é algo delicado demais para que se vá além de mera apresentação de idéias.

## PALACIO DOS GRÊMIOS

Os momentos maiores de sorriso serão fatalmente nos grêmios. Que são sempre motivo de atração. O interessante é que no seu pátio, além da concha acústica, vamos encontrar o monumento ao Cosmonauta Desconhecido.

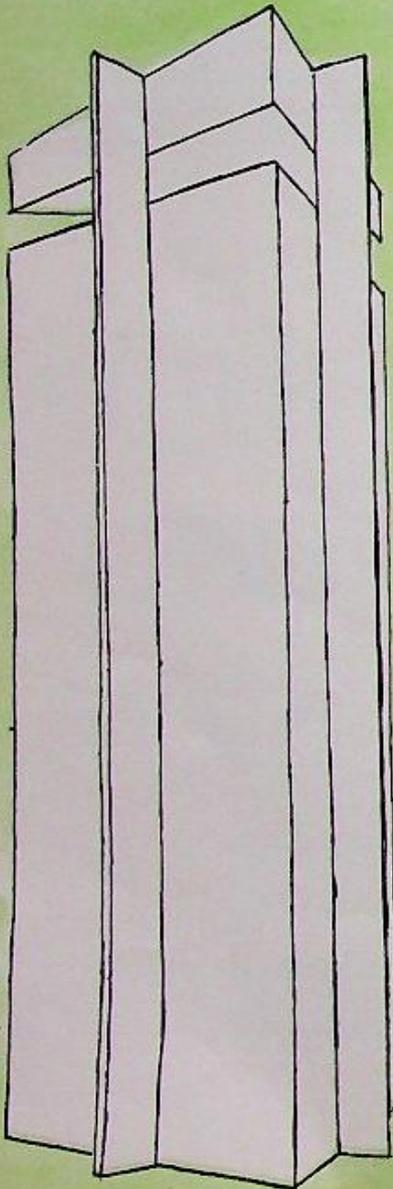


## CAMAROTE

Se a aula não estiver tendo bom rendimento, bastaria um botão...

## PRÉDIO PRINCIPAL

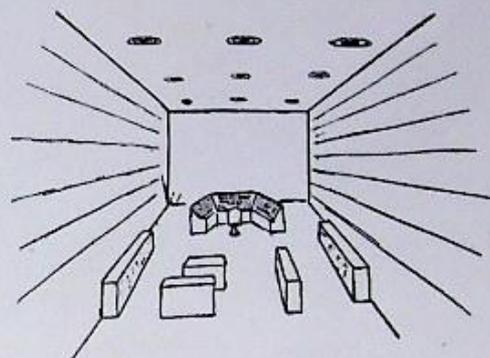
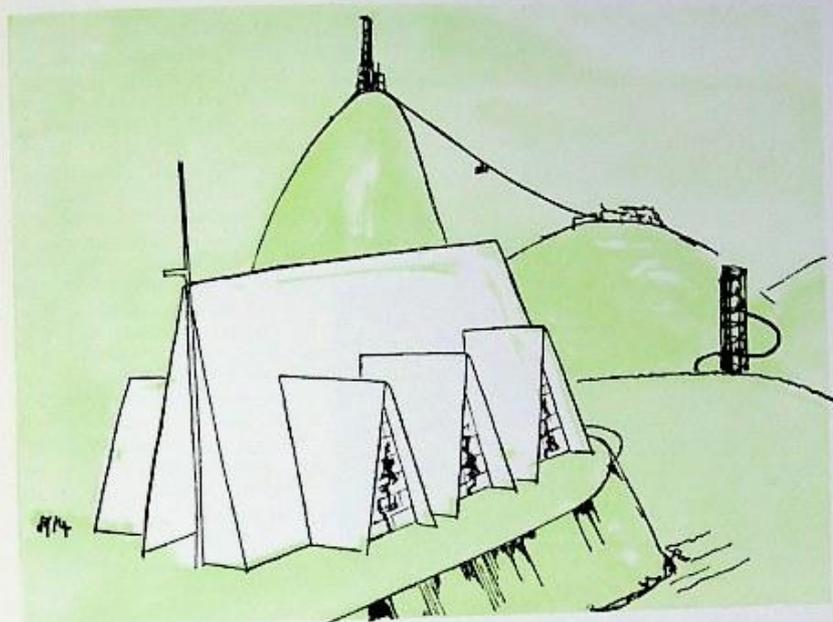
Uma coisa é certa: o Pão de Açúcar e o Corcovado vão continuar aí mesmo. Daí nos lembrarmos de instalar o refeitório e o salão de recepções no ponto mais alto da ilha, topo do prédio principal. Onde moram os aspirantes.





### GINASIUUM E CAPELA

*Dois coisas pode-se afirmar que não vão se alterar muito através os tempos: o "mens sana in corpore sano" e a necessidade de paz espiritual.*

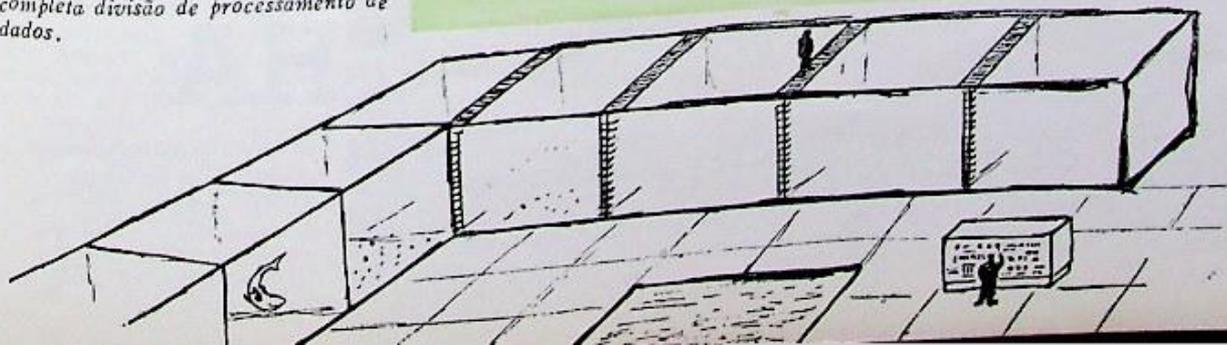
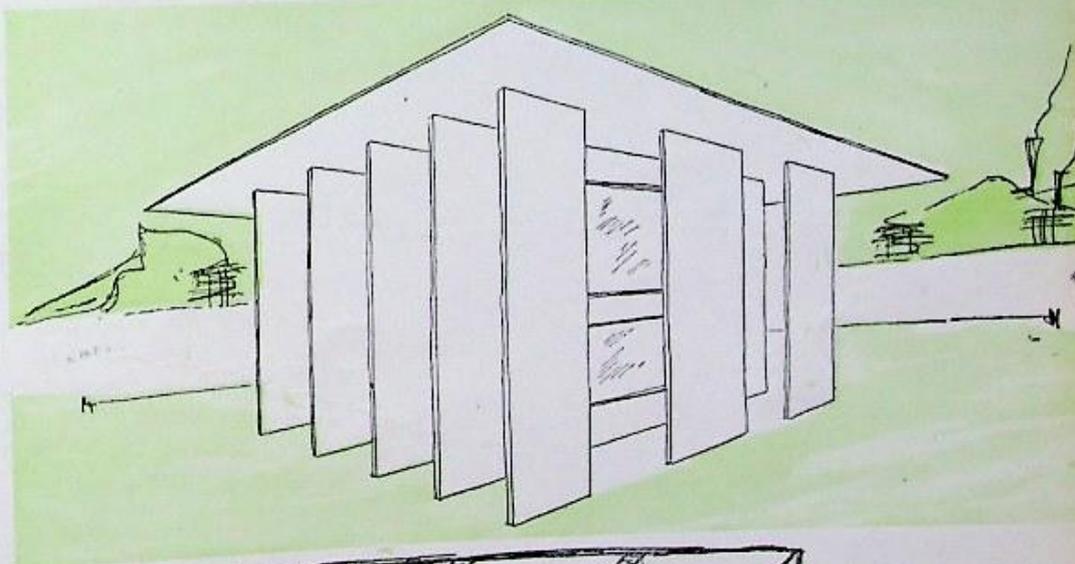


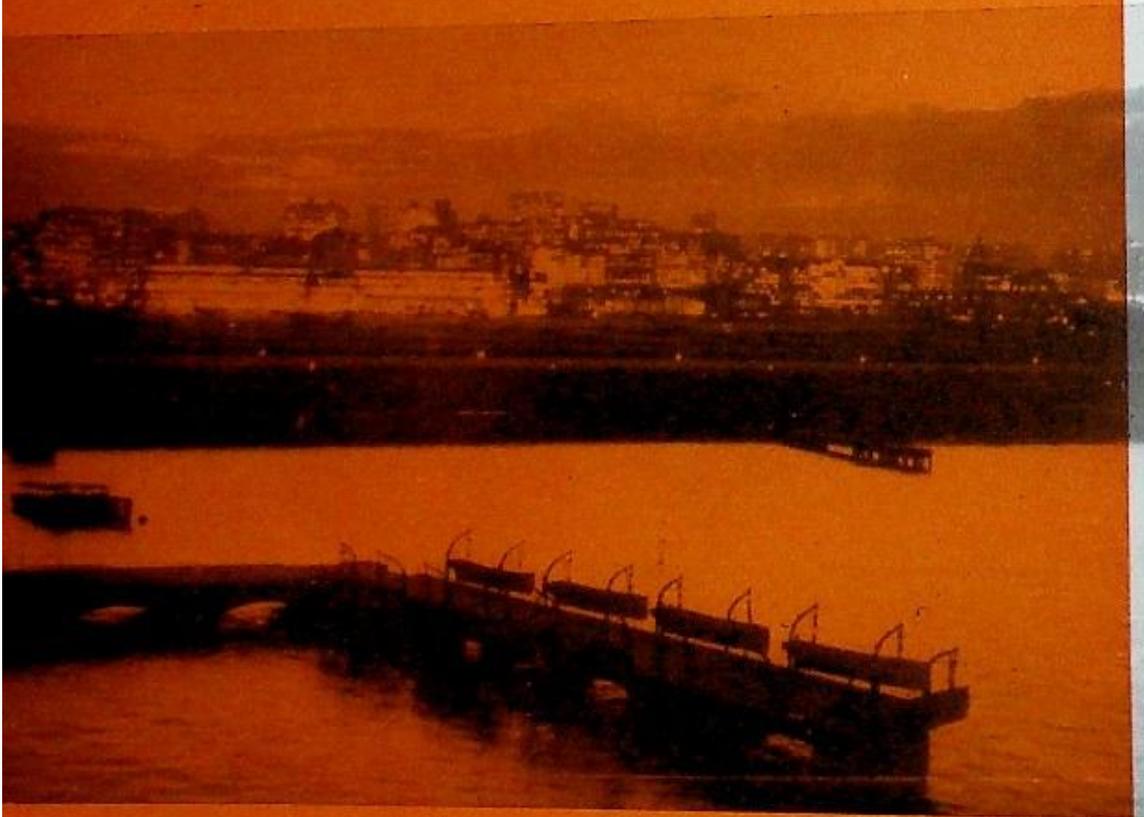
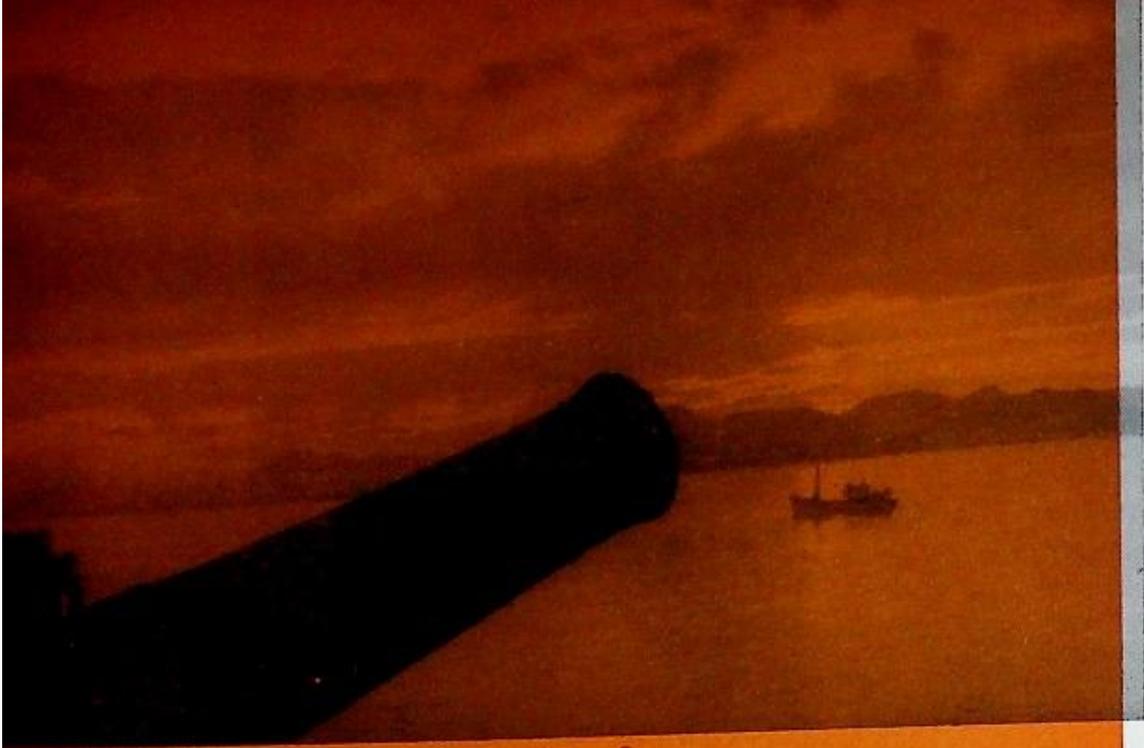
### CENTRO DE PESQUISAS

*Nosso centro de pesquisas, além de laboratórios gerais, mostraria logo sua divisão de astronáutica.*

*O desenvolvimento das pesquisas oceanográficas oferecerá ao homem imenso campo para a produção de novos alimentos. Daí a importância da Divisão, quem sabe, Almirante Moreira da Silva, de estudos oceanográficos.*

*A complexidade dos trabalhos a serem feitos pelos aspirantes, futuramente, obrigaria a instalação de completa divisão de processamento de dados.*





*Carlos Eduardo Ataijo Motta*  
*José Carlos Cardoso*

# 400 ANOS DE UMA ILHA

A propósito de um Rio Quatrocentão

**EXPLICAÇÃO AO LEITOR:** Corre a lenda que o fantasma do antigo comandante da invasão francesa ao Rio de Janeiro em 1565, Nicolau Durand de Villegagnon, "vive" em nossa ilha desde 1571, ano em que morreu na França. Diz mais que o antigo almirante decidiu-se vir "morar" em nossa ilha, levado pelo que fôra o seu maior sonho em vida: o estabelecimento de uma França Antártica em nossas terras.

Nessa noite, Villegagnon parecia a ilha sonhada por Gastão Penalva ao tempo dos primeiros franceses: "poética, criada de palmares, se estendendo preguiçosa em praias de alva areia, ao beijo voluptuoso da montante e ao adejo vespéral das boémias gaivotas". Já há algum tempo, eu andava às cegas pela ilha. E, enquanto ia caminhando, divagava: Quantas noites tão belas assim, já não haviam envolvido a histórica Serigipe dos tambois. Desde o marinheiro francês ao aspirante de hoje, o primeiro a evocar a imagem de alguma francesinha quase esquecida num pôrto qualquer, o outro, a recontar as horas que o separaram do próximo licenciamento, o que para ele significa o amor.

O roçar das águas junto às velhas muralhas, servia de embalo a meus devaneios e de cadência lenta à minha caminhada solitária. Prosseguia: os velhos canhões abandonados à sorte das marés; o túnel da antiga fortaleza talhado na rocha; o antigo portão...

Quando me aproximava do velho portão, entrada principal da ex-fortaleza, senti, confundindo-se com os meus, outros lamentos, que pareciam vir da parte baixa da ilha.

Estava ainda distante, de maneira que pouco podia perceber ou entender do que se passava. Procurei aproximar-me com cuidado, descendo as escadarias que dão acesso à parte alta, passo a passo.

— Ora, não me venha outra vez com lamúrias, ultimamente não fazes coisa melhor. Chega de lamentações...

— Mas assim já é demais, almirante. O que estão fazendo com a gente não se faz com ninguém. Não têm a mínima consideração pelos nossos séculos de existência.

Parei. Lívido. Seria possível? Então era verdade! Talvez fosse obra de minha imaginação, afetada pela magnitude da noite. Mas estava ali, a minha frente: o fantasma do velho almirante "conversando" com o portão da velha fortaleza. (Essa do portão falar, juro que até hoje, não sei como foi aquilo.)

Minha presença foi notada. — Aproxima-te aspirante, vem escutar o choro deste ve-

lho portão caduco. Não ensaiei um só gesto.

— Aproxima-te, tens medo? — Não... não...

Avancei um tanto hesitante ainda. Só aos poucos fui me acostumando à visão.

— Vês, aspirante, esta reliquia. Antigamente era só garbo, hoje só sabe resmungar.

— Não é tanto assim, almirante. Ainda sou o mesmo, ainda tenho o mesmo garbo; apenas não me é dada a atenção que mereço. Aposto que este aspirante não sabe quem sou, como nasci, o que significa.

— Bem... Na verdade nunca me interessei em...

— São todos iguais. Poucos conhecem, realmente, o meu valor. Poucos sabem que fui construído em 1775 por ordem do famoso Marquês de Lavradio ou que sou talhado em sólida cantaria com ferragens de bastião medieval, e que me ostento, através de séculos, com este dístico à romana, em linguagem e feição quinhentista.

— Bem... Na verdade eu não...

— Claro!... Nem poderia saber. É um mortal como todos os mortais...

— Chega!!! Acabemos com esta discussão tola.

Acenei com a cabeça que sim embora sem entender coisa alguma. Quase não abri a boca!...

— Vem comigo — continuou o fantasma — deixa este resmungão aí vamos conhecer a "minha" ilha, ápice de meus sonhos, em vida, e único lenitivo, em morte. Vem, acompanha-me.

Segui-o, não antes de olhar o portão, agora "mudo" e meio desajeitado, como estivesse despedindo-se de mim (torna a dizer que não havia de todo acreditado naquilo).

Dirigimo-nos para os lados do campo de futebol. Ele ia com um ar satisfeito, passos firmes, e ainda uma certa imponência nos gestos. Não parecia um fantasma.

Ele quebrou o silêncio:

— Estamos na parte sul da ilha. Mais ou menos por aqui, o governador Sebastião Caldas (Que Deus o tenha em paz!) ordenou que se erigisse uma bateria, a qual em 1711 teve um fim trágico: explodiu quando combatia os navios de

Duguay-Troyn. Mas, nem por isso a ilha ficou desarmada. Já em 1838 possuía 39 bocas de fogo e em 1880 já então guarnecida pelo Corpo de Imperiais Marinheiros, contava com 54 peças, um poderio considerável para a época.

Villegagnon parecia saborear as palavras que dizia. Prosseguiu.

— A ilha, que a princípio manteve-se neutra, tomou parte, posteriormente, na revolta da Armada em 1893, se bem que sua atuação não tenha sido eficiente, embora heróica. Canhoneava, quase diariamente, com Lage, Santa Cruz, Gragoatá e Pico, até ficar reduzida a escombros.

Parou, então. Voltou-se. Reparei que seus olhos (ou coisa que o valha) brilhavam intensamente. Um brilho que traduzia um misto de vaidade e saudosismo. Apontou para a frente e falou:

— Ali, pela parte central da ilha, existia um rochedo de 60 pés de altura, onde montei minha artilharia. Ao lado do rochedo mandei aplinar o terreno, para que fossem construídas cabanas, uma sala de refeições e um templo para os meus 80 homens. Dei a essas obras o nome de Forte de Coligny na França Antártica.

Continuou a andar. Seguia a seu lado. As nossas costas, a esteira branca da luz da lua; à nossa frente, um passado de glórias da ilha.

Subimos à parte alta. Olhei de soslaio para os lados da tola. Não vi ninguém. Ainda bem, suspirei.

Passamos ao pátio Inhaúma. Inhaúma, com um olhar matreiro, parecia que contava nossos passos. Não, não era nada disso. Eu já estava era imaginando coisas, como se não bastassem as que via.

Chegaros à murada. As ondas lá embaixo continuavam no mesmo compasso, indo e vindo docemente. Villegagnon aproximou-se de um dos velhos canhões, olhou para baixo, na direção das pedras, e com uma voz um tanto embargada, aludiu:

— Inertes, sem se importarem com as lambadas do mar e indiferentes às carícias meigas da maré vazante, aí vivem eles. Desprezados e abandonados os

canhões da antiga fortaleza. Em tempos idos, encarapitados sobre as muralhas de Villegagnon, olhavam, sempre arrogantemente para tudo e todos que entrassem pela barra. Falaram com sua voz eloquente para sustar o desembarque dos que ousaram chegar-se até aqui com motivos escusos. Mais tarde, calaram-se. Outros mais modernos tomaram-lhes o lugar.

...E eles, jogados entre pedras e cascalhos, vivem sua morte cruel...

Notei sua face umedecida. Estava visivelmente emocionado.

— Pois é, aspirante. O peso dos anos nada diz à minha sensibilidade; Eu, que durante toda a minha vida, não me lembro de quando ter chorado, o faço agora, um pranto de 400 anos. (Confesso que naquele momento tive uma pena enorme daquele fantasma).

Dito isso, ainda olhou firmemente para mim, olhos bondosos, deu-me as costas, e saiu caminhando em direção ao pátio Saldanha...

E tudo voltou à solidão.

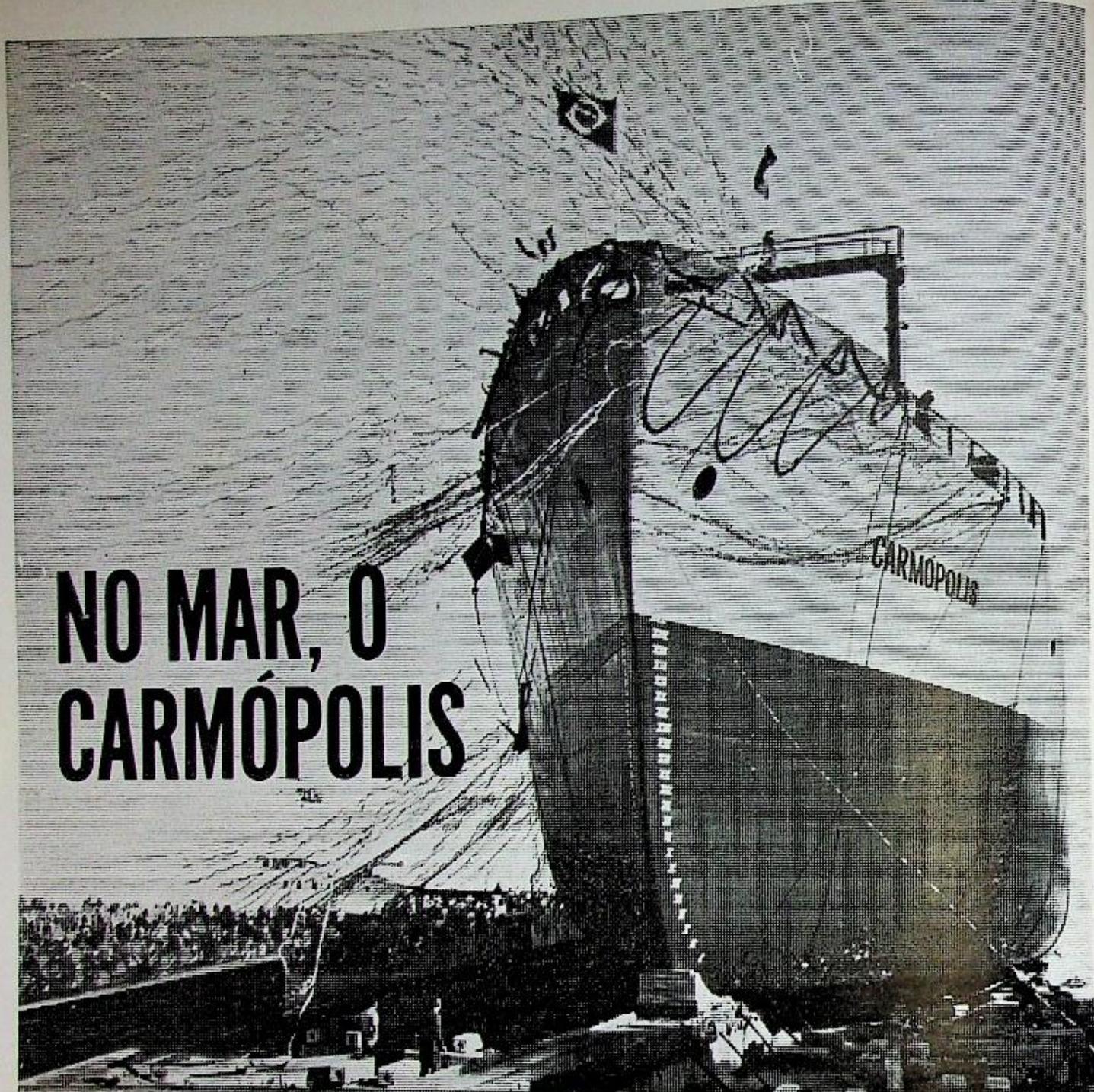
Assim que o almirante se foi, foi um tal de entretemer-se pensamentos em meu cérebro, que não consigo lembrar-me de mais nada. Fiquei confuso, embora um tanto aliviado, porque afinal de contas um fantasma nunca será uma boa companhia. Mas, de tudo aquilo, me ficara uma grande lição: aprendera muitíssimo sobre a ilha que é também minha.

Fiquei pensando, como se tivera coragem de relegar-se a um plano de esquecimento uma ilha de tantas tradições. Depois, tradição não se faz num dia, e Villegagnon já carrega consigo a bagatela de 400 anos de dinamismo histórico. O Rio de Janeiro está comemorando em 1965 o seu quarto centenário, porque, então, não se incluiu Villegagnon no roteiro das solenidades?

Francamente, relegar-se Villegagnon está sendo a maior injustiça do Rio quatrocentão.

Ainda há tempo, para se tentar, ao menos em parte, redimir do erro que se está cometendo. O que nos falta? Ação!...

Vamos lá, senhores!



# NO MAR, O CARMÓPOLIS

A frota de petroleiros da Petrobrás se equipara agora às maiores do mundo.

Ei-lo, majestoso, com suas 10.500 tdw de deslocamento. Você vai orgulhar-se de seu porte, de sua rapidez, dos serviços inestimáveis que irá prestar ao Brasil.

Com o novo petroleiro *Carmópolis*, a frota de navios-tanque da Petrobrás, empresa-orgulho do Brasil, se aproxima das 700 mil toneladas, equiparando-se às maiores

do mundo. Tem razão a Verolme para sentir-se orgulhosa dessa nova conquista do Brasil no mar. De seus estaleiros, em Angra dos Reis, têm saído os modernos barcos que estão poupando divisas para o país, que estão fomentando o comércio entre os povos, com generoso proveito para a economia nacional.

## Verolme — progresso do Brasil no mar

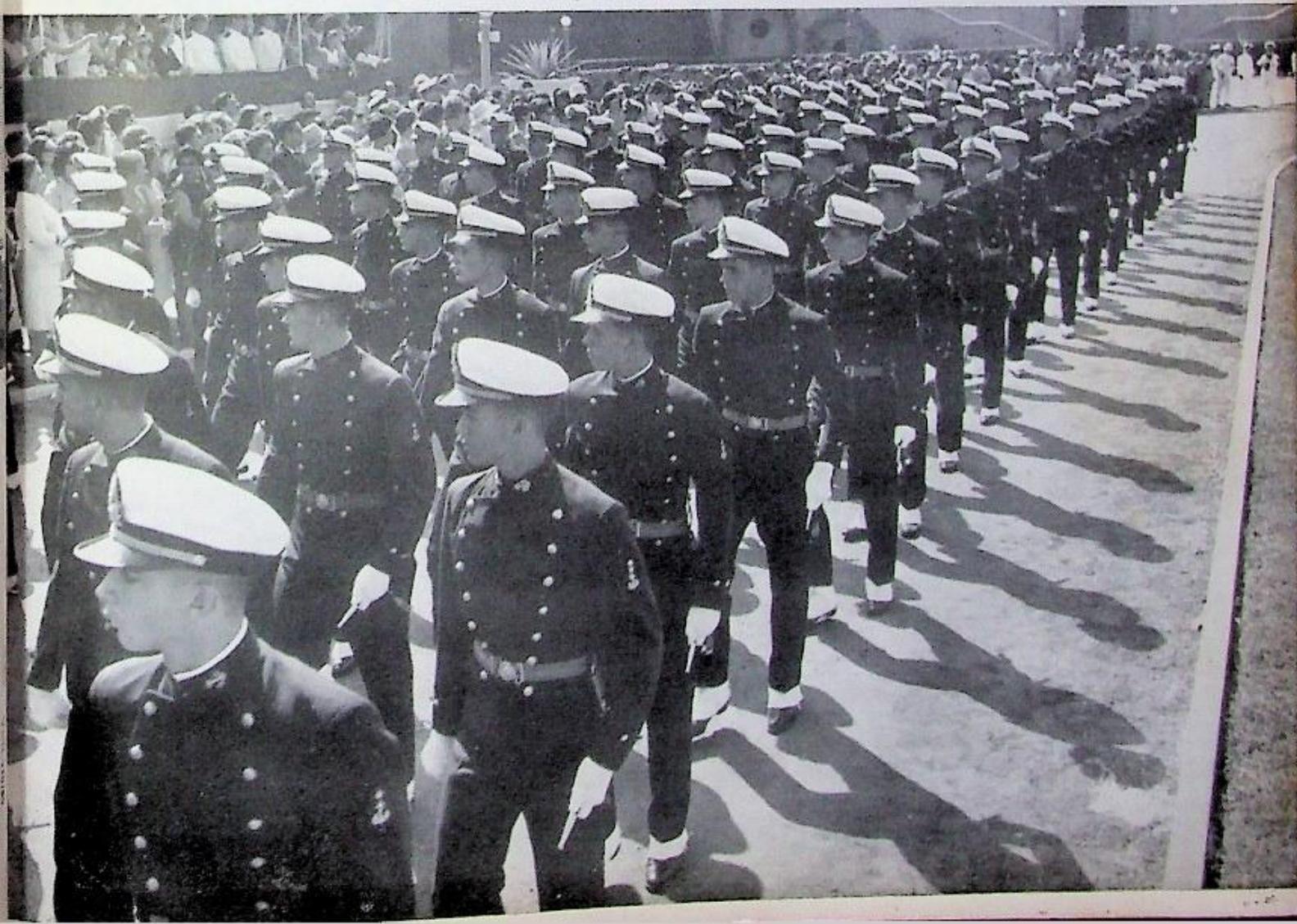
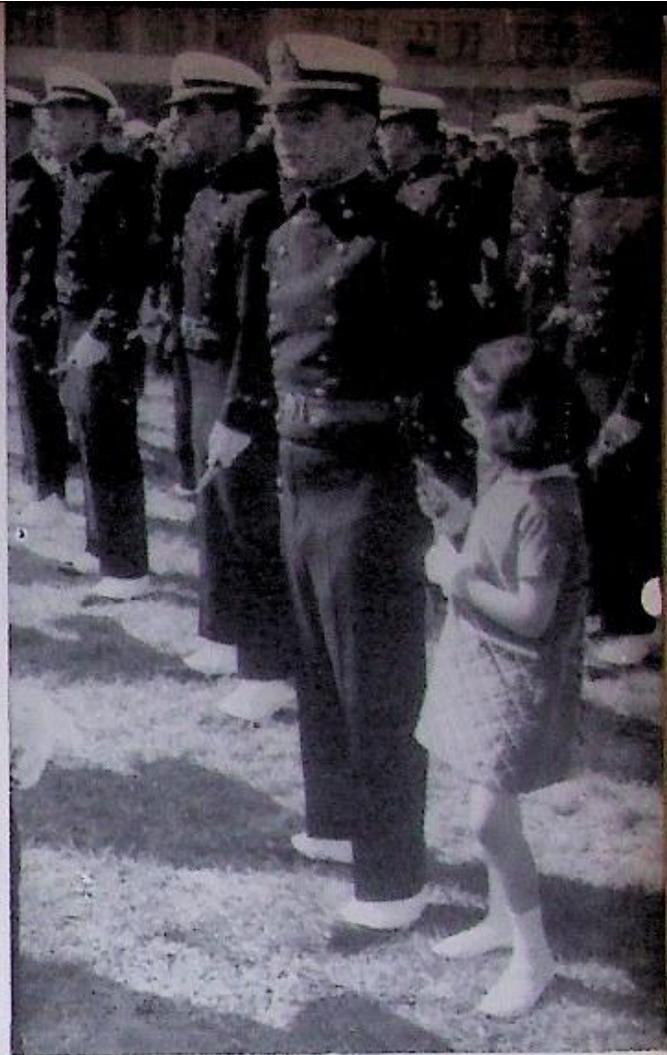
VEROLME — ESTALEIROS REUNIDOS DO BRASIL S.A. — ESTALEIRO JACUACANGA, ANGRA DOS REIS, R.J.

(Membro do Centro Industrial do Rio de Janeiro)

PRA SEU GOVERNO

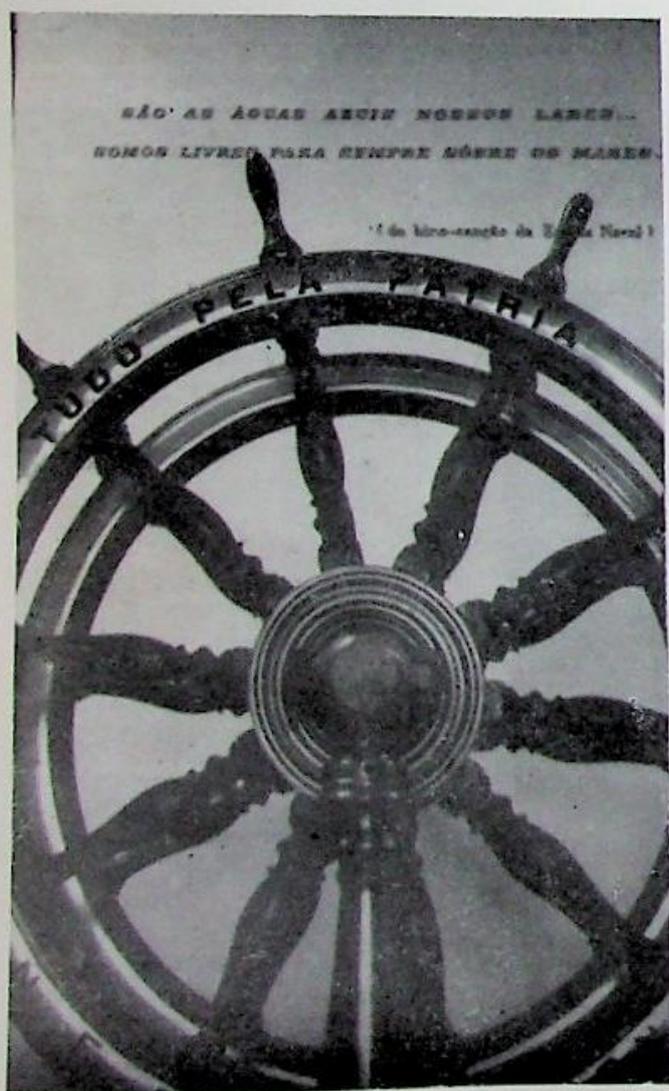
# O CINCO DE MAIO

É O PRIMEIRO PASSO  
PARA QUE FAÇA PARTE  
DO VOCABULÁRIO DE  
CADA UM DE NÓS A  
EXPRESSION "NO MEU  
TEMPO". DIA DO RECE-  
BIMENTO DO ESPADIM,  
E ANIVERSÁRIO DA  
ESCOLA NAVAL.

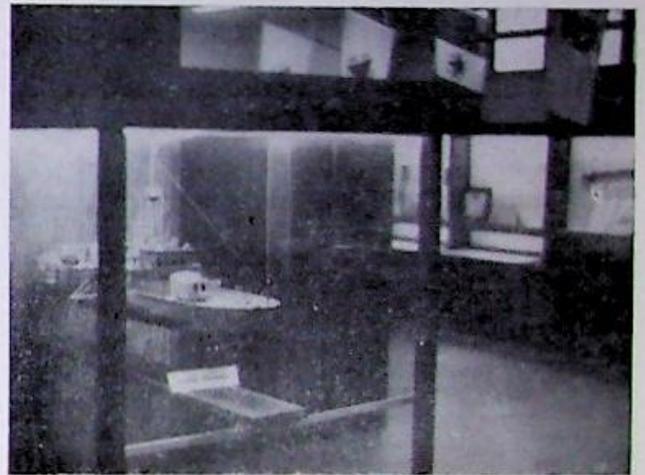
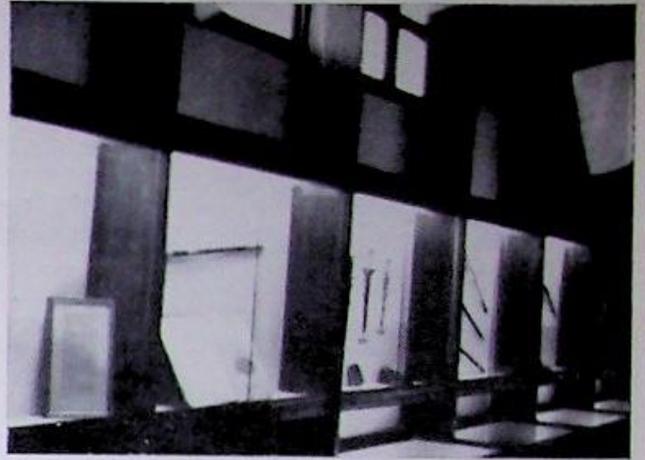
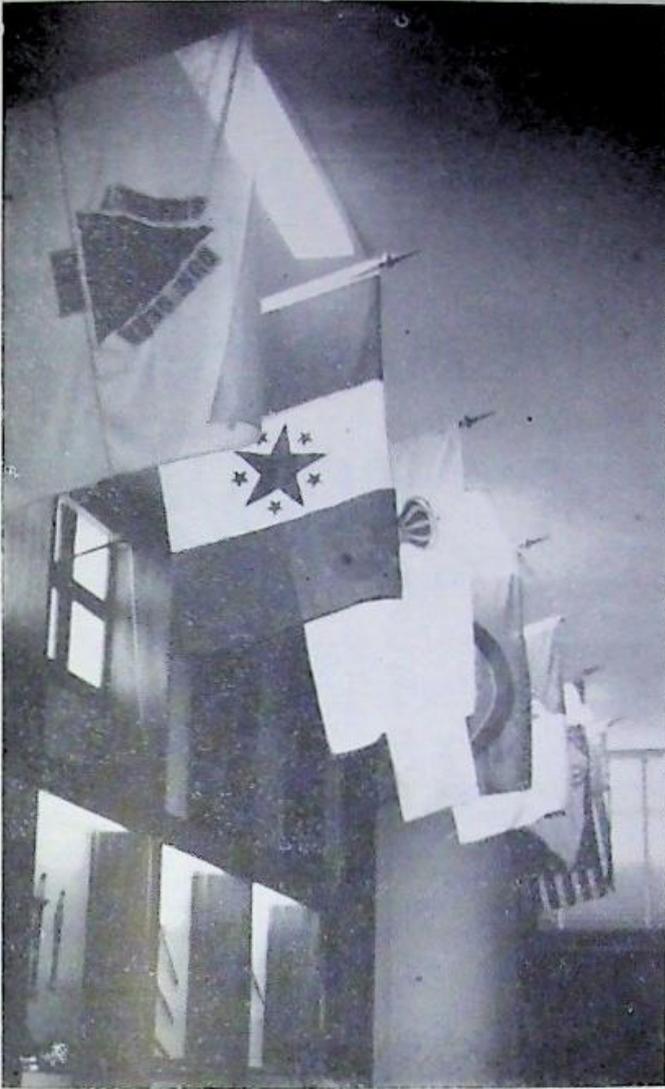


Eu diria que o museu da ilha tem ares de museu de mentira. Como aquêles que a gente vê nas cidades do interior, a guardar umas poucas relíquias, impregnadas de luta e poesia. O nosso é um museu moço, simples, moderno. Com cheiro, jeito, nome e coisas de museu. Sem a sofisticação de uns, a riqueza de outros, e a chatice de muitos. Não adianta querer ver coisa que não tenha relação com o mar. Só se fôr por engano. Porque é museu dos Aspirantes de Marinha, que há exatamente cento e cinqüenta e sete anos fazem a História da Escola Naval.

# O MUSEU DA ILHA



*Duas coisas são inesquecíveis na vila da Escola Naval. O recebimento do espadim e a entrega das espadas. O museu da ilha dá um realce especial a estes acontecimentos, guardando a espada e o espadim de Saldanha, espadas e espadins de muitos lugares da terra. E o nacional se misturando ao estrangeiro, mostrando que as marinhas do mundo inteiro têm muito em comum.*



*Embora no aspecto administrativo  
nossa Escola não se origine de  
Sagres, a figura do Infante D. Henrique  
é até hoje lembrada.*

# AS ORIGENS DA ESCOLA NAVAL E SEU ESTABELECIMENTO NO BRASIL

de Lauro Nogueira Furtado de Mendonça



O primeiro aspecto a elucidar é o relativo a uma possível filiação da Escola Naval à famosa Escola de Sagres. Quanto a este podemos optar por uma resposta negativa, pela simples razão de nunca ter havido no famigerado promontório nenhum estabelecimento de ensino na forma e com os objetivos a que se propõem as academias destinadas à formação dos Oficiais das Marinhas de Guerra: em que pese a messe extraordinária de conhecimentos náuticos ali reunidos por D. Henrique e sua pléiade de nautas, fatores da gloriosa epopéia das navegações portuguesas.

Nenhum liame existe, por outro lado, que nos mostre qualquer espécie de continuidade administrativa entre os estabelecimentos da "Térça Naval" de D. Henrique e as modernas escolas do Brasil e de Portugal, podendo-se, portanto, concluir que se influência houve para a sua formação, esta poderá ser entrevista apenas indiretamente, devido às condições despertadas no país pela obra henriquina.

Na realidade, a formação da academia naval lusitana orientou-se pelos mesmos princípios que serviram de base à criação da "Companhia de Guardas-Marinha", instituída em 1669 por Colbert, o grande ministro de Luís XIV, à qual seguiram-se o "Real Corpo de Cavalheiros Guardas-Marinha", estabelecido em Cádiz 48 anos após, reinando Fernando V, neto do Rei Sol e o "Colégio Real da Marinha", fundado em 1729 na cidade de Portsmouth, no governo de George II.

Em que pese a existência comprovada de uma "Aula de Navegação", no ano de 1751, na cidade de Lisboa, presumivelmente destinada a instruir a classe dos "Pilotos", criada pelo alvará de 12 de janeiro do mesmo ano, não se pode considerá-la como a matriz da atual Escola Naval, devido às limitações do ensino exclusivo da arte de navegar, isolado das demais

condições necessárias ao Oficial de Marinha, o qual não pode restringir-se somente ao conhecimento desse ramo da ciência náutica, por maior transcendência que lhe seja inerente.

Trilhando a senda aberta pelo espírito gaulês e plantada em Espanha sob o cetro do primeiro Bourbon peninsular, Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, levou D. José I a mandar criar, por decreto de 2 de julho de 1761, a classe dos Guardas-Marinha, dando-lhe o efetivo de 24 gentis-homens e a graduação de Alferes de Infantaria, acrescentando-lhe 18, a 30 de julho do ano seguinte, para servirem nas fragatas então oferecidas pelos habitantes do Porto, com aula e residência na mesma cidade.

A nova classe de Oficiais do Mar teve, entretanto, vida efêmera, pois a 9 de julho de 1774, foi suprimida dos quadros da Marinha do reino.

Finalmente a obra do, por tantos títulos ilustre, Marquês de Pombal foi completada com a lei de 5 de agosto de 1779, assinada pela rainha D. Maria I e seu ministro, o Padre Martinho de Mello e Castro, a qual criou, em Lisboa, a "Academia Real de Marinha", condicionando o acesso à Marinha Real, como Oficial de Guerra, à conclusão do "Curso Matemático" feito no dito estabelecimento, bem como a "Attestação de terem feito ao menos dous annos de exercício no mar, em que se comprehende uma viagem à Índia, ou ao Brazil".

Criada a Academia, seguiu-se sua instalação, a 4 de abril de 1780, no edifício do Colégio Real dos Nobres, em obediência a Aviso de 26 de março de 1780, sendo Superintendente dos Estudos o Marechal de Campo D. Manoel Carlos da Cunha Silveira e Lorena, o Conde de São Vicente.

Como seu complemento natural, foi recriada a Companhia dos Guardas-Marinha na data de 14 de dezembro do ano de 1782, sendo-lhe ministradas au-

las e exercícios a partir de 24 de março do ano que se lhe seguiu, na Casa das Fôrmas do Arsenal Real de Marinha.

Por fim, em 14 de julho de 1788, houve por bem S. M. mandar criar a classe dos Aspirantes Guardas-Marinha, bem como elevar o efetivo da Companhia para 60, além de 24 Aspirantes, compondo-se 3 brigadas e estabelecendo-se a condição de que "nenhuma pessoa de qualquer qualidade, ou condição que seja, pudesse entrar em Guarda-Marinha, sem ser primeiro admitido como Aspirante.

A 12 de julho de 1790 suspenderam de Lisboa a fragata "Cysne" e o bergantim "Falcão", com a força respectiva de 44 e 24 peças de artilharia, drapando no tope da Capitânea o pavilhão do Tenente-General d'Armada, Conde de São Vicente, iniciando-se a longa série de viagens de instrução.

Sabido é que, a fim de afastar-se das hostes napoleônicas, a Côte lisboeta passou-se para o continente brasileiro e, a nau de três pontes "Conde D. Henrique", zarpando a 27 de outubro de 1807, transportou para esta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a "Companhia dos Guardas-Marinha". Seu Diretor, o então Capitão-de-Fragata José Maria Dantas Pereira de Andrade, boa parte dos lentes, professores e alunos da "Academia Real da Marinha", e de seu acervo, cerrando-se as portas do vetusto Colégio dos Nobres, vieram também, abrindo-se para abrigá-los provisoriamente, o Quartel da Rua dos Ourives.

Instalaram-se, pois, Guardas-Marinha e Aspirantes, nas plagas americanas onde prosseguiram as aulas e exercícios da Academia e Companhia, sem interrupção, até os dias coetâneos, não se devendo computar como tal o período de 9 de março de 1832 a 19 de dezembro de 1833. Neste período funcionaram incorporadas às Escolas de Guerra e da Marinha com o título pomposo de "Academia Militar e

de Marinha" e com os naturais prejuízos para a formação de nossos oficiais navais, sujeitos às determinações de técnicos ignaros dos assuntos marinhos.

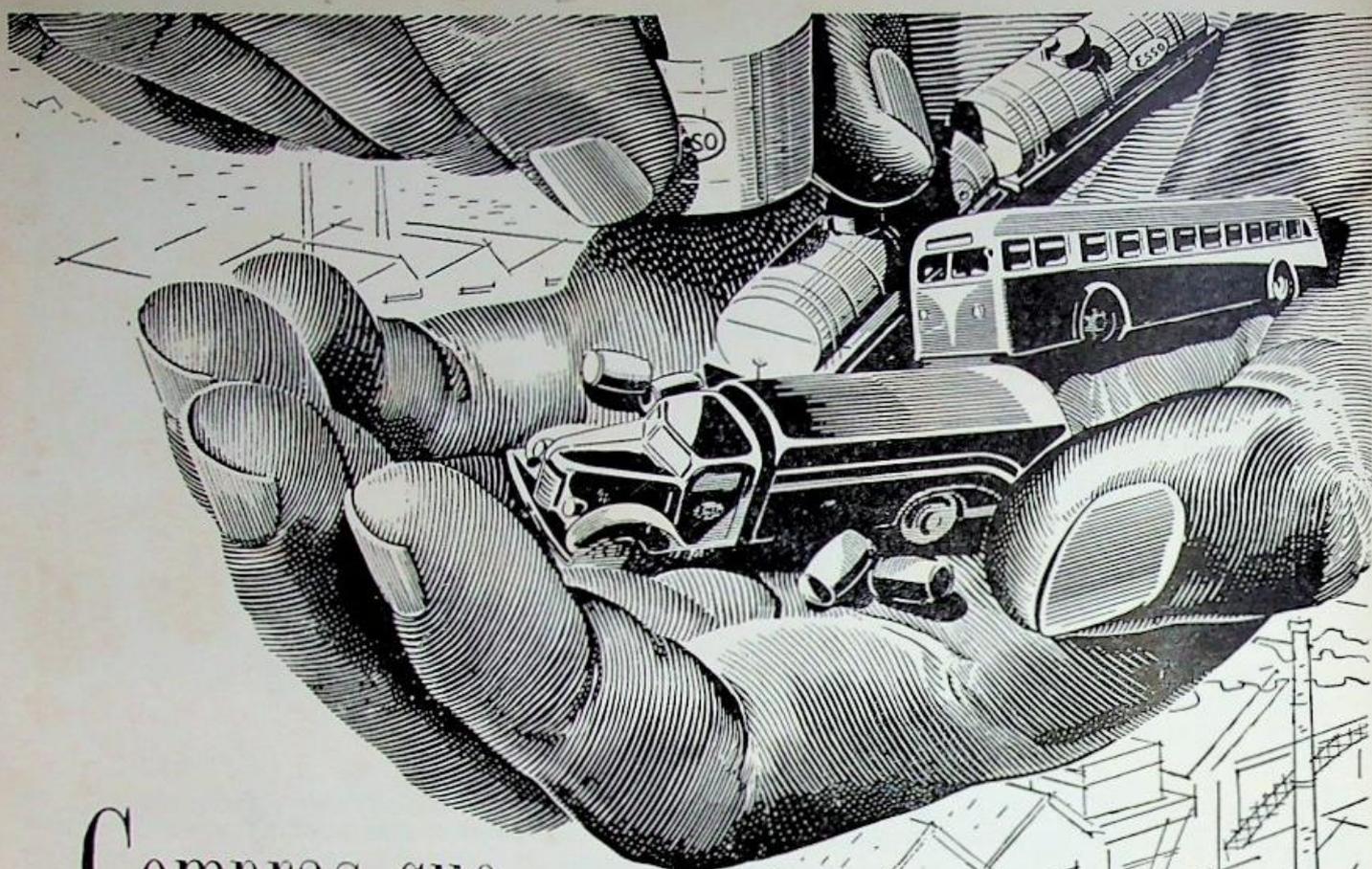
Considerado o fato de que a tentativa das Côrtes de Lisboa de fazer regressar à Europa a "Academia Nacional e Real de Marinha" e a "Companhia dos Guardas-Marinha", consubstanciada em portaria de 2 de janeiro de 1822, do Ministro da Marinha de Portugal, nenhum resultado produziu, mercê da hábil resposta expedida por ordem do Príncipe Regente D. Pedro, em 12 de maio, de "que se mandaria dar execução à determinação referida quando julgado conveniente", a Academia permaneceu entre nós e é a mesma que hoje está instalada na antiga Fortaleza de Villegagnon.

A sua vetustez dá-lhe, portanto, foros de mais antiga, se cotejada com as congêneres do nôvo continente e mesmo com a de Portugal, renôvo mais recente da velha marinha de D. Henrique, ora fixada às margens do Tejo.

A Escola Naval do Brasil, pelo que se depreende do acima transcrito, remonta a 4 de abril de 1780, data em que foi instaurada no edifício do Colégio dos Nobres, em Lisboa, por ordem de Sua Magestade a Rainha D. Maria I, sendo a data de 5 de maio de 1808, anualmente comemorada, em verdade, a do alvará do Exmo. Sr. Visconde de Anadia, Ministro da Marinha, mandando instalar, nas hospedarias do Mosteiro de São Bento, sua primitiva morada em nosso território.

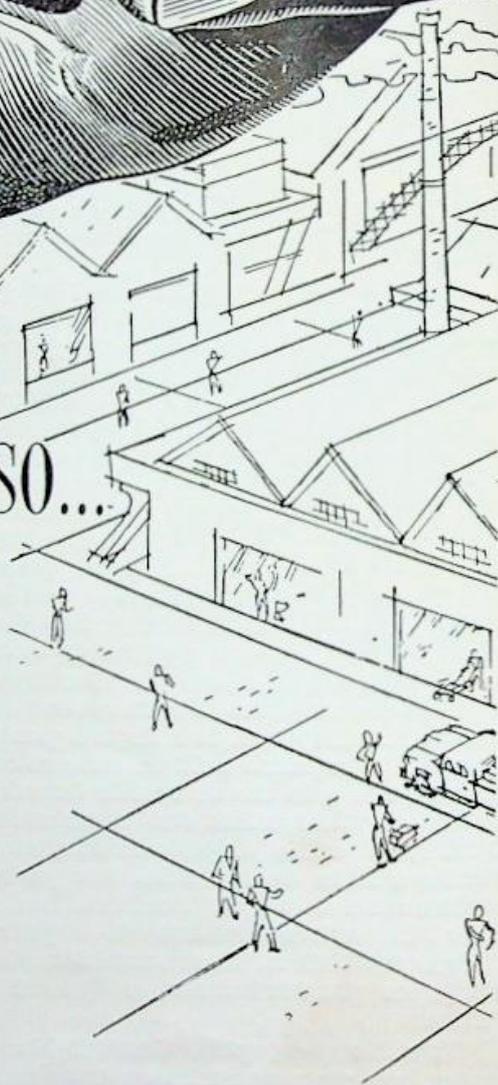
#### BIBLIOGRAFIA

- "A Escola Naval" — C.-Alte. Lucas Alexandre Boiteux
- "A Escola Naval através do tempo" — CMG Levy Scavarda
- "Quadros Navais" — C.-Alte. Joaquim Pedro Celes-tino Soares, da Marinha de Portugal.



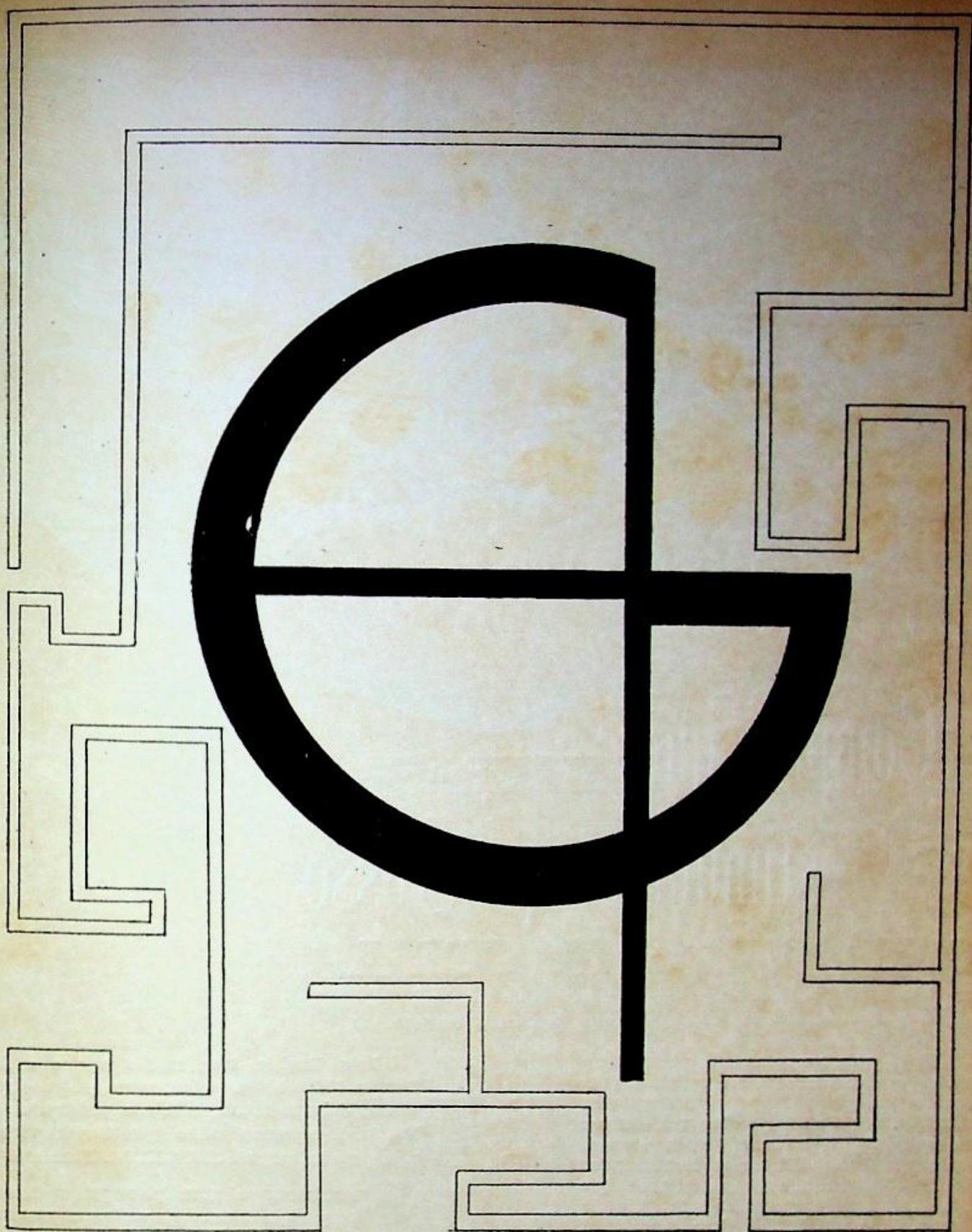
# Compras que estimulam o progresso...

Duas mil... cinco mil... doze mil toneladas... Num crescendo impressionante, ano após ano, as indústrias brasileiras vêm se multiplicando e ampliando sua capacidade de produção. Muitas dessas ampliações partiram de pedidos de um cliente: a Esso Brasileira de Petróleo, que só em 1964 aplicou cerca de 8 bilhões de cruzeiros de compras no País, em mais de 800 firmas de produtos do nosso comércio — desde tanques subterrâneos, carros-tanque e bombas de gasolina até lápis, papel e borracha. Com isso, estimulou-se a produção de várias utilidades. Hoje, em fábricas que abastecem, entre outros fregueses, a Esso Brasileira de Petróleo, milhares de operários garantem a segurança de suas famílias e participam do aprimoramento da indústria nacional.



*Esso contribui para o progresso do Brasil*

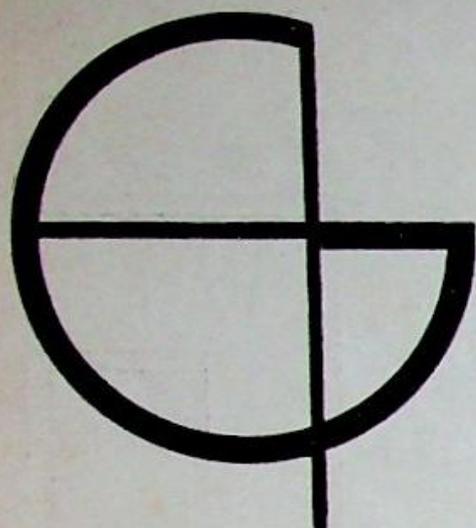




UMA GALERA  
FAZ  
QUARENTA ANOS

## o símbolo

Os quarenta anos de A Galera simbolizados num trabalho do Aspirante Adilson Silva



# AS MUITAS MANEIRAS DE SE DIZER A MESMA COISA

Muita gente nos aconselhou a como fazer público que esta Revista faz quarenta anos (embora não pareça). Alguns disseram, com animação, que o melhor mesmo era escrever na capa. Foi daí que começamos a perceber, então, que todos estavam apresentando as "melhores" sugestões, e achamos estranho que não aparecessem as "mais ou menos", como geralmente ocorre. Isto, é claro, excluída a hipótese do egrégio Sérgio Luz, chefe de nosso departamento de arte, por motivos de ordem "técnica".

Foi assim que nós próprios escolhemos a maneira da comemoração. Partindo da premissa que todos os métodos são bons, e que o melhor é o que a redação acha. E que, afinal de contas, uma senhora de quarenta anos não é tão velha assim...

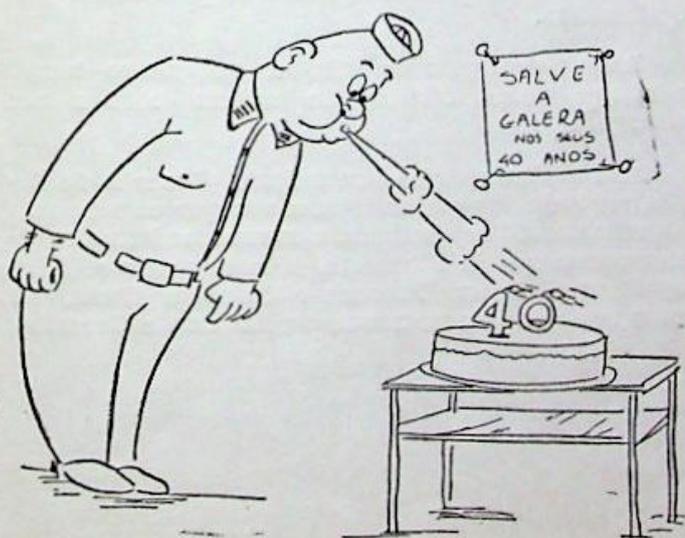
Esta Revista tem muito o que contar. Porque tôdas as gerações, suas gentes e suas idéias, deixam marcada a sua passagem pela Escola. E o tronco velho que tem suportado esta pesada carga é A GALERA. Para sempre.

Convidamos alguns passageiros ilustres para compartilhar conosco desta responsabilidade. O que é, para nós, uma honra. E em memória transportamos em tôdas as páginas o pensamento de Gastão Penalva, que sempre em sua vida teve um instante de carinho para com esta Revista.

Passemos, pois, às outras páginas. Não adianta querer explicar uma coisa destas. Ninguém acreditaria.

DEPOIS DE 40 ANOS, OLHAMOS PARA TRÁS  
E VEMOS QUE MUITA GENTE JÁ ANDOU POR  
AQUI. ÉSTES SÃO ALGUNS DOS NOMES QUE,  
COMO SEUS DIRETORES, FIZERAM A MAIO-  
RIDADE, NOME E A TRADIÇÃO DE A GALERA

Apolinário Buarque de Lima  
Augusto Dias Fernandes  
Jonas de Oliveira Paredes  
Antônio Silveira Lôbo  
Josué Filgueiras Lima  
Antônio Mendes Braz da Silva  
José Goossens Marques  
Newton Tornaghi  
Hélio Leôncio Martins  
Sílvio Trilho da Silva  
José Geraldo Brandão  
Euclides Quandt de Oliveira  
José Gurjão Neto  
João Mário Batista  
Liwal Salles  
Paulo Lindenberg  
Afrânio de Paiva Moreira  
Fernando Pessoa da Rocha Paranhos  
Henrique Rubem da Costa Velloso  
José Carlos Franco de Abreu  
Luiz Fernando da S. Souza  
João Baptista Paoliello  
Edson Ferracciù  
Sérgio Bernardo De Wit  
Luiz Fernando M. Paes Leme  
Sérgio Tasso Vasquez de Aquino  
Pedro Paes Leme  
Cauby Andrade Ribeiro  
Alberto Annarumma Junior  
Henrique Fontan Soto  
Antônio José Teixeira



# A GALERA

Os Aspirantes de Marinha têm a sua revista. É ótima. Chama-se A GALERA, e, quando em quando, me aparece, de vento em pôpa, com as altas gáveas enfunadas à brisa fresca da inteligência môça que a governa, singrando com galhardia os mares incios da literatura.

Fundou-a Apolinário Buarque de Lima, bela envergadura marítima a serviço das letras. Excelente escritor, já comprovado em obras publicadas que lhe deram renome. Orador inspirado desde os bancos escolares, quando a turma o elegia para os discursos de fim de ano. Acolitava-o, nos primórdios de A GALERA, Levi Aarão Reis, filho de Fábio, ilustre autor teatral, e neto do grande engenheiro que traçou a mais linda cidade do mundo.

Seguiram-se outros, de rara competência, no comando da nau faceira, que uma vez por outra se engalanava de nôvo no oceano das letras jornalísticas. E vêm no rol, ao que me lembro, Carlos Chagas Diniz, dos Chagas de Oliveira, velha família de Minas que nos deu êsse luminar da medicina há pouco desaparecido; e Braz da Silva, Paulo Amaral, Gossens Marques, Newton Tornaghi, Hélio Leôncio Martins, Henrique Lins de Barros. A êste ficara confiado o último número, que se apresenta lindíssimo e volumoso nas suas oitenta e quatro páginas de bom texto e vistosa clícherie. Foi, ao que êle confessa a sorrir, no descuido de seus vinte anos, quase com o brilhante galão de guarda-marinha a riscar-lhe o punho do uniforme — um formidável *tour de force* para pôr A GALERA na rua.

Uma luta de gigante, nos intervalos de estudos náuticos. Um custo para arranjar dinheiro, daqui, dali, numa verdadeira súplica de esmolas. Por outro lado, os deveres, com as matérias assustadoras do pior ano do curso. Mas, com a graça de Deus, tudo foi vencido. Tudo foi desbastado com finura e elegância, e A GALERA saiu a todo o pano, enfrentando perigos e arrecifes, como outrora o "Benjamin Constant" e como agora o "Almirante Saldanha".

Não é de hoje que a aspirantada dedica os seus lazes ao cultivo do espírito. Na escola antiga, ou no

Colégio Naval, donde saíram os velhos, legendários almirantes, já existia a "Fenix Literária" por volta de 83, de que fazia parte em meio de outros, Henrique Boiteux, o maior historiador de sua classe, com sólida bagagem onde avultam "Os nossos almirantes", obra de fôlego e pesquisa que é o mais completo documento da Marinha, desde as suas origens aos derradeiros anos da monarquia. A "Fenix" era uma sociedade modelar, que, além de outras vantagens "possuía regular biblioteca, não só literária como científica para uso de seus sócios, que nela como na Escola encontravam compêndios nem sempre ao alcance da bolsa de todos." Infelizmente essa preciosa livraria foi desbaratada durante a revolução de 94, quando a Escola Naval se passou para a Praia Vermelha, "por ordem de um oficial do exército tallasófobo" que assumira o comando militar da Ilha das Enxadas.

Coincide com a data da fundação da Fenix uma anedota frizante do temperamento dos maravilhas de antanho. Rudes homens do mar, provetos profissionais, porém absolutamente avessos aos deleites espirituais que saíssem dos limites do seu barco, com o seu viver material e inimigo do convívio das artes.

Dirigia a Escola o bravo João Maria Wandenkolk, que foi Barão de Araguari. Assaltado por um grupo de aspirantes, que pensava organizar a Fenix e lhe oferecia a presidência de honra em troca de suas luzes, foi logo respondendo, a sacudir no ar o austero regimento interno: — Com muito prazer aceito a presidência honorária; porém, quanto às luzes, não as dou mais quanto as permitidas pelo regulamento.

Referia-se à vela de sêbo a que nesse tempo cada um tinha direito, de acôrdo com a sua hierarquia.

Mas a Fenix tinha luz própria. Como a da fábula, renascia das cinzas tôda a vez que as suas asas se queimavam. Por ela fizeram nome nas letras aqueles mesmos que já o haviam feito nas armas. Além do citado Boiteux, Proença e Quintino Costa, na poesia, no drama e no romance; Álvaro de Carvalho,



na alta peça dramática; Elói Pessoa, consumado literato; Mariano de Azevedo, humorista de escol; Virgulino Sampaio, Ramos Fontes, um dos sobreviventes fundadores do Clube Naval e pena acatadíssima; Santos Porot, que morreu na catástrofe do "Aquidabã"; Adolfo Caminha, o poderoso realista do "Bom Creoulo"; Barros Cobra, "o poeta revolucionário, que só escrevia com tinta carmim, autor dos Agaloados, cuja leitura valeu-lhe mais de uma vez ser recolhido ao Bailéu"; o Peixotinho, filho do Barão de Peixoto Serra, boêmio impenitente, um pândego de marca nas mais escandalosas farras de seu tempo, autor de discursos inesquecíveis como aquele que proferiu na Escola de Medicina, representando a Marinha em uma solenidade. Surgem: Camisão, descendente do herói da Laguna; Barjona e Canedo, revistógrafos notáveis, que se serviam dos acontecimentos escolares em impagáveis arranjos teatrais. A paródia ao Bocácio, que ambos escreveram, custou-lhes a perda do curso.

O reverso da Fenix era a Maria Pandilha, agremiação oposicionista dos aspirantes do terceiro ano. Como o próprio nome o indica, não podia ser coisa respeitável. "Não cuidava de letras, mas sim de tretas e das partidas que praticava contra os calouros e de como fugir às penas pelas infrações disciplinares".

E por fugir às penas, nunca pôde produzir nada aproveitável no terreno da literatura.

A GALERA de hoje vem reviver êsse tempo áureo em que não faziam mal as musas aos marujos. Antes, era uma deleitosa convivência, como se acaso Netuno permitisse aos buliçosos tritões umas alongadas horas de ócio pelos domínios de Apolo.

Nas suas páginas, a par da colaboração sadia da gente de botão de âncora, têm perpassado os nomes mais fulgurantes das letras contemporâneas. Escritores e escritoras, poetas e poetisas, alegres caricaturistas têm revezado com os técnicos na guarnição dessa nau peregrina, que enfrenta com altaneria os mais temíveis embates.

Avante, rapaziada!

Continuai no mesmo rumo propício.

Nunca deixeis naufragar A GALERA, nem encalhar nos escolhos da derrota. Amanhã tereis fundas saudades dêsse tempo, quando as vossas asas se enrijam e se deslocam do casulo da Escola para os prodígios do ofício. Amanhã, através de tantas lutas e desilusões, trepareis com emoção à proa do vosso barco para atirardes ao mar, aos punhados, as vossas mais rissonhas flôres d'alma, como se atiram rosas frescas, entre as ondas revôltas, sôbre o tûmulo infinito do marinheiro desconhecido.

Enquanto isso, os vossos corações, galeras de velas sôltas, vão sulcando os duros males da vida, vão se enchendo de penas e amarguras, vão se caldeando no serviço da pátria, que é tôda ela uma galera enorme, cujo leme se confia à mão segura e paternal do timoneiro-Deus.

Todo êsse nobre esforço que despendeis, quase a brincar, em favor da mentalidade da classe, traduz o que podeis realizar em prol do reerguimento futuro, depois que as palhetas das vossas hélices houverem revolvido a alma complexa de todos os oceanos.

Trabalhai, amigos, e coesos como agora. Não vos amedronteis diante de fantasmas imaginários. O Brasil carece da vossa honra, mais que da honra de todos. A Marinha é sempre o que se avista em primeiro lugar, ao defrontar uma nação, como o cruzado da estrada em panorama ignorado.

Quem vos dá êste conselho é aquele mesmo que quisestes realçar do seu outono tranqüilo nas páginas da vossa linda revista, numa homenagem inexplicável, e que nada vos ofertou em câmbio de tamanha mercê. Mas que é uma voz que não deveis desprezar, porque ama sinceramente a história das vossas armas, o passado das vossas glórias, o pendão das vossas imorredouras bravuras.

Sêde felizes, muito felizes, na rota que demandais com nobreza e ufanía.

A vossa GALERA, como a arca sagrada, é um símbolo.

E um símbolo tão religioso que dela se apoderaram os antigos para as naves das suas catedrais.

Que Deus esteja convosco.

# PORQUE, "A GALERA"?

*(Extraído do N.º 4  
de A GALERA de  
junho de 1941)*

Em tempos idos, quando o homem era ainda escravo dos mares, quando a borrasca violenta tocava a marujada enxarcidas assim a risar joanetes e gáveas, quando a nau enfrentava as tormentas na capa seguida e quando, em noites de calmaria, a marujada se deitava ao convés a cantar canções dolentes sob a fumarada dos cachimbos e a luz pálida do luar, a Galera era uma fôrça. Era a afirmação do poderio do marinheiro, de sua bravura e intrepidez. Era escola de lealdade, de coragem e do tão falado "espírito de classe" dos homens do mar.

Os tempos correram. Veio a máquina, o vapor a rodas, o encouraçado-titã dos mares. O homem deixou de ser escravo dos mares e dos aliseos. Não se tornou seu amo e senhor. Não. Que Netuno jamais se deixaria domar. Mas transformou-se de escravo em igual. Hoje, mar e marinheiro, tormenta e que, paradoxalmente ora se digladiam com encouraçado constituem entidades semelhantes vitórias e derrotas de parte a parte, ora confraternizam em harmonia surpreendente.

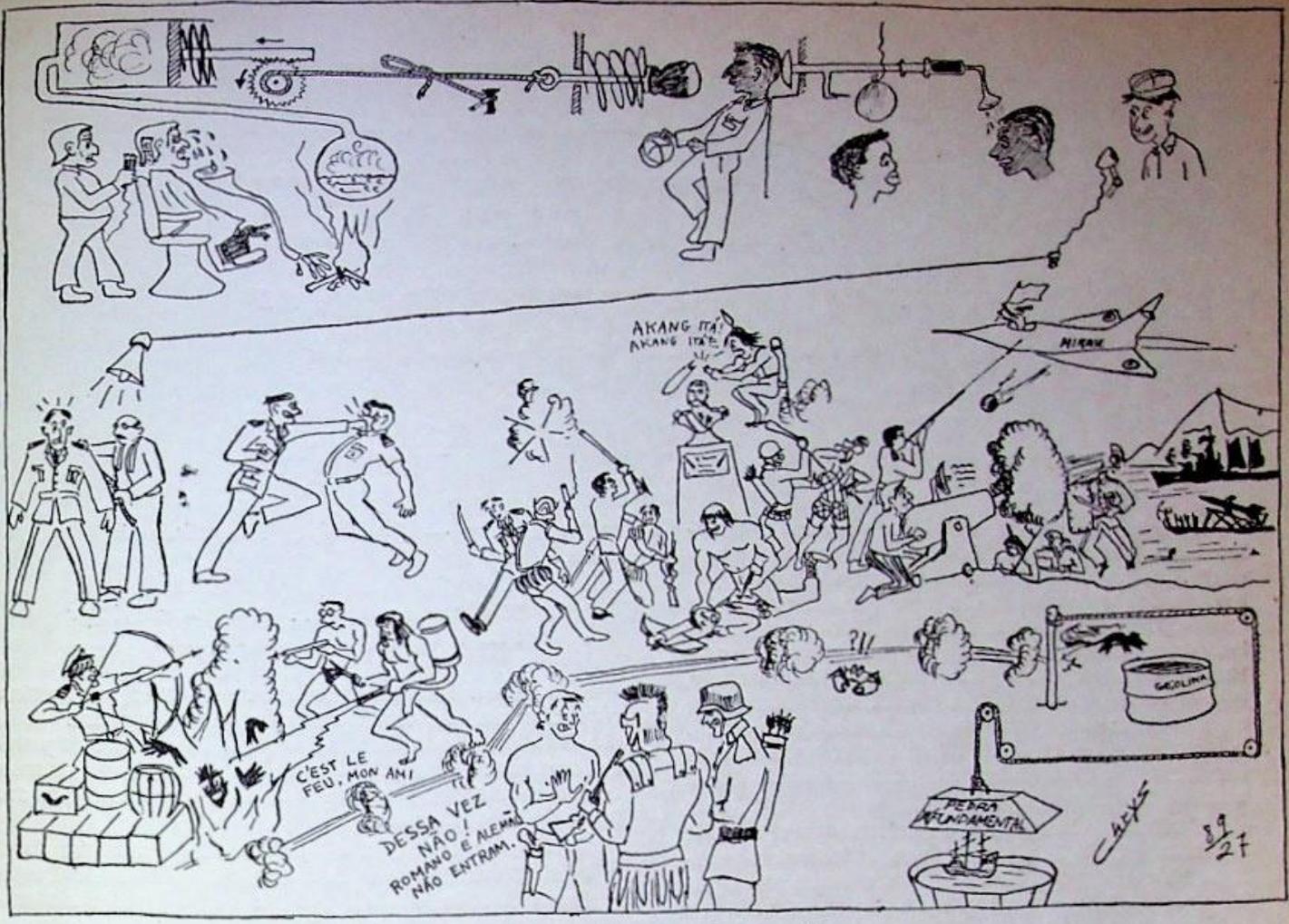
A Galera deixou de ser uma fôrça ativa para relegar-se ao rol das coisas passadas. Mas continuou um símbolo. Um símbolo impávido e indestrutível do mais belo capítulo da epopéia marítima. O marinheiro ainda ama a Galera como sua escola primeira de dedicação e sacrifício, como o foco radioso de luz que lhe iluminou as sendas do poderio marítimo. Nela está a origem de suas tradições gloriosas, o início de sua história vibrante.

\* \* \*

Eis a razão de nosso nome. A Galera é a nossa revista. E portanto nenhum outro designativo lhe caberia melhor. Somos a geração nova da Armada. Constituímos a esperança risonha da Marinha. E estamos a bordo de uma nau grandiosa e cheia de glórias. Velejamos na Galera em mares não procelosos. E por isso conhecemos a silhueta dominadora do barco triunfante. Isto nos fortalece e nos faz cheios de confiança. Prepara-nos para os embates futuros sob condições adversas, é bem verdade, mas com o espírito resoluto e o ânimo alevantado.

A GALERA é nosso berço; é a nossa escola; é o nosso guia.

# SÊLO COMEMORATIVO



## NOTA EXPLICATIVA DO SÊLO COMEMORATIVO DOS 40 ANOS

Rocha de Oliveira

A gravura mostra como Apolinário, em 1925, talvez tenha afundado, isto é, fundado A GALERA.

Para começar, raspou a cabeça de um colega seu, que para tal foi amarrado. As lágrimas que o infeliz verteu foram ter a um conduto que as levou às chamas da fogueira, apagando-a. A pressão do vapor caiu no cilindro, permitindo a extensão da mola que puxou a cremalheira e roda dentada, enrolando o cabo que comprimiu a mola da luva, soltando-a quando já havia forte tensão. A luva bateu no "alvo", cuja cabeça empurrou a haste, jogando a tinta preta da seringa no branco e estourando a bola em cima do preto que ficou branco de susto.

Como todo calouro é voador, o ronda esqueceu que o fonoclama estava ligado e exclamou: "mudaram de côr".

O indivíduo que experimentava o uniforme cáqui, ao ouvir aquilo, interpretou que a côr do uniforme seria novamente cinza. Em completo desespero agrediu o oficial.

Ora, o oficial era aliado dos tamoios e dos franceses, ao passo que o agressor o era dos portugueses e dos temiminós. Isso causou violenta guerra, que foi decidida por Araribóia que ateou fogo ao paiol com seu lança-chamas. O rato pegou fogo e fugiu para jogar-se n'água, mas como rato não sabe ler, caiu foi na gasolina, inflamando-a, o que partiu o cabo permitindo que a pedra afundamental, isto é, fundamental, afundasse, isto é, fundasse A GALERA.

# OS QUARENTA ANOS DE "A GALERA"

Prado Maia

O mar é um perene painel, onde o mais maravilhoso dos pintores exercita cores e aspectos imprevisíveis, que incessantemente se renovam. As tintas de um pôr de sol na majestade tranquila ou revolta do oceano... As primeiras résteas tenuíssimas de luz no horizonte circular longínquo, no prenúncio da aurora... e a substituição das estrélas, mansamente, pela claridade que inunda o céu... O caricioso marulhar das vagas, embalando sonhos e devaneios... A grandeza e plenitude de Deus, que se aproxima do nauta na imponência austera do firmamento sôbre a imensidão das águas...

Autêntico laboratório de beleza, o mar oferece encantos e seduições, proporciona espetáculos sublimes, enseja alegrias, horas de paz e beatitude àquelas que sôbre ele vivem, ou sôbre ele cruzam.

Mas, por outro lado, dêles também exige tributos, sôbre eles descarrega, também, quando está zangado, suas cóleras e desvarios... As tempestades violentas; os vagalhões que se alteiam e abatem furiosamente, como se tudo quisessem destruir; as montanhas andantes de gelo que atravancam, traiçoeiras, nas noites escuras, as rotas navegáveis; os desvios da agulha magnética, que conduzem os barcos de encontro a escolhos; os sinistros marítimos, enfim, que tantas formas variadas assumem, — são tributos que o mar cobra dos marinheiros, impostos que exige dos navegantes pelo estupendo manancial de estesia que, nas horas amenas, espalha com magnificência para uso e gôzo dêles...

Não é de estranhar, portanto, que quantos entram em contacto com o ambiente marítimo, como os jovens do Colégio e da Escola Naval, se sintam desde logo fascinados pelos encantos do salso elemento e procurem, com a vibração da mocidade, traduzir seu sentimento por intermédio das belas-letas.

E eis a importância de A GALERA!... Porque nela, através dela, têm os futuros oficiais, futuros comandantes e chefes, futuros lobos-do-mar da Marinha Brasileira o veículo natural para o extravasamento das suas idéias e pensamentos, das suas emoções e entusiasmos.

\*  
\* \*

Na capa do seu número de estréia, que traz a data de abril de 1925, a vitoriosa revista — órgão dos Aspirantes da Escola Naval — estampa um soneto, *Velas*, da autoria de um dos seus fundadores e pri-

meiro diretor — Apolinário Maranhão Buarque de Lima.

*"Ei-la que parte... Errante a velejar  
Sob a loira poeira do arrebol."*

Dir-se-ia um traçado de rota, uma predestinação. Porque, nestes quarenta anos de vida de A GALERA, a poesia tem sido uma constante. A poesia e a história. Uma, focalizando as maravilhas do mar; outra, evocando, para edificação do presente, os feitos e glórias do passado.

Além do mais, A GALERA se constituiu desde o início num precioso auxiliar da cátedra de Português da Escola, sabido que "é com a pena na mão que se aprende a língua", como sustentou o velho mestre Eduardo Carlos Pereira; e os redatores da revista naval sempre foram, nestes anos todos, os melhores alunos daquela disciplina.

O saudoso Comandante Antônio Bardy, meu erudito e brilhante antecessor como catedrático da matéria, dava aos Aspirantes o exemplo nesse sentido, porquanto foi sempre um assíduo colaborador de A GALERA. Verdadeiro estilista, cujos trabalhos em prosa são modelos na ciência e arte da palavra escrita, era ao mesmo tempo primoroso poeta. Possuo dêle alguns sonetos admiráveis, que me foram cedidos pelo seu colega de turma, escritor e historiador almirante Lucas Boiteux; vários dêles estão publicados em A GALERA.

Almirantes de hoje, alguns já no desfrute do *otium cum dignitate*, "estagiaram" como Aspirantes na redação de A GALERA, e abrilhantaram as páginas da revista com os primeiros frutos do seu talento.

Aí estão, entre outros, Levy Pena Aarão Reis e José Santos Saldanha da Gama, chefes ilustres da Marinha de hoje, que fizeram parte, com Apolinário Buarque de Lima, do primeiro corpo redacional de A GALERA. E aí estão Augusto Dias Fernandes, Jonas Paredes, Silveira Lôbo, Josué Filgueiras Lima, Braz da Silva, Goossen Marques, Newton Tornaghi, antigos diretores da revista, quase todos já na reserva; e, entre os mais moços, — todos no serviço ativo —, Hélio Leôncio Martins, Paulo Moreira da Silva, José Geraldo Brandão, Fernando Paranhos, Henrique da Costa Veloso, Franco de Abreu, Luís Fernando da Silva Sousa e tantos outros, expoentes, além de outros méritos, da arte de bem falar e de bem escrever.

Durante a administração, na Escola, do almirante Pinto de Lima, sendo vice-diretor o então capitão-de-mar-e-guerra Matoso Maia, fui designado supervisor de A GALERA. Pude sentir de perto, nesse tempo, o idealismo sadio, o entusiasmo e a extrema dedicação dos rapazes na feitura da sua revista. As horas de folga, os hiatos dos estudos e exercícios, eram sistematicamente aproveitados nos trabalhos da redação: escreviam, datilografavam, reviam provas, organizavam os *espelhos* e os refaziam, iam à terra angariar anúncios, sempre bem dispostos, satisfeitos com o trabalho que realizavam como se dêles adviesse a própria alegria de viver.

Não é nada fácil, como muitos imaginam, fazer uma revista.

E a verba para custear a publicação?! Não sei se ainda é, mas era um drama.

Eu mesmo, com a facilidade de encontrar-me à disposição do Gabinete do Ministro sem prejuízo das minhas funções na Escola, tive muitas vezes de usar a "picarêta" para "cavar", junto às autoridades competentes, o necessário para a saída de um número.

Fazer uma revista é trabalho duro, às vezes desencorajante, mas que vale a pena.

\*  
\* \*

Falei, de início, na *constante* da poesia na evolução de A GALERA. De fato, através dos anos, desde a sua fundação, a revista dos Aspirantes de Marinha tem revelado ao público uma plêiade de magníficos poetas: Eugênio Possolo, Velho Sobrinho, Gastão Penalva, Olavo Coutinho Marques, Otacílio Cunha, Josué Filgueiras Lima, Newton Tornaghi, Hamilton Elia, Luís de Farias Melo e muitos outros mais modernos que, infelizmente, não tenho o prazer de conhecer ou com os quais não tive qualquer contacto.

Alguns, apenas por meio de pseudônimo se fizeram notáveis: *Rumocor* (Ary dos Santos Rongel), *Tenente* (Antônio Bardy), *Reginaldo Pena* (Pedro Pena Brightmore), *Pedro Siri* ou *Zeca Marambaia* (Carlos das Chagas Diniz), além de vários outros cujos nomes não me ocorrem no momento em que escrevo estas linhas. Otacílio Cunha assinava suas produções poéticas com iniciais: O. C.

Interessante é ressaltar a predileção dos poetas da Marinha pelo lado burlesco, irônico e satírico da vida do mar.

A *Arte de navegar*, de Eugênio Possolo, e a *Fé de ofício*, de Velho Sobrinho, dois sonetos primorosos publicados em A GALERA nos seus primeiros números, fizeram época na Marinha, comentados, discutidos e recitados em toda parte, especialmente nas praças d'armas.

*Rumocor* destacou-se no estilo brincalhão e irônico; seus belos sonetos "Viajar é bom... para o

estrangeiro", "Pau safo", "Amor elétrico", "Amor de sinaleiro", "Jardim zoológico naval", "Círculo viciado" (paródia ao "Círculo vicioso" de Machado de Assis), são exemplos típicos. Aliás, essa faceta do seu espírito quase valeu ao poeta uma cadeia, nos seus áureos tempos de tenente, quando, através das rimas de um soneto, como sempre bem burilado, aplicou algumas alfinetadas risonhas na austeridade de um chefe de então, que não gostou muito da brincadeira...

"Meia noite às quatro" e "Dor de dentes", de Eugênio Possolo; "Menina doce" e "Contrastes", de Newton Tornaghi; "Astronomia", "Ver navios" (paródia ao "Ouvir estrelas" de Bilac) e "Artilharia", de *Pedro Siri*; "Noivo e aspirante", "A bordo (mau rancho)", "De pau" e "Enjoado", de *Tenente*, — são outros exemplos do gênero satírico que se apraz em descobrir o lado cômico ou risível dos seres, coisas e aspectos da vida...

\*  
\* \*

Os Aspirantes que hoje dirigem e redigem A GALERA têm um patrimônio a zelar. Os quarenta anos da sua revista representam quarenta anos de lutas e trabalhos, mas, também, quarenta anos de vitórias. A Marinha, nesse período, desenvolveu-se e progrediu; os velhos navios do programa Júlio de Noronha foram pouco a pouco tendo baixa do serviço, substituídos por unidades cada vez mais modernas, dotadas por isso mesmo de aparelhamento aprimorado; conhecimentos novos, oriundos da experiência de dois grandes conflitos mundiais, aumentaram o cabedal científico da oficialidade naval; técnicas avançadas de atividade aero-naval passaram a orientar a tática e a estratégia da guerra no mar, e um mundo novo, no campo sobretudo da balística e da conquista do espaço cósmico, descortina-se aos nossos olhos, desafia a nossa inteligência e a nossa capacidade de ação, assumindo prioridade absoluta nas diretrizes dos nossos estudos, planejamentos e esforços.

Sem dúvida, encontramos-nos no limiar de uma era nova da humanidade.

Os Aspirantes que há quarenta anos fundaram A GALERA, como a sua geração, constituem, na atualidade, expressões de alto valor da Marinha hodierna.

Que os Aspirantes que hoje a dirigem, como a sua geração, possam, decorrido igual tempo rumo ao porvir, transformar-se, de igual modo, em expressões de alto valor da Marinha do futuro!

Terão, assim, trabalhando, fazendo velejar A GALERA, realizado com êxito a missão de receber, manter e ampliar uma tradição!

A. M. Braz da Silva  
Vice-Almitante Ref.

## BORDEJANDO

**R**ELER jornais antigos é privilégio de poucos. Talvez mania de alguns. Nas bibliotecas há sempre uns sujeitos míopes, pálidos, debruçados sobre as mesas (a leitura de jornais é faina incômoda) que copiam trechos de fôlhas amareladas. Tiram do bolso uma ponta de lápis e pedacinhos de papel e dão-se à tarefa de transcrever.

As revistas exigem outros requisitos, certo gosto artístico, maneiras aristocráticas, boa formação intelectual. Então é um prazer voltar ao passado e revolver o tempo.

Três revistas escolares provocam velhas reminiscências: ASPIRAÇÃO (do Colégio Militar), ÉPOCA (da Faculdade Nacional de Direito) e A GALERA (da Escola Naval). Três vias de comunicação com a rua, com o mundo fora de portas...

Gerações sucessivas ainda se lembram dos dias em que os *números novos* apareciam. Eram dias de festa. As vaidades impavam. O orgulho escolar coloria-se com espanto. Os leitores gozavam as novidades e anotavam as insólitas surpresas. Os escritores — velhos convocados e moços desabusados — impunham estilos e renovavam criações. Gastão Pernalva e Velho Sobrinho, Buarque de Lima e Josué Filgueiras Lima — velhos e moços.

A GALERA dependia de um grupo. Como se trabalhava! Dirigia-a sempre um projeto de escritor, um germe de poeta, um embrião de jornalista. Esse era o cérebro, o nervo, a fibra, a voz que comandava.

O caricaturista (e aqui rendo homenagem a Carlos Barcelos Lavrador) expunha ridículos, apontava caturrices, punha em relêvo o subconsciente da aspirantada. Sem falta de respeito, havia algumas alfinetadas. Farpas do tempo, sem Eça e sem Ramalho...

Como pagar a edição? Ia-se, de porta em porta, e pedia-se ao comércio o anúncio salvador. Caprichava-se nos desenhos. Aparecia o KAOL, instituição

naval, que não precisava de propaganda. A bordo nunca se viu marinheiro sem lata de Kaol e um pedacinho de estôpa. Os amarelos resplandeciam. Deve-se ao Kaol o brilho das inspeções das sextas-feiras, honrosa tradição.

Uma noite, 23.55 h, chegava o Josué de bote (contrariando o regulamento) trazendo, sob o braço, o *número* prometido. Fôra uma aposta: antes da meia-noite, deveria estar na Escola o *número novo* de A GALERA. Chegou. Uma vitória do poeta displacente e mavioso (Ô morena côr de jambo/Ô morena de arrelia/Pruquê teus ôios tão bambo/Num ficaro na Bahia?)

E as meninas? Recebiam cada exemplar com pedacinhos de corações. Como era imensa a saudade na ilha das Enxadas! Saudade imensa, lírica, incurável! Quanta saudade dessa saudade!

Nas festas (lembrem-se o Tijuca e o Botafogo) vinham comentários compensadores. Entre duas danças e durante tôdas as danças, *elas* diziam que haviam lido os nossos versos, a nossa prosa. Parabéns, promessas e sorrisos pagavam as canseiras na ilha, *depois do silêncio*.

APOLINÁRIO MARANHÃO BUARQUE DE LIMA, poeta, orador e prosador, fundou a nossa revista. Já lá vão 40 anos! Muitos aspirantes espantados chegaram a almirantes respeitáveis. A Marinha girou, andou, cresceu. As velhas tradições ficaram mais nítidas e mais amadas. A história continua.

Vale a pena pensar num pôr-de-sol, na ilha das Enxadas, debaixo do tamarindeiro, enquanto a noite caía... Lá fora, a rua, o sonho, a vida, a doce liberdade. Na nossa ilha, as raízes, a beberem a seiva, a sugarem o sangue de um chão que nunca esqueceremos.

Agosto, 1965.

# NÓS GUARDAMOS



De Albert Einstein

Convidado, escreveu especialmente para A Galera um artigo sobre a Teoria da Relatividade .

De Getúlio Vargas

Já foi capa de A Galera, onde aparecia folheando um de seus exemplares.

De Apolinário Buarque de Lima

Fundador e iniciador de A Galera em 1925.

De Gastão Penalva

Se Apolinário foi o iniciador e fundador, Penalva é considerado o Pai Espiritual de A Galera.

Dos tempos antigos

A Galera circulava nas principais bancas de jornais como hoje fazem as grandes revistas nacionais. Seu primeiro preço foi de Cr\$ 3,00.

## GÍRIA NAVAL

(do número 4, ano de 1940 de A GALERA)

*PAU* traduz-se por serviço  
e por cacete *INJEÇÃO*.  
*Pular mais alto* é *APERTO*.  
*COCHA* é cunha, pistolão.

*É canjica* *CHÁ DE BURRO*  
*COMPADRE QUINCAS*, marujo  
*RISCAR O BURRO* é beber  
*BODOSO* é mesmo que sujo.

*HOMEM ROLIÇO* é malandro  
*Esperto* é *DESBOLINADO*  
*PEGAR* é encontrar tropeços  
*PAU DE FOGO* é relaxado.

*ONÇA* é falta, precisão;  
*ONCEIRO* é quem nada tem  
*FACADA* é pedir dinheiro  
Quem sai de pau é *RETÊM*.

*Enganar* é *DAR O BÓLO*  
*Representar* é *TESAR*  
*CAMPANHA* é colega amigo  
*Prender se diz* *GRAMPEAR*.

*INÁCIA* se chama a lei  
*MESTRE CUCA* é cozinheiro  
*Contratado* é *BOI DE BICO*  
*CHAPÉU DE COURO* é vaqueiro.

*Coisa ordinária* é *ZURRAPA*  
*FACÃO* é músico espora  
*Comida mal feita* é *ESTROPO*  
*Afastar-se* é *DAR O FORA*.

*Encrenca* é mesmo que *BÓLO*  
*O tal BÓLO* é tempo quente  
*BOTOACA* é sono livre  
*E BAM-BAM-BAM* é valente.

*SURDINA* é deslealdade  
*URSADA*, *FRANCESA*, intriga;  
*BENEDITA*, ou falecida  
*CHIBATA*, Marinha antiga.

COATI RABUDO



## A VIDA COMEÇA AOS 40

Antigamente as pessoas, quando nasciam, sabiam pouca coisa. Melhor das hipóteses, se interessavam por andar e falar. Por vêzes inventar. Mas, raramente. Quando D. Henrique, que foi Infante a vida tôda, resolveu mudar-se para Sagres e ser fazedor de viagens, já era muito natural uma criança perguntar à outra: "O que vai você descobrir quando crescer?". De lá para cá, os meninos deixaram um pouco de lado esta história de descobrimentos. Cresceram., E passaram a se dedicar a alguns passatempos mais prosaicos. Quicá violentos.

Pouco antes de D. João VI, na sua estranha ambição de virar estátua na praça XV, vir morar por estas bandas e mandar abrir uma escola de marinha, Nelson, que já era almirante, preparara um inesquecível memorando de batalha para uma armada de QUARENTA navios. Tão esplêndido que causou brados de admiração a todos que estavam por lá. E foi de pronto aprovado. Depois — diziam — era sair pelo mar ganhando batalhas. Êle e o "Victory". Que mesmo não sendo galera (era nau) já dava um bocado de trabalho. Aos outros. Tal e qual A Galera. Até que uma bala de mosquete (atirada de oeste da gávea do artimão do navio abordado) matou Nelson, com vitória em Trafalgar, justamente quando o "Victory" fazia QUARENTA anos.

Por isto mesmo Napoleão não teve o prazer de invadir a Inglaterra. Coisa que há muito tramava, Josefina de lado. Valeu, no entanto, o susto pregado nos inglêses. Que retrucaram, com sorriso um tanto amarelado de alívio, "Ê, a vida começa aos QUARENTA!".

Ao sabermos disso, sentimos grande consôlo. Mesmo com QUARENTA anos uma Galera pode continuar a luta. E vencendo, ainda que galera não fôsse. Daí dizermos que as coisas dia a dia se renovam por aqui. Como uma singular predestinação. De já QUARENTA anos.

## FIM-DE-SEMANA NA ORLA



A orla convida ao passeio, à emoção, com barcos movidos com Motor Marítimo Willys.



Alguns equilibrio... um motor WILLYS... muita alegria... eis um fim-de-semana "bem."



Correndo no mar inencho, com Motor Marítimo Willys, eles esquecem o dia-a-dia...



(A tranquilidade é a alma do negócio...) - com Motor Marítimo Willys.

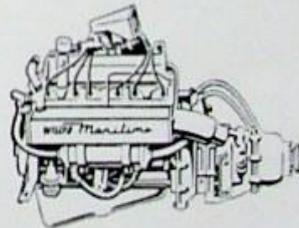


Vamos passear à beira! Naturalmente a moça não sabe que o motor Willys é o mais econômico.



Num fim-de-semana enloucado, eles são em busca da paz, com Motor Marítimo Willys.

# MOTOR MARÍTIMO WILLYS/GORDINI



Econômico - Funcionamento suave - Refrigerado a água - Partida elétrica - Ventilação interna - Transmissão hidráulica - Acompanhado de manômetro, termômetro, amperímetro e conta-giro, suporte para fixação, jogo de ferramentas e manual de instrução - Para lanchas, pequenos iates e embarcações de pesca ou transporte.

CONSULTE-NOS SOBRE QUALQUER APLICAÇÃO REFERENTE AOS MOTORES MARÍTIMOS WILLYS/GORDINI. REMETA SUA CARTA COM ESTE CUPÃO PARA A RUA MAJOR SERTÓRIO, 92 - 5º ANOAR - SÃO PAULO.

NOME \_\_\_\_\_  
 ENDEREÇO \_\_\_\_\_  
 CIDADE \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_  
 PROFISSÃO \_\_\_\_\_ FIRMA \_\_\_\_\_  
 ENDEREÇO COMERCIAL \_\_\_\_\_



**WILLYS OVERLAND DO BRASIL S.A.** Divisão de Produtos Especiais - Taubaté - São Paulo

um farol é um farol  
é um farol

DIAS VIEIRA



Certamente dirás, caro leitor, que estás enfiado de faróis — que passam a vida a ver navios. Faróis que bóiam, que alagam, que piscam, naquela infatigável tarefa de orientar navegantes; coisa esperança, coisa triste, coisa alegre que acena no fundo da noite. O leitor despreocupado, tendo o mar tranqüilo a espumear nas pedras, realista, incenso, puro, brando. E com a noite escura a acalentar os sonhos, a envolver tôdas as coisas com a mesma incerteza, a confundir homens e mulheres. E crianças.

Um farol é individualista, sem dúvida. Sem ser egoísta, no entanto. Tem o ar patriarcal de quem com os olhos comanda uma imensidão, a dureza da rocha para tornar-lhe o coração impenetrável. Por isso foge aos contactos, distancia-se no espaço e no tempo; somente o faroleiro participa de sua solidão, e conhece-lhe os mais íntimos desejos. Que não são muitos.

Um farol matreiro pode nascer grande, pode nascer pequeno. Pode nascer duas vezes, e outras tantas morrer. Sem um gemido, sem um suspiro, apenas a angústia de não mais poder guiar os barcos no infinito, até onde alcance a sua luz, ainda que frágil e esbranquiçado clarão no horizonte, que essa é a mais sutil maneira de ser solidário. Sobre tudo é solidário. Participa das tormentas, quando frangem-lhe as entranhas, na luta louca contra o elemento, contra tudo e contra todos; contra as águas, do mar e da chuva. Só Deus quebra-lhe a altivez. Ninguém mais.

Um farol mais parece um pedaço de esperança que Deus colocou nas mãos dos homens, e estes, frá-

geis, deixam-nos aonde todos possam vê-lo, onde o mar é mais traiçoeiro, onde as pedras vão serenamente aflorar às águas. Cuidado por não tê-las pela proa, que são perigosas, que são estêreis, que são mortais. Pedras lisas, pedras ponteadas, grandes e pequenas, pontões indóceis que não param de quebrar marolas, brancas espumas a lavar-lhes a face lívida. Têm cheiro de perigo.

Um farol avista-se ao longe. Nos longes, um pescador traz a sua rêde. Luta, pescador.

Farol, farolete, lampejos brancos e encarnados. De grande e pequena duração. São as cartas, guias confidentes, que segregam ao ávido navegante a posição e a distância do farol. E este, com ar grave, vai ditando luminosidade cronométrica, decifrando o código indefinível da fraternidade. Guia ímpoluto e gigante, ao mesmo tempo. Uns, na verdade, são até pequenos. Como o de Villegagnon. Mas é de se ver a sua coragem nas noites escuras, voltado para a entrada da barra, a piscar, a piscar; indefectível piscar de farolete arrogante.

Todos nós, em alguma época e em algum lugar, temos necessidade de um farol. Quanto mais não seja, da certeza de sua presença. Como se fôsse um marco a atingir, um guia e uma esperança.

Apenas uma luz me alumia neste instante em que transiro aos outros a convicção de que, nalgum lugar, no mais profundo do oceano, a luz frágil porém obstinada de um farol está levando esperança ao coração do homem.

# SALDANHA

## UM BOM EXEMPLO

Manoel Cotta da Silva Filho

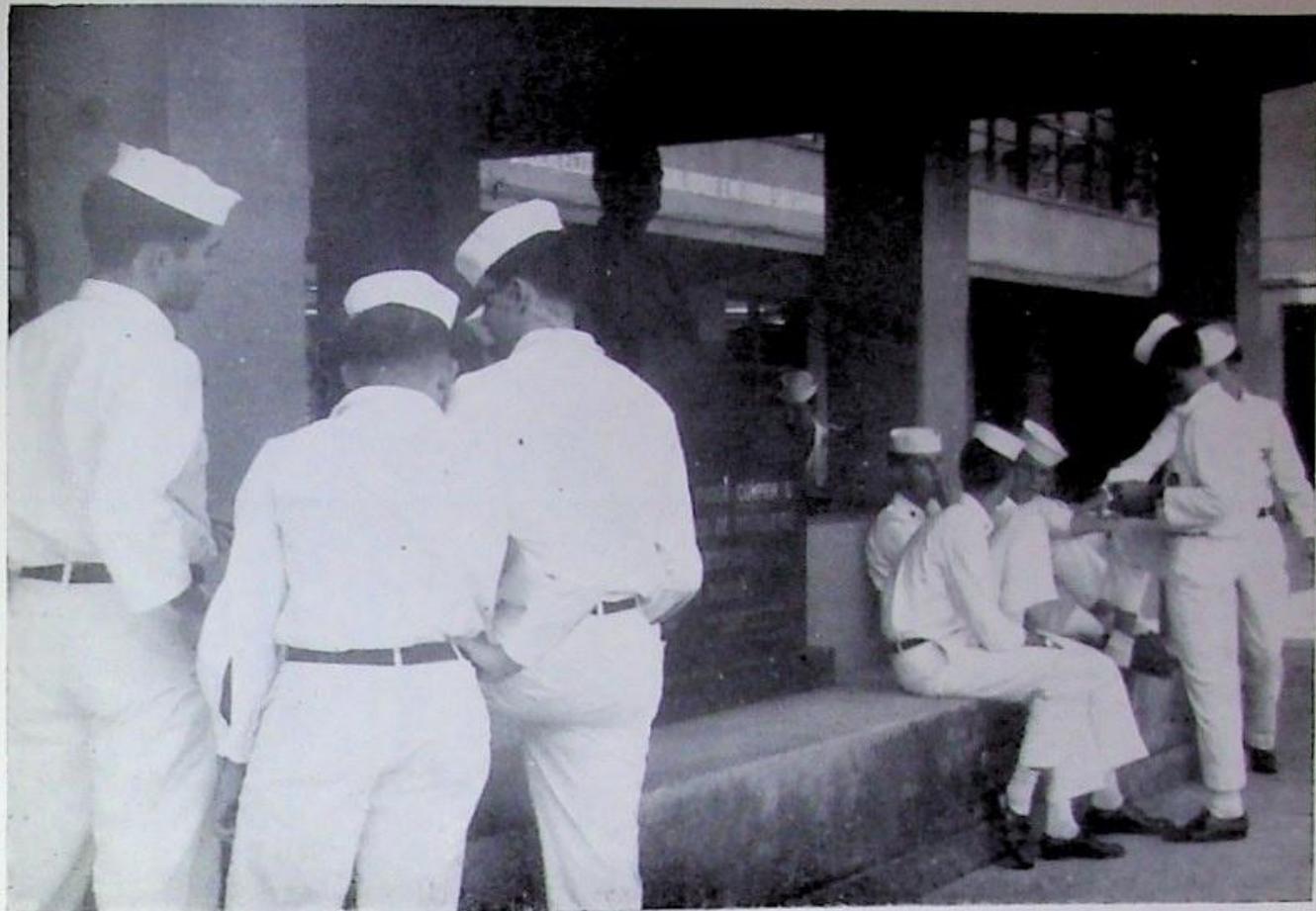


Era no Largo da Prainha, número 7, a Escola de Marinha. Ali, onde hoje ergue-se o edifício de "A Noite", bem no coração da Praça Mauá. Cursava-a, nestes mesmos bancos escolares — diferentes apenas por sua localização — o então Aspirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

Em 1863, recém desembarcado da Corveta "Baiana", navio-escola da época, assumiu sua primeira comissão a bordo da gloriosa Fragata "Amazonas", a qual traria para nossa pátria as glórias de tão brilhante participação como capitânea de Riachuelo. Um fragmento de seu mastro principal, símbolo eterno da bravura de seus tripulantes, guardámo-lo até hoje, e, junto a ele, depositamos nossos espadins no dia da formatura.

Já em Paissandú, Guarda-Marinha com pouco menos de 19 anos, marchava a frente dos Fuzileiros, tendo parte destacada na tomada daquela praça. Saiu aos 18 anos e volta aos 23, 1.º tenente, após ter participado da campanha que cobriu de glórias a armada nacional.

Passou da Amazonas à corveta Niterói e daí à Parnaíba, já sob seu comando. Assume em 1884 o comando do cruzador Almirante Barroso, orgulho da construção naval brasileira da época. Rápido vai escalando os diversos postos da carreira, inclusive passando pelo comando do encouraçado Riachuelo.



O marechal Floriano, ciente de seu valor, chama-o para dirigir a juventude da Escola Naval, desde há muito funcionando na Ilha das Enxadas. Aí chega em 1892 e com pouco tempo de administração sente-se a mudança rejuvenescedora, imprimindo ritmo novo a todas as suas atividades. Participando ativamente de todas as fainas escolares, assistindo aos instrutores, sua presença granjeava cada dia mais a amizade, admiração e respeito dos Aspirantes, bem como de todos que sob seu comando serviam.

Tal era a dedicação de seus discípulos que muitos deles o acompanharam na luta para a qual foi levado mais tarde, sucumbindo a seu lado ou cultuando-lhe a memória querida através dos tempos.

Infelizmente atravessava o Brasil um período triste de sua história, conturbado por sua situação interna. Deposição de governadores estaduais, deportação de oficiais, prisão de civis e outras coisas, teriam como resultado infalível a guerra civil. E ela não tardou.

Ambas as partes litigantes queriam o Almirante em suas fileiras. Revolucionários e governo. Porém sabia ele que ambos estavam errados, contra os princípios fundamentais de nossa gente. Não aceitou.

Junto com uma força de Aspirantes guarda a ilha das Cobras, neutra, protegendo os do-

entes e presos. Vigiava-os ao longe o Cruzador Liberdade, das forças rebeldes.

Numerosos Aspirantes queriam embarcar nos navios revoltosos, no entanto ele os impediu, pois "... deviam ficar neutros para recolher os restos da Marinha." Procurou afastar a Escola dos efeitos e consequências da luta, pois considerava-a, no momento, "... a única esperança da Marinha e da Pátria."

A parte da luta desde o seu início, o bravo Almirante não se pode mais omitir, dadas as suas circunstâncias fraticidas. Entra decidido na refrega ao lado revolucionário para libertar sua pátria do mal que a aflige.

Assumia logo o comando-em-chefe das forças navais da revolução. Como sói acontecer, aqueles que o haviam chamado, negam-lhe agora sua ajuda.

Desenvolve-se a luta, acésa. Porto do Rio bloqueado. Revolucionários restritos a poucas ilhas e parte do continente. Vários de seus Aspirantes mortos, Guardas-Marinha e subalternos. Suas praças de guerra viram pandemônio assediadas pelo tremendo canhoneio das forças governistas. Faltam-lhes munições de boca e de guerra. Feridos às centenas. Só restava uma alternativa, a retirada honrosa. E esta o fez, para Buenos Aires.

Nem me cabe falar nas agruras cécsa viagem, comprimidos

e ao relento a bordo de duas naves de guerra portuguesas, que fidalgamente acederam ao apêlo formulado.

Lá chegando, as autoridades portuguesas não quiseram deixá-los desembarcar. Complicações e implicações diplomáticas. Alguns se evadiram, a nado, em barcas de carvão, rebocadores e outros meios disponíveis. Os que ficaram foram parar nas praças fortes de Elvas e Peniche, em Portugal.

Tenta o Almirante soltá-los, indo à Europa, entretanto o governo português, surdo aos seus apelos, é intransigente.

Tentam ainda assim, à volta de Saldanha, reorganizar-se as forças do sul, sob seu comando, para tentar dali a investida. Com um fôlego extraordinário percorre todo o extremo sul, junto à fronteira com o Uruguai, mantendo contatos com seus diversos chefes. Vários Aspirantes combatiam a seu lado.

Reorganizadas estas, travam-se pequenas batalhas com vitórias de parte a parte. Surge no governo, em substituição ao Marechal Floriano, Prudente de Morais, o qual tenta a pacificação, porém em bases não aceitas. Passam-se alguns revoltosos para seu lado mas a luta sangrenta continua.

Manda o governo, então, grande tropa que deveria de uma vez por todas acabar com os rebeldes. Encontram-se com estes em Campo-Osório.

Saldanha, tomado de surpresa por uma bobeada de seus piquetes de reconhecimento, ainda teve tempo de organizar suas tropas. Trava-se a luta, feroz. A cavalaria federalista ataca impiedosa deixando sobre o campo, inertes, inúmeros soldados rebeldes. A superioridade é flagrante. De cá, contavam-se cerca de 400 rebeldes enquanto as forças governistas, zombete-se depois, alinhavam 1200 homens. A resistência era tenaz, porém a superioridade venceu, passando do combate ao massacre.

Com a destruição total de suas forças cai o bravo e destemido chefe de Campo-Osório sob as lanças e o fogo adversários, deixando registrada na história esta página de heroísmo e decisão firme de vencer.

E ele, orgulho marinho de ontem e hoje, exemplo invulgar de lealdade, bravura e abnegação a sua Marinha e a sua Pátria. E, com seu olhar severo, como a querer transmitir à geração atual de Aspirantes a sua mensagem de cumprimento do dever e amor a causa que, como nós, abraçou, permanece ali imóvel a velar por aqueles que em vida tanto deu de si, seus Aspirantes.

E, ao olharmos seu busto, a toda hora, relembramos as palavras que ele proferiu e que tão bem soube cumprir até a morte:

"Espero poder cumprir meu dever de brasileiro até o sacrifício. Cumpri o vosso".

**ANO 197....**

**AULA DE HISTÓRIA NAVAL  
DADA PELO CF M. PINTO BRAVO NETO  
A BORDO DO NE CUSTÓDIO DE MELO**

Rocha de Oliveira

**SENHORES**

Trataremos hoje de como foi destruído em 1966 o Cruzador BREKELE (de triste memória para os 4.º anistas). Tendo sido construído com todos os requintes da técnica foi entregue a uma guarnição composta exclusivamente de ASPIRANTES devendo ser, teóricamente, a melhor.

Baseados em gravura feita por um sobrevivente estudemos a lamentável catástrofe.

1. Idiota, quem mandou dar marcha atrás?
2. Ora, fizeram o navio com hélice esquerdo, e nós só aprendemos manobrar com o hélice direito. Assim fica saio.
3. Quer mais munição aí?
4. Não adianta, ainda não achei a culatra deste "canhão".
5. Nada melhor que pegar jacaré em ondas radar!
6. Ele aproveitou a rigidez das trajetórias e está batendo nos aviões. Já derrubou 4. Eu aproveitei então o vetor Vo para fazer um anzol e vou pescar esse Boffors que tem molinete e tudo.

$$7. \text{Log} \left( \phi \cdot \rho \left( v^2 \cdot \frac{1}{\sigma} \sqrt{mv^2} \right) \times \text{sen } \theta + \frac{2}{3} \pi \rho + \sum H_2SO_4 \right) + 1 = 2 \times \lim X \rightarrow X$$

8. Há 3 dias que éjes estão aí dentro tentando resolver o problema de tiro daqueles alvos que nós abalroamos.
9. Olha lá! Mataram o rancheiro das batatas de boreste.
10. Ótimo! Já podemos treinar o uso de espadins em funeral.
11. Toma isso aí e me dá a 3.ª via das requisições de arrecadação para que eu faça a 2.ª via do mapa de fardamento que é o meu documento de despesa.
12. Agora, aperte o pino-retém, da contra-guia, da capa, do parafuso de ajustagem, do embólio compensador, do eixo geométrico do tubo-alma, para soltar o ar comprimido, do saco de ar, do rolête que já não aguenta mais passear no seu plano de passeio.

13. Cejebre formiga responsável pela existência da aceleração de CORIOLIS.
14. Aí dentro é que eu não fico, já queriam roubar meu anel de forçamento!
15. Alguem engraçadinho substituiu a anarra e o ferro por outros de madeira!
16. Porque não usa a corrente de sucção com amarra?
17. Proa — Comando: MULEEEEE!!!
18. Alguem idiota apagou a luz, mas acho que essa granada iluminativa safa.
19. Que cheiro de queimado é esse?
20. Foi uma fogueirinha que eu fiz p'ra iluminar.
21. Não tiraram a capa da chaminé.
22. Nada melhor que livros de Termo, para aumentar a entalpia da água!
23. Que perfume é esse?
24. Nós fizemos um canteiro de rosas de manobra na falta de utilidade maior.
25. Negoflex meu chapa, o rancho agora é pago.
26. Eu sabia que esse balão seria útil.
27. Mas, o cabo arrebitou inexplicavelmente e o odômetro foi-se!
28. Infeliz! Já dizia Magaldi: "embora pareça sandice sardinha come odômetro de superfície."
29. Não disse que era Parsons?
30. Comando pede tóda-fórça atrás, manobre com a garganta.
31. Já estou com a garganta cansada e as válvulas não abrem.
32. Vou por um paradeiro nesse parafuso sem fim.
33. Não quer usar o martelo hidráulico que fizemos na rede de AP?

E assim, senhores, deu-se a renovação da esquadra brasileira, pois no seu louco recuo o CL "BREKELE" usou o leme como ariete e colocou a pique o capitânea que fazia transferência de óleo com um CT que incendiou, explodiu, pondo a pique o resto da esquadra que procurava socorrê-lo, bem como 5 traineiras e 247 barcos a vela que disputavam a regata EN. O porto do RJ ficou interdito por 3 anos. Do ocorrido tirou-se o brilhante conceito filosófico:

"NADA RESISTE AO ASPIRANTE!"

**ALBINO CASTRO - COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.**

Casa fundada em 1882

**FORNECIMENTOS • IMPORTAÇÃO • EXPORTAÇÃO**

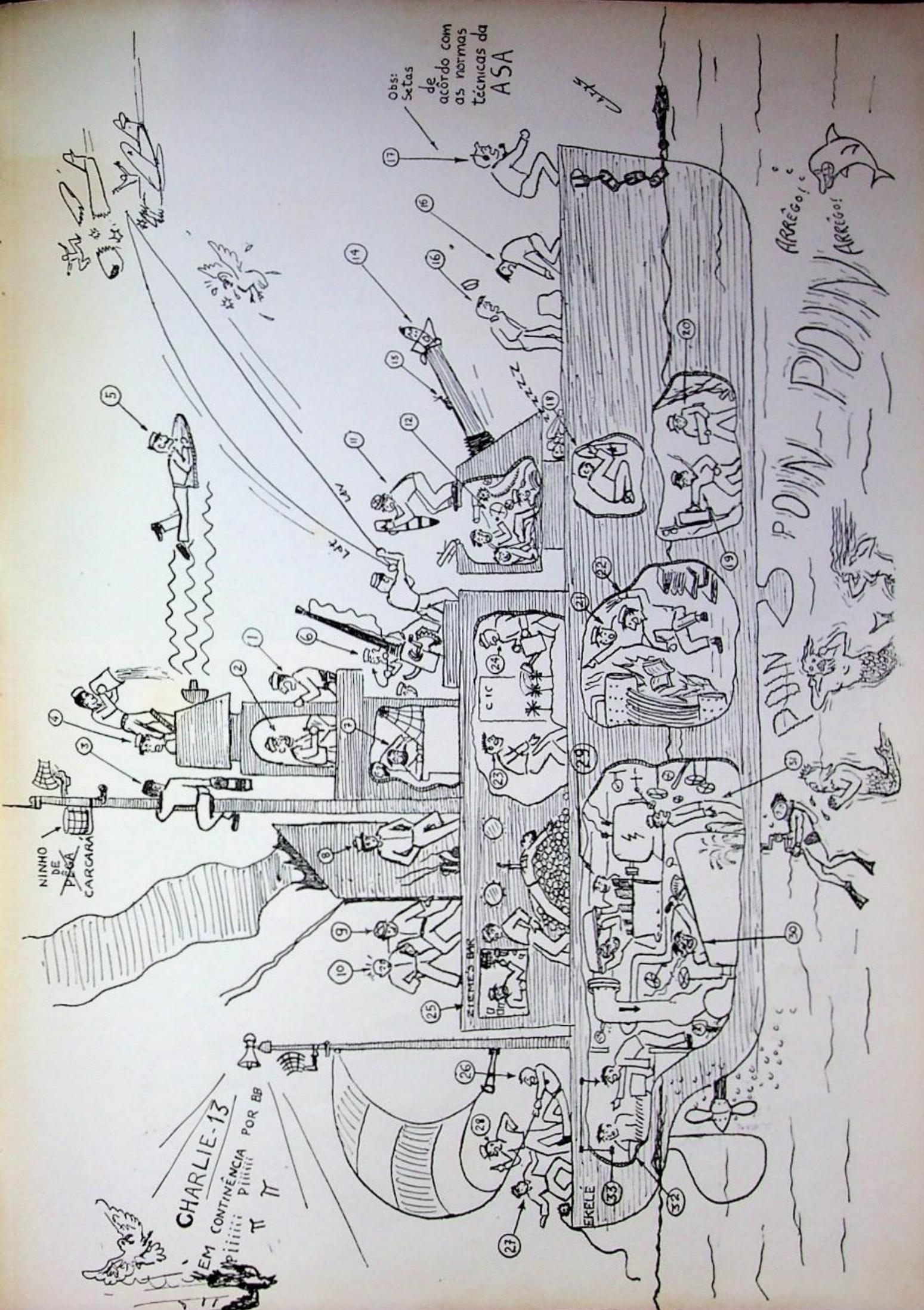
Rua Teófilo Otoni, 36

— :: —

Telefones

( Escritório 43-9308  
Vendas 43-6406  
Armazém 23-2709

Rio de Janeiro — GB — Brasil



Obs: Setas de acordo com as normas técnicas da ASA

NINHO DE PÉGA CARGAM

CHARLIE-13  
EM CONTINÊNCIA POR BB

ARRÉGO!  
ARRÉGO!

LFT

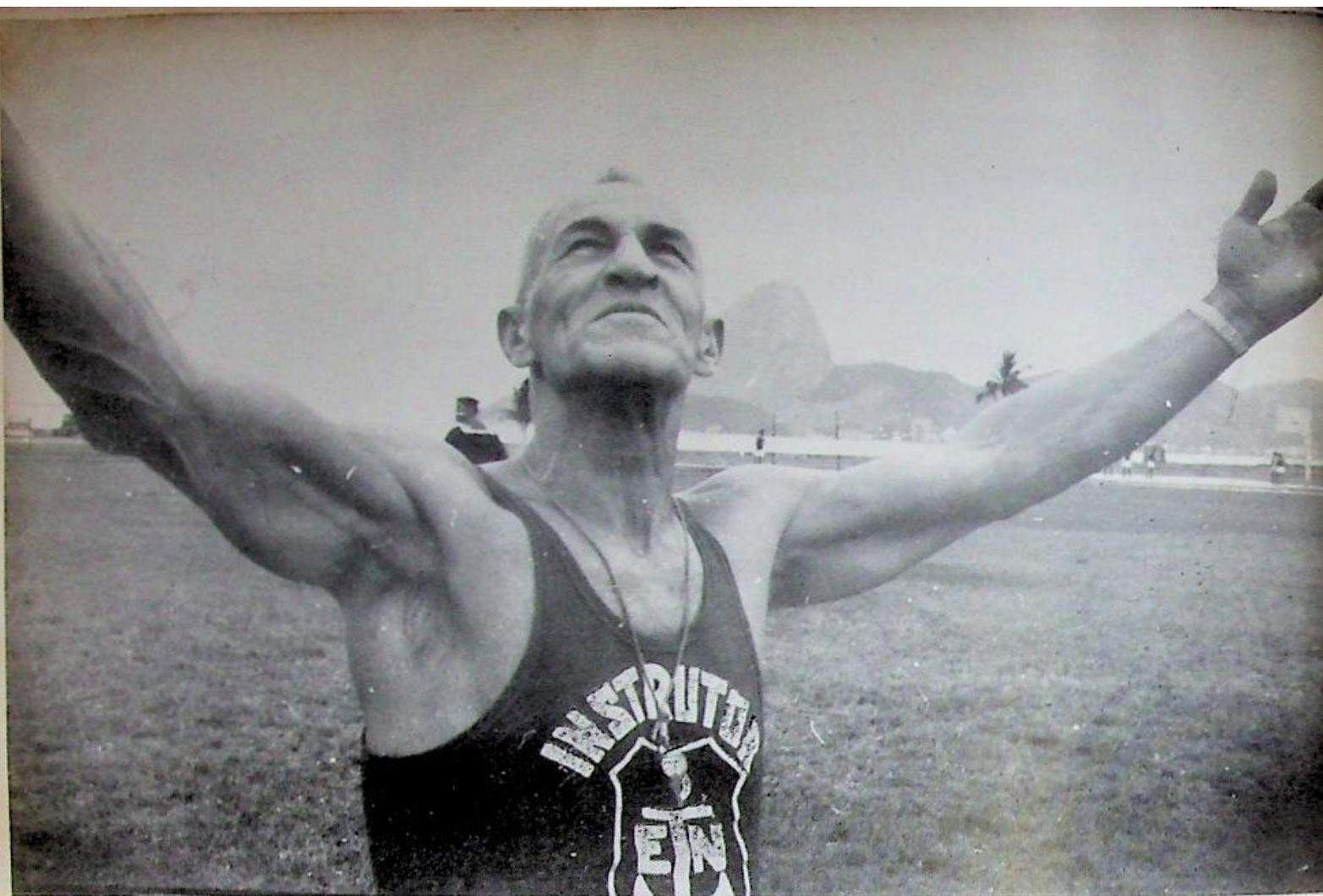
DRT

ZIMMER'S BAR

CIC

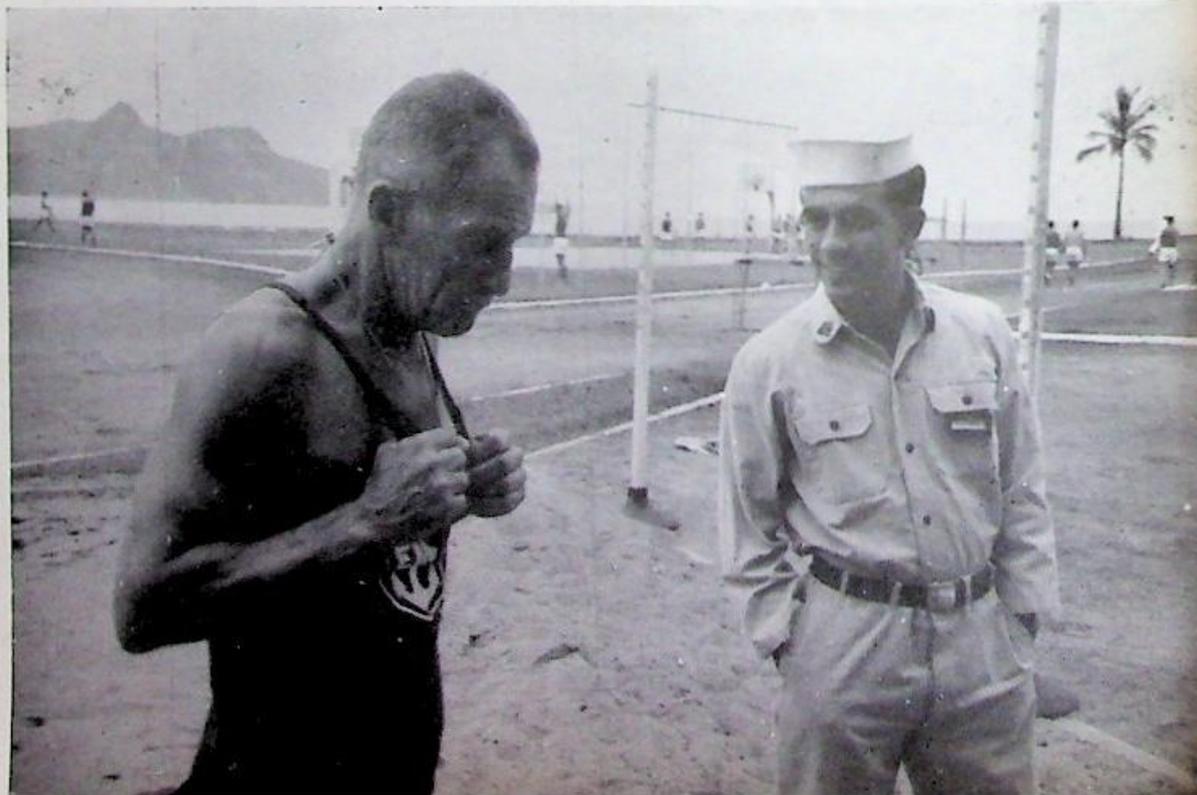
ERELE

PAIN-POIN-POIN-POIN



# O INVENTOR DO ZINGRONGA

A natação da Escola Naval tem muito o que dever a Eutychio Soledade. E muito mais os que aprenderam a se deslocar no meio líquido, livres do sobressalto e do temor. Aprendizado simples, constante,



persistente. Temperado com *numour* que a nova geração já quase desconhece.

O Instrutor Soledade apresenta, para nos, neste numero comemorativo, a imagem dos instrutores de educação física, cujo devotamento ao nosso esporte da linha o tempo tem se encarregado de comprovar. Acrescentando-se a sua simplicidade, o seu olhar grave das preleções, e a profunda confiança que tem inspirado a todos nos. Principalmente quando se trata de alguém agarrado com tenacidade doentia à beira da piscina. É uma questão de tempo.

Niteroiense, campeão de pesos e halteres, lutador de luta livre. Instrutor da Escola Naval desde 1939. É mais um aficionado da Pesca Submarina. Para dizer a verdade, são muitos os esportes praticados pelo Instrutor Soledade. Lista enorme, que encontramos em nossos arquivos, juntamente com declaração de que sua maior emoção como técnico foi o preparo de uma equipe de ginástica de aparelho na Escola Naval.

Temos uma estranha tendência para formalizar as mais diversas situações. E mais conservamos da infância uma atitude reservada para com os professores, muitas vezes imperceptível, mas responsável por desconfianças e decréscimo do aprendizado. O Instrutor Soledade há muito espantou estas coisas mesquinhas das aulas de natação. O que existe é uma comunhão de esforços, a experiência de um lado e a nulidade de outro, a se contrabalançam na busca do objetivo. Daí ter sido necessário criar o nado "zingronga", sem similar em qualquer outra piscina. Foi fruto de muita observação e critério. Conta o Instrutor que já houve até Aspirante que fazendo força para frente, nadava para trás...

A estes, mais renitentes ao aprendizado, a sabedoria popular recomenda o louvável uso da cordinha. Ou cabo, se preferirem.

Como término desta pálida reportagem, queremos deixar inserida a mensagem que o Instrutor Soledade considera das mais importantes no esporte: *Mens sana in corpore sano.*



# LLOYD BRASILEIRO

## PATRIMÔNIO NACIONAL



### LINHAS DE NAVEGAÇÃO

#### AMERICANAS

##### - BRASIL / COSTA LESTE EE.UU.

- 3 saídas de Paranaguá, 10, 20 e 30 de cada mês.

##### - BRASIL / GOLFO DO MÉXICO

- 2 saídas de Paranaguá (café), 10 e 25 de cada mês.

- 1 saída de Paranaguá, 12 de cada mês.

#### EUROPÉIAS

##### - BRASIL / NORTE EUROPA

- 1 saída de Porto Alegre, 10 de cada mês.

- 2 saídas de Paranaguá, 1 e 15 de cada mês.

##### - NORTE BRASIL / EUROPA

- 2 saídas de Ilhéus, 1 e 15 de cada mês.

##### - BRASIL / MEDITERRÂNEO

- 1 saída de Paranaguá, 10 de cada mês.

#### RIO DA PRATA

##### - BRASIL / ARGENTINA

- Saídas de Salvador, 20 em 20 dias.

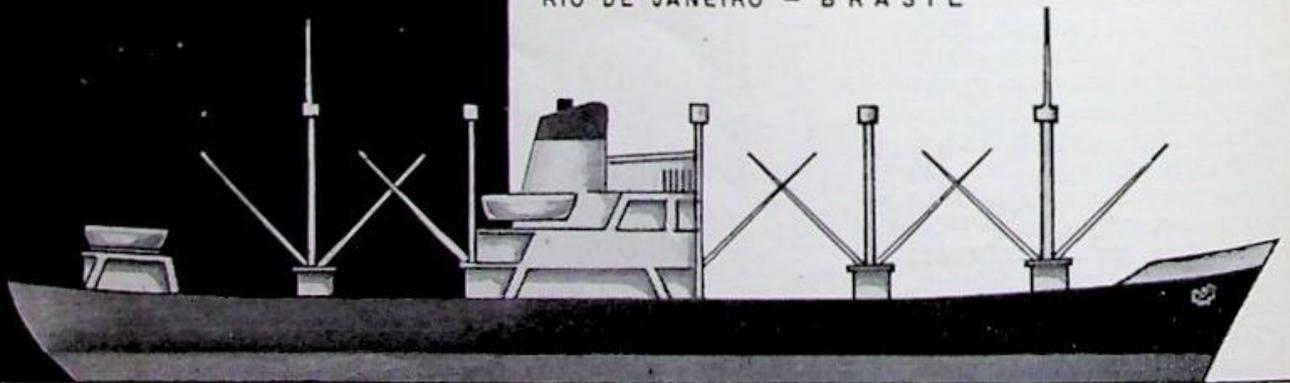
SEDE - RUA DO ROSÁRIO, Nº 1

TELEFONE - GERAL..... 31 - 2060

- FRETE E PRAÇA { 31 - 3329

31 - 3304

RIO DE JANEIRO - BRASIL





## O NETO DE GHANDI

*As coisas do oriente sempre despertam bastante o nosso interesse. Como é lógico, associamos logo o nome de Rajmohan Ghandi ao avô e à Índia. Mas o líder asiático veio nos falar, em conferência, de assunto diferente. Mais sério. Pela universalidade do movimento. E o Rearmamento Moral mostrou que chegara mesmo ao Brasil, chamando a atenção e reunindo muita gente boa. Idéias que merecem ser ouvidas.*

### **Você Sabia?**

Que só no ano passado nossas inversões atingiram, aproximadamente, três bilhões de cruzeiros para aquisição, no mercado nacional, de quase duas dezenas de milhões de garrafas?

Que a indústria vidreira nacional é uma das grandes beneficiadas com a nossa expansão permanente?

Que no período compreendido entre janeiro e dezembro de 1964 adquirimos, no mercado brasileiro, quase um bilhão de rólhas metálicas cujo valor atingiu, aproximadamente, quatro bilhões de cruzeiros?

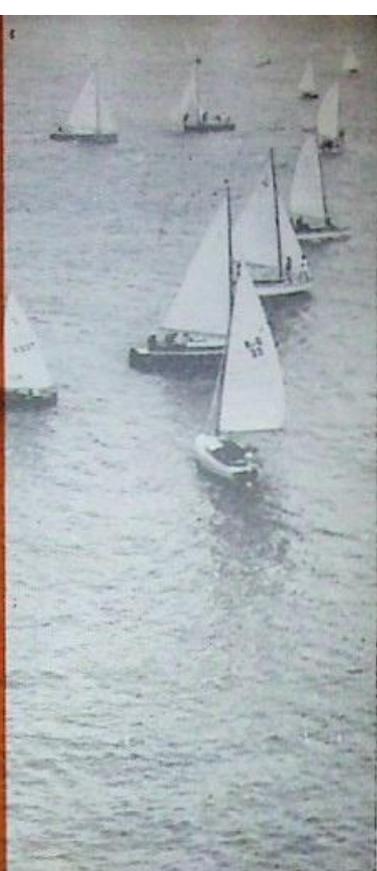
Que o volume dessas compras cresce de mês para mês, de ano para ano?

Que o investimento dos 23 Fabricantes Independentes de Coca-Cola na aquisição de mais de 600 veículos nacionais, para distribuição do nosso produto, vai a quase seis bilhões de cruzeiros?

*Mantemos boas relações com o progresso*

OS 23 FABRICANTES INDEPENDENTES DE

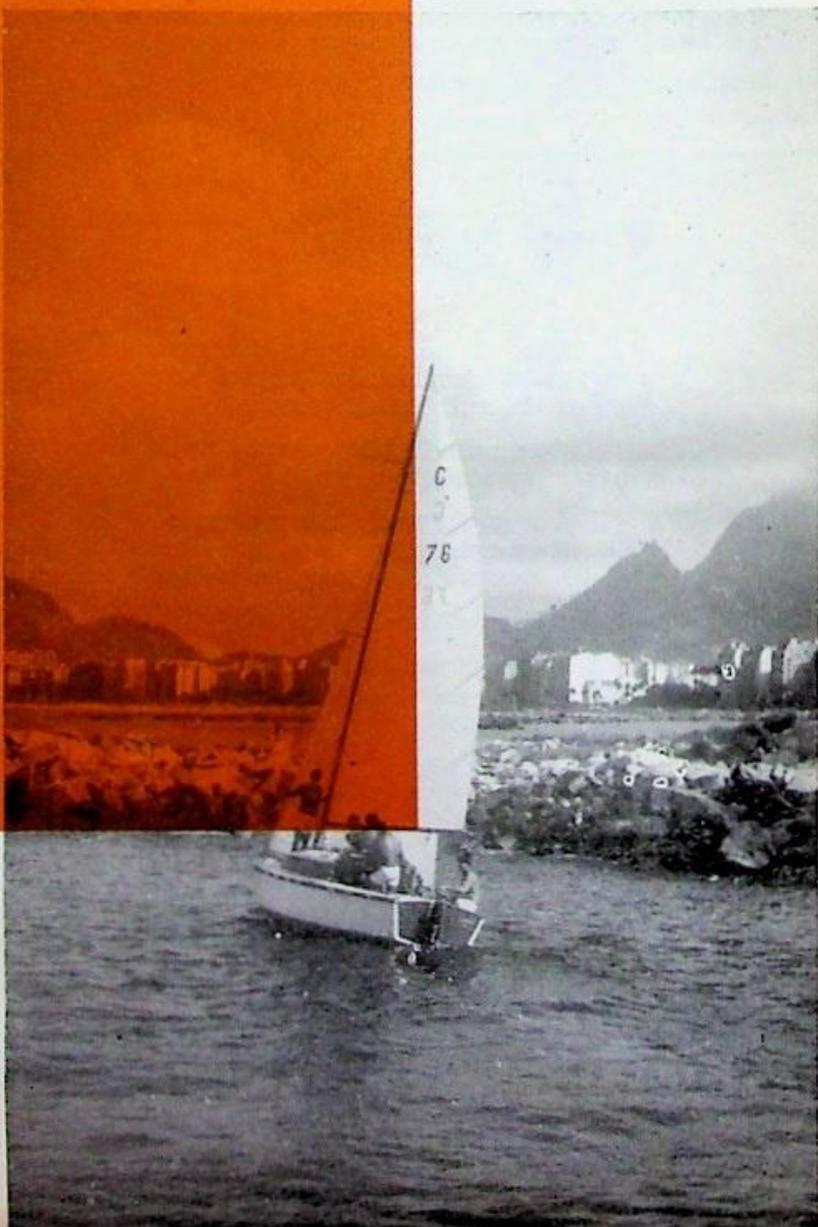




*Visão da XIX Regata  
Escola Naval. A maior de tôdas*

# BARCOS N'ÁGUA

*Gilberto Roque Carneiro*



*Brekelê, Campeão Carioca  
de Vela em 1965,  
na classe Guanabara*



*Jaçanã descendo a rampa*



*Em pleno  
contratempo o  
prociro prepara  
o spinnaker*

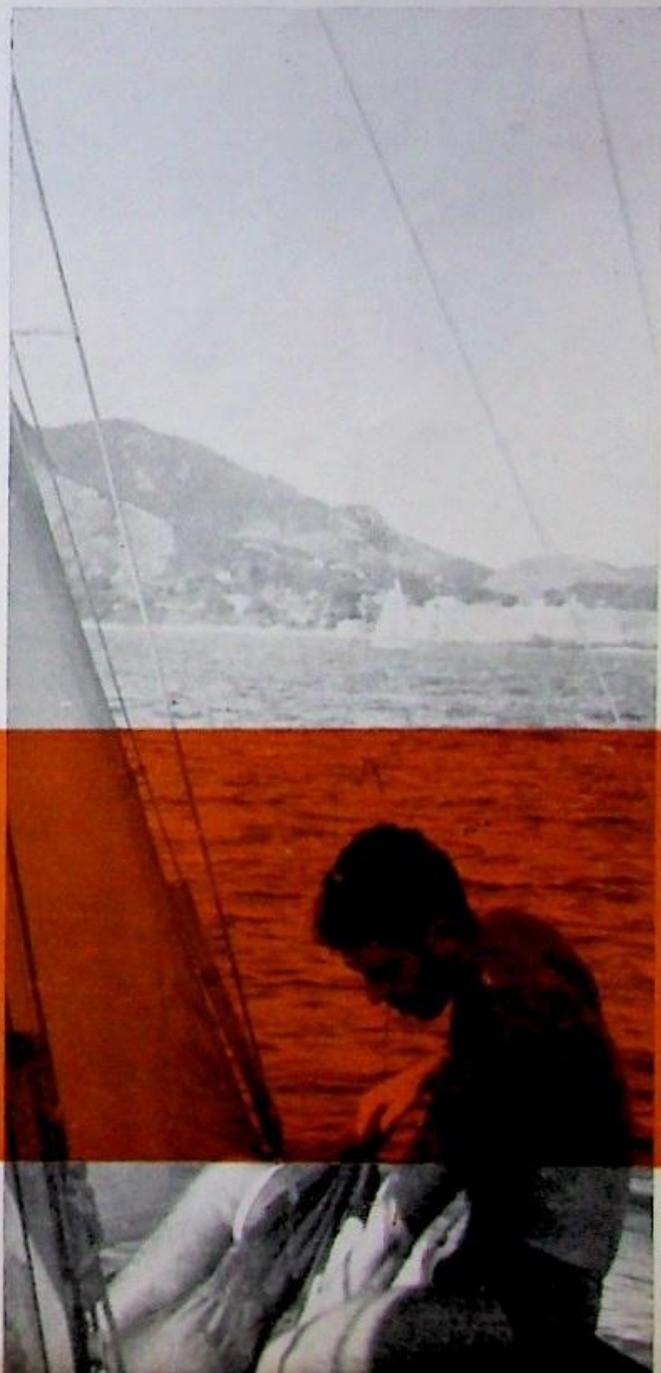
Era um destes domingos ensolarados, céu azul, bom vento, praias superlotadas. Em Villegagnon, no entanto, havia intensa atividade. Nos camarotes, sob as lamúrias de uns e reclamações de outros, nós nos preparávamos para mais um terrível e comprometedor festival de provas. De repente alguém divisou pela persiana um barco a vela, seguido de outro e mais outro, e logo percebeu uma regata em preparativos. "É injustiça — exclamou — não nos avisaram!" A jamanta da comissão se aproximava do farolete da ilha, onde seria dada a partida. Célere o mesmo pensamento correu pela mente dos Aspirantes velejadores: — "Participar a qualquer custo". Sem perda de tempo o Brekelé, único barco do Grêmio de Vela que se encontrava na rampa, foi guarnecido. Ainda com as escotas por colocar, panos por içar, e já espoucando os tiros de preparação, vencemos o canal de acesso a garagem, e, para surpresa dos civis, que não nos esperavam, surgiu imponente na raia o guanabara do GVEN. Foi mais uma vitória para a Escola Naval.

Nós da vela somos assim. O prazer da competição sobrepuja todos os outros compromissos. Já dizia um amigo nosso, com muita propriedade, que vela é vício, mas é um vício sadio. As emoções da manobra bem executada, a satisfação da vitória, o entusiasmado grito de guerra entoado ao cruzar a linha de chegada, os comentários sobre a regata passada e os planos para a próxima, são a válvula de escape em nossa vida escolar, tornando-a suave e alegre.

A regata que tem o nome da nossa escola já se tornou tradicional no latismo brasileiro. Todos os anos os Aspirantes se lançam com dedicação e entusiasmo na organização da concentração veleira, consagrada já como a maior da América Latina. No ano passado a XIX Regata Escola Naval superou todos os récores existentes com 285 inscrições, tendo cruzado o alinhamento de partida 263 barcos.

O GVEN goza de algum prestígio no latismo local. Filiados à Federação Carioca de Vela, temos no departamento de relações públicas a parte essencial da organização.

Na Escola formamos comunidade à parte. Privilegiados no entender de alguns, tomadores de uisque dos clubes de latismo na opinião de outros, vamos vivendo gostosamente sem contratemplos nem preconceitos. Há, naturalmente, os momentos de crise. Transferências de provas, licenças especiais, dispensas de representações, são pleiteadas para fazer face às obrigações veleiras. Muita gente ameaça abandonar, mas a realidade é que ninguém deixa a vela. É um vício, repito. Enquanto houver juventude, enquanto houver regatas, enquanto houver Aspirantes, lá estarão os do Grêmio de Vela, com regalias ou sem elas, mas certos de estarem perpetuando uma nobre tradição de desportividade.



Uma indústria  
a serviço da indústria



**Magnesita S.A.**

produz para o Brasil

# OS MELHORES REFRATÁRIOS

Contando com jazidas próprias, localizadas em vários pontos do território nacional, um corpo de engenheiros especializados e fábricas modernas, a MAGNESITA S.A. extrai e processa matéria-prima brasileira para a produção em larga escala dos melhores refratários e isolantes.

## LINHA COMPLETA DE REFRATÁRIOS

tijolos, peças especiais, massas, argamassas



- magnesita • cromo
- cromo-magnesita
- magnesita-cromo • sílica
- alumina • sílica-alumina
- espinela • dolomita

**Magnesita S.A.**

End. Telegráfica: **MAGNESITA**

RIO DE JANEIRO - Pça. Pio X, 98, 8.º andar - Tels. 43-3999 e 23-4751  
CONTAGEM - Estado de Minas - Sede e Fábricas: PARQUE INDUSTRIAL  
BELO HORIZONTE - Caixa Postal 208 - Telefones: 2-4546 e 2-9851  
SÃO PAULO - Talco - Representante: Manoel O. de Mello Repres. e Comércio Ltda. - Largo 7 de Setembro, 34 - 4.º andar - sala 1 - Tel. 33-7704  
Refratários - Avenida Ipiranga 1.248 - Conjunto 1601 - Tel. 35-1577  
SALVADOR - Rua da Espanha - Edif. Martins, sala 1001, Caixa Postal 246  
BARRA MANSA - Avenida Joaquim Leite, 465 s/210 - Telefone 304  
EUROPA - Repres.: "MINERAIS S.A." 1, Rue de La Tour-de-Lille - Genève-Suisse.





## MAIS QUE UMA CAPELA

*É o que dizemos sempre da capela da Escola. Porque ela é simplesmente uma verdadeira jóia. É obra de arte. A tranqüilidade de espírito que nos dá em momentos menos alegres e a esperança que sempre traz, por exemplo, na véspera de uma prova fazem-nos querê-la muito. Como coisa realmente nossa. O pequeno órgão, os vitrais franceses e as reliquias históricas que abraça em seu altar tornam-na acolhedora a todos. É uma senhora capela.*



**a criança  
é o pai do  
homem**

Na sua aparente fragilidade, na tranqüila contemplação do futuro, a Criança exige todos os nossos cuidados, pois se transformará, num abrir e fechar de olhos, no Homem de amanhã • Produtos Nestlé há mais de quatro decênios vem contribuindo e continuarão a contribuir para o crescimento sadio das novas gerações • Essa honrosa missão a cumprimos — prazerosamente — como nossa colaboração ao progresso do Brasil, progresso que nasce com a Criança, Pai do Homem.

**PRODUTOS  
NESTLÉ**

# ASSIM NA TERRA COMO NO MAR

Pietantoni



Bem antes de assistir à peça "Como vencer na vida sem fazer força", quatro aspirantes quase viram sorvete ao tentarem chegar, como os antigos, mais pertinho do céu, por via terrestre. Petrassi, após três anos de ginástica, com o frio conseguiu encolher cinco centímetros. Augusto, o hidrógrafo da expedição, serviu para cozinhar e plotar o crepúsculo. Eu, sem explicação, levava pancada dos demais pelas piadas de 1840. Constanza, o calouro, serviu para engraxar as botinas por ocasião do regresso. Os componentes da maratona agradecem ao Centro Excursionista Brasileiro na pessoa de um de seus guias, o famoso "bode" Henry Occhioni.

## O RELÓGIO DO SOL

*Antigamente, era o único recurso que se tinha para ver que se estava atrasado. Depois, os suíços aperfeiçoaram os de pulso e o mundo passou a saber com mais precisão como estava envelhecendo. E dizem que hoje em dia é a única coisa que trabalha de graça para o homem.*

*O fato é que este é o nosso relógio solar. Sincramente, nunca vi ninguém saber das horas com ele. Pior ainda, há gente que nem sabe que é relógio. O que não é justo. Mas é um bom companheiro. E parte integrante da paisagem alegre de Ville-gagnon.*



### **PAPELARIA - TIPOGRAFIA**

=====  
**G. R. Schmid & Cia. Ltda.**  
=====

Rua Teófilo Otoni, 113-3.º and.  
Tel. 43-9462 - Rio de Janeiro

### COMPANHIA DE SAVEIROS DO RIO DE JANEIRO

Rebocadores - Chatas

Estaleiros

Serviços de Estiva

Rio de Janeiro - Niterói - Angra dos Reis

Av. Rio Branco, 26-A-1.º and.  
Tels. 23-0259 e 23-0659

# VISITA AO EX-VELEIRO

*Ary dos Santos Rongel*



*Como o nauta que torna a um pôrto amigo,  
Depois de muitos meses de cruzeiro,  
Eu quis também rever o ex-veleiro,  
Que tão belas viagens fêz comigo.*

*Entrei. Seu comandante, um grande amigo,  
Foi incansável, foi um cavalheiro,  
Mostrando, no navio quase inteiro,  
Coisas que lembrar eu não consigo.*

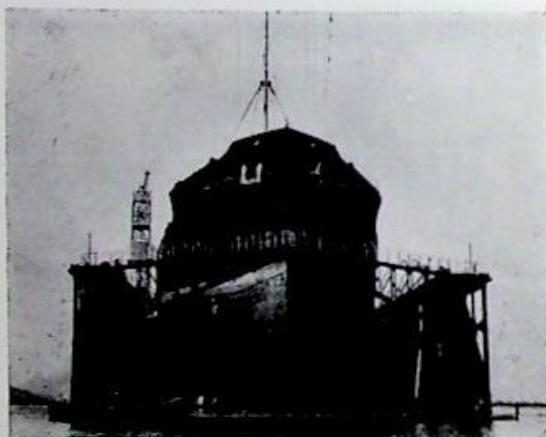
*Mas... o veleiro tinha sucumbido!  
Estava de seus mastros despojado  
E do garbo de outrora desprovido;*

*Contudo, eu bem notei, está lotado  
De fantasmas e vultos... Guarnecido  
De milhares de "noivas" do passado!...*

## **ELETROVAPO - SERVIÇOS MARÍTIMOS S. A.**

Licenciada pela Capitania dos Portos do Rio de Janeiro

DOCAGEM



REPAROS  
NAVAIS

**DIQUE FLUTUANTE ALMIRANTE LADÁRIO**

Administração: Rua do Ouvidor, 130 - salas 401/406

Tels. 52-8359 e 52-9396

# GRUPOS DIESEL PARA LUZ E FÔRÇA "DINAX"

Integramente fabricados no Brasil  
Accionados por Motores Diesel  
**MERCEDES-BENZ**



PARA FORNECIMENTO DE FÔRÇA E LUZ ÀS FÁBRICAS, AOS HOSPITAIS, ÀS ESTAÇÕES DE RÁDIO E TELEVISÃO, SERVIÇO DE PESQUISAS DE PETRÓLEO, EDIFÍCIOS, EMBARCAÇÕES DE PASSAGEIROS E DE CABOTAGEM E INÚMEROS OUTROS FINS ONDE SEJAM REQUERIDAS UNIDADES COMPACTAS, FÁCEIS DE INSTALAR E DE ALTO RENDIMENTO.

- GARANTIA ABSOLUTA
- ESTOQUE DE PEÇAS
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERFEITA



3 TIPOS: 25/30 KVA - 42/50 KVA - 95/110 KVA

**ANSALVASCO**  
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

MATRIZ: RIO DE JANEIRO  
RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 37 - C. POST. 800  
TEL. 43-2936 - TELEGR.: "ANSALVASCO"  
FILIAIS: SANTOS - BELÉM - PORTO ALEGRE  
BELO HORIZONTE - SÃO PAULO

# CONCEPÇÃO DO AMOR

Gil

Certo dia, no Olimpo, Hermes — o mensageiro — e Afrodite — deusa da beleza — desejaram-se. Dessa união nasceu um filho. O pai queria-o macho. A mulher, fêmea.

Zeus, o Supremo, para agradar a ambos, fez com que o filho nascesse nem homem nem mulher, mas com metade das características de cada um.

E para simbolizar mais ainda a união entre os dois deuses, Júpiter chamou-o de Hermafrodite, ou seja, o filho de Hermes e Afrodite, mais tarde, respectivamente, Mercúrio e Vênus.

E Hermafrodite cresceu entre os deuses, até que chegasse a idade de deixar o Olimpo, já que não era imortal.

Esse filho de Hermes desceu e veio ter à Terra.

Vivia feliz, só, no mundo, cercado de tôdas as delícias possíveis.

Entretanto, não se sentia perfeitamente satisfeito. E pedia ao Deus Supremo:

— Oh! Grande Zeus! Tudo tenho. A Terra é tôda minha, mas falta-me algo que não sei o que é. Vós, que sois onipotente, concedei-me mais êste favor.

Zeus, irritado com a insistência de Hermafrodite, respondeu com um raio:

— Toma!

Súbitamente, Hermafrodite sentiu-se dividido em dois.

Já não era mais um só! Havia outro! Esse foi o castigo de Zeus, para a insistência de Hermafrodite, que tudo tinha.

Foi dividido em dois, êle, que era único. Metade tomou os caracteres de Hermes, o pai, e a outra, os de Afrodite.

E até hoje, esta metade procura o seu correspondente, para se unirem novamente.

É a essa procura, de uma parte a outra, que os homens chamam AMOR!





## GRANDES MANOBRAS

Na Marinha, desde o dia em que se entra, a gente quer é dirigir navio. Por isto, a turma do quarto ano fica tão alegre com as aulas de manobra. Onde se começa a sentir direito que navio não é mesmo feito automóvel. Nem sequer parecido. Mas até hoje ninguém conseguiu abalroar a lancha de Niterói. E tôdas as manobras de "homem ao mar" foram feitas com sucesso. Ou quase. Talvez graças ao instrutor, Comandante Edgar, sempre disposto a mais uma explicação, a mais uma História interessante das experiências de Marinha. E as manobras continuam.



# Exija SEMPRE



SEMPRE IMITADO  
NUNCA  
IGUÀLADO

SACO AZUL

CINTA ENCARNADA

# Instrumentos H E A T H K I T para Laboratórios, Oficinas, etc.

## OSCIOSCÓPIO

Modelo 10-12

Circuito Patentado "Sweep" 10c. a

500 Kc. 5 etapas

Seleção 2 frequências pré-sintoni-

sadas

Sensibilidade:

Canal Vertical 0,025 V. RMS p/po-

legada.

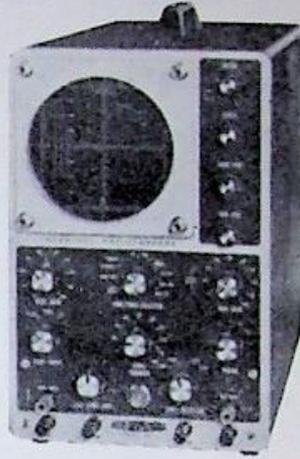
Horizontal 0,3 V. RMS p/polegada

Faixa completa 5 Meg. para TV em

côr

Resposta: 1c. a 400 Kcs.

Sincronização automática.



## Gerador ONDA QUA- DRADA ou SINUSOI- DAL

Modelo IG-82

Saldas: 0-0, 01 - 0,1 - 1 -  
10 V. RMS

Distorção inferior a  
0,25% de 20 a 20.000  
ciclos

Resposta: 20 c. a 1 Meg.  
em 5 faixas

Saída Simultânea de  
Ondas Quadradas ou  
Sinusoidais.

Precisão frequência  
 $\pm 5\%$ .

## FONTE REGULADA DE

VOLTAGEM VARIÁVEL

Modelo IP-32

Tomada: B +, bias, vol-

tagem Filamento

Saída variável: 0 a 400  
V. DC.

Regulagem: inferior a

1% de O a carga total

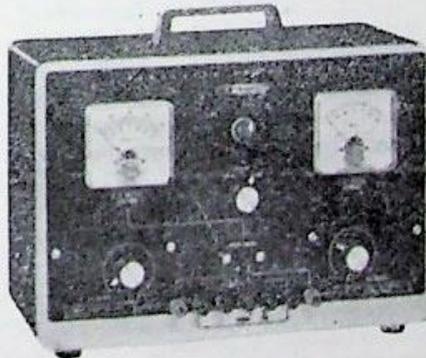
Medidores Separados pa-

ra Corrente e Voltagem

Impedância saída: infe-

rior a 10 ohms de 0 a

1 Meg.



# Lojas NOCAR

Rua da Quitanda, 48 - Rio de Janeiro



© Louco

Estees

De repente ficou louco. Sem falar nada, sem dizer porque, nem dar maiores satisfações. Limitou-se a ficar louco, simplesmente.

Isto se constituiu numa autêntica novidade para aquela gente toda, ali em volta. A maioria ficou revoltada contra a falta de consideração do homem. Afinal, todos mereciam saber os porquês das coisas que acontecem. Chegou-se até a discutir o problema. Os olhos vidrados do homem atrás da camisa de força, a gritar, a chorar palavras ininteligíveis.

Alguém disse: louco de amor. Outros, de medo, de ódio, de decepção. Realmente, existem muitas formas de se ficar louco. O problema é escolher a mais apropriada e o momento exato. O resto é mera consequência. O homem olhava, olhava, cerrava os dentes, contorcia-se.

A multidão sorria curiosa. O homem xingou. Houve logo quem achasse descompostura. Outros adoraram a irreverência. O mundanismo achou outro tema, de opiniões divergindo, tudo de acordo com a última palavra do bom-tom. A loucura foi cantada, falada, e discutida.

O homem soluçava baixinho, coberto de suor, os olhos crispados, falta de forças para chorar.

Enquanto isso, o chefe-de-dia sussurrou qualquer coisa ao Ronda, a esta altura com uns olhos deste tamanho. Gouvêa entrava aos berros, sala do Imediato adentro.

E as gentes seguiram novamente a sua jornada, em busca talvez de outro louco mais razoável.

No meio da multidão um homem ficou só. E louco de solidão.



## “logo na primeira?”

Sim! com VASCOGRAF, logo na primeira vez, você derruba seus principais obstáculos quanto à marcação de embalagens e inscrição de letreiros.

# VASCOGRAF

VASCOGRAF, nova máquina de recortar letreiros, lhe dá, entre outras, as seguintes vantagens:

**VISIBILIDADE** - Os letreiros são perfeitamente legíveis, mesmo à distância.

**RACIONALIZAÇÃO** - Qualquer empregado poderá manipula-la.

**BELEZA** - Sua mercadoria terá um “cartão de visita” na própria embalagem.

**EXATIDÃO** - VASCOGRAF proporciona letreiros perfeitos, evitando enganos na marcação e colocação.

**RAPIDEZ** - Em pouquíssimo tempo, você terá pronto o letreiro ou a marcação que desejar.

**ECONOMIA** - VASCOGRAF por si só, é eficiente, garantindo-lhe uma extraordinária economia de mão de obra!

Entre centenas de firmas possuidoras do VASCOGRAF, destacamos algumas como referência: Companhia Industrial de Conservas Alimentícias C. I. C. A., ESSO Brasileira de Petróleo S. A., Geigy do Brasil S. A., General Elétric S. A., Volkswagen do Brasil S. A., Willys Overland do Brasil S. A. etc.



Peça uma demonstração sem compromisso.

Um produto

**dfv**



Distribuidores Exclusivos:

**MERCANTIL MAUÁ S.A.**

Rua Mauá, 940/942 - Fone: 34-7252 - Cx. Postal 2855  
SÃO PAULO - BRASIL

SP 1022

## REPRESENTANTES

- RIO DE JANEIRO** — Antônio Carlos Eichenberg  
FONES 57-2896 e 37-4377
- PÓRTO ALEGRE** — Representações Sul Brasil, Ltda.  
FONE 4-645 Ramal 78
- BELO HORIZONTE** — Nacional Representações e Comércio Ltda.  
FONE 2-3951
- FORTALEZA** — Representações Jorge Teófilo  
FONE 1-2653
- BELÉM** — H. Veloso & Cia.  
FONE 1853



## JURUPACA, ÊSTE DESCONHECIDO

*Pouca gente passa por Villegagnon e sabe o que é Jurupaca. Alguns, se vissem a foto, achariam estranho. Completamente. Mas Jurupaca (ou Pivaré, como querem alguns) existe. E mais: há dezenas de anos, sentado em frente ao portão da antiga fortaleza de Villegagnon.*

*Pivaré é cinza, de pedra. O que talvez o confunda com o jeito cinza dos prédios da ilha. Mas ele não parece se aborrecer muito com isto. Pelo contrário, se mantém sereno. Com ligeiro ar de superioridade. Próprio de quem está sempre a par de tudo que acontece. De quem já viu coisa aborrecida, como ginástica e infantaria. Ou um bocado de sorrisos, como no dia de receber espada, espadins.*

*E, se não nos enganamos, pretende ficar ali, olhando para as bandas do Pão de Açúcar, por muito tempo ainda. Contento por perceber também a uma ilha que faz a vida e a história dos aspirantes de Marinha.*

## AO LIVRO TÉCNICO S.A. — Editores

### LIVROS DE NIVEL UNIVERSITARIO

Cálculo — Desenho — Divulgação Científica — Eletricidade — Eletrônica — Estatística — Estradas — Estruturas — Física Clássica — Física Atômica — Física Nuclear — Físico-Química — Geometria Analítica — Geometria Descritiva — Hidrologia — Máquinas — Mecânica — Meteorologia — Química — Resistência dos Materiais — Topografia

### LIVROS PARA O CICLO COLEGIAL

Matemática - Desenho - Física - Química

### LIVROS PARA ENSINO DA LINGUA INGLESA

Séries didáticas completas para todos os graus do ensino

### COLEÇÃO EDUCAÇÃO PRIMARIA

Livros para a formação e aperfeiçoamento do professor de nível primário

### LIVROS INFANTIS - Coleção Mirim do Livro Dourado

Literatura infantil, curiosidades, hábitos sociais, conhecimentos gerais

Av. Rio Branco, 81 - 12.º andar — Cx. Postal 3655 - ZC-00 — End. Tel.: "Litécnico" — Tel.: 23-1744 — Rio de Janeiro — Brasil

PAPELARIA — TIPOGRAFIA

COSTA & LOURDES LTDA.

ARTIGOS DE

ESCRITÓRIO

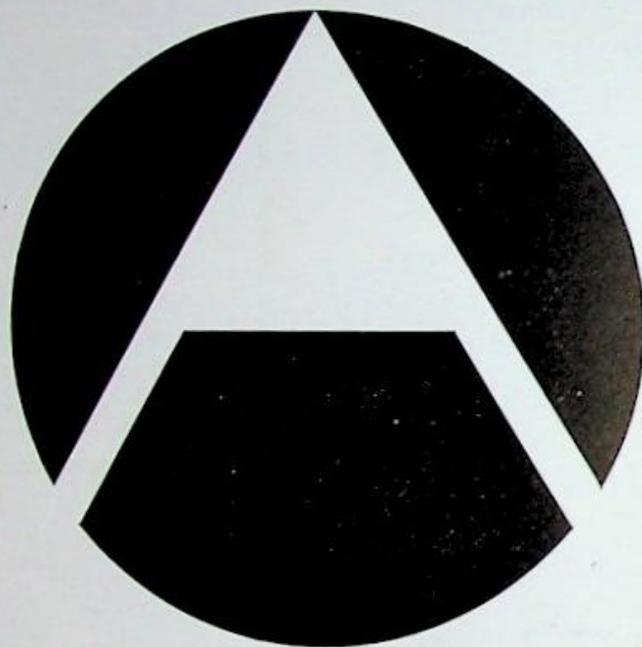
E ESCOLARES

RUA TEÓFILO OTONI, 58

3.º and. — Sala 304

Tel. 43-1037

# Pague em 10 vezes o seguro do seu carro



Este símbolo representa proteção para o seu veículo e facilidade para você. Ele identifica a ATESE - Administração e Técnica de Seguros Ltda. - empresa que financia até em 10 parcelas mensais o seguro do seu automóvel, garantindo-lhe cobertura total contra:

**ROUBO - INCÊNDIO - COLISÕES - PREJUÍZOS DE TERCEIROS - DANOS PESSOAIS OU DAS PESSOAS TRANSPORTADAS.**

E a ATESE lhe proporciona, também, completa orientação em todos os casos, de modo que você possa obter rendimento máximo do seu seguro.

**SOLICITE, SEM COMPROMISSO, A VISITA DE UM REPRESENTANTE DA ATESE  
PELOS TELEFONES: 32-8295 52-3151**

 **ATESE**

ADMINISTRAÇÃO E TÉCNICA DE SEGUROS LTDA.

AV. CHURCHILL, 129 - 12.º - G. 1202

DE  
COMO  
AS  
**CORVETAS**  
TRABALHAM  
NESTE  
MAR  
AFORA

*Otávio Sampaio de Almeida*



A missão da corveta é, sobretudo, nobre. Como unidade operativa da Marinha do Brasil cabe-lhe garantir o domínio do mar em estado de guerra e os poderes constituídos, a lei e a ordem em tempo de paz. E ela toma para si a honrosa tarefa de salvar. Vidas e coisas.

Salvar construindo, salvar sempre; quer a economia nacional e a saúde do povo, através da repressão ao contrabando e ao comércio ilícito de tóxicos, quer vidas e cargas preciosas através do socorro e salvamento marítimo.

Com exceção da "Imperial Marinheiro", agregada à Flotilha de Submarinos, suas dez unidades acham-se assim distribuídas: quatro na Flotilha do Amazonas, quatro na Força Patrulha Costeira do Nordeste, e uma, a Angostura, constituindo com os rebocadores classe "Tritão" a Força Patrulha Costeira Sul.

Elas se revezam pelos vários pontos de nossa costa, prontas para içar ferros em missão de socorro marítimo, sempre que um aviso de "navio em perigo" é captado pelo serviço de escuta permanente dos Distritos Navais.

Enquanto as milhas são vencidas à toda força rumo ao objetivo, oficiais planejam e a guarnição se prepara com o mesmo entusiasmo e sentimento, identificados que estão com o elevado espírito de solidariedade e humanidade da missão. É o marinheiro como peça importante da sociedade moderna, é a sua presença indispensável e atuante na mar-

cha para o progresso. Que já se constituiu numa segurança para os navegantes.

A grandeza do Brasil, a distância que separa Tabatinga na cabeceira do Amazonas, de Chui, no extremo sul, e mais as grandes diferenças sociais trazem às Corvetas novos desafios, a que elas se lançam prontamente.

Sua lotação é de cinco oficiais e sessenta e seis subalternos. Que muitas vezes prestam assistência às populações ribeirinhas desprovidas de recursos, transportando médico e remédios para os diversos males que afligem os brasileiros, notadamente da Região Norte. Lá onde o homem é frágil e minúsculo, lá onde o inimigo das gentes é a própria região enfermeira, com seus exércitos de mosquitos, verminose, malária e tuberculose, lá onde está presente a Marinha, lá está a Corveta. Se maiores recursos dispusesse a Flotilha do Amazonas, maiores benefícios poderiam as Corvetas prestar, aumentando sua contribuição ao incremento de núcleos de civilização na Amazônia.

Ainda operam as Corvetas na defesa da flora e da fauna aquática, fiscalizando a pesca em colaboração com o Ministério da Agricultura, e executam tarefas marinheiras da relevância do apoio a faróis e ao serviço de sinalização náutica, informações meteorológicas de caráter permanente; apoio logístico aos postos de fronteira do Exército e da Força Aérea, de acordo com suas possibilidades e limita-

ções; abastecimento do território de Fernando de Noronha, posto avançado do Brasil, e, em emergência, supre os mercados consumidores da Região Norte.

A par de suas funções específicas, as Corvetas vêm exercendo comissões esparsas de alta importância para a economia nacional, tais como: o roteiro de todo o rio Amazonas e principais afluentes, assegurando a navegação de navios de grande calado e dispensando o oneroso serviço de praticagem, que recaía sobre a economia popular. Colaboração, através da Diretoria de Hidrografia e Navegação no levantamento dos portos de Tamandaré, Imbituba e São Francisco do Sul.

No passadiço o jovem oficial relembra fatos pitorescos da véspera da partida e sente saudades. Nada como um passadiço de uma Corveta para aproximar o homem a Deus, para conversar conosco mesmo.

No silêncio da noite, em viagem, a vigília do dever nos obriga a ficar atentos a tudo, mas sempre arranjamos tempo para pensar, sentir, algo que constitui quase um privilégio nos dias de hoje.

No anonimato da crença, no caturro rítmico do labor diário, homens lutam tenazmente sobre as milhas que os separam do destino. O trabalho na Corveta é de alerta permanente. Suas dificuldades, inúmeras, seu ideal dos mais nobres. É a Marinha do Brasil a fazer-se presente nos cantos da Pátria.

# LINHA COMPLETA

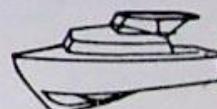
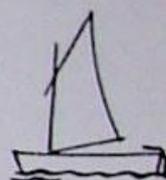
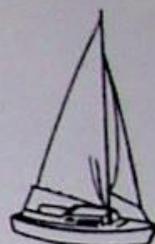
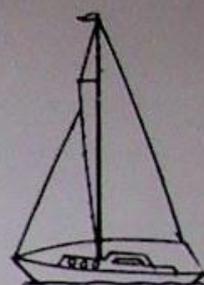
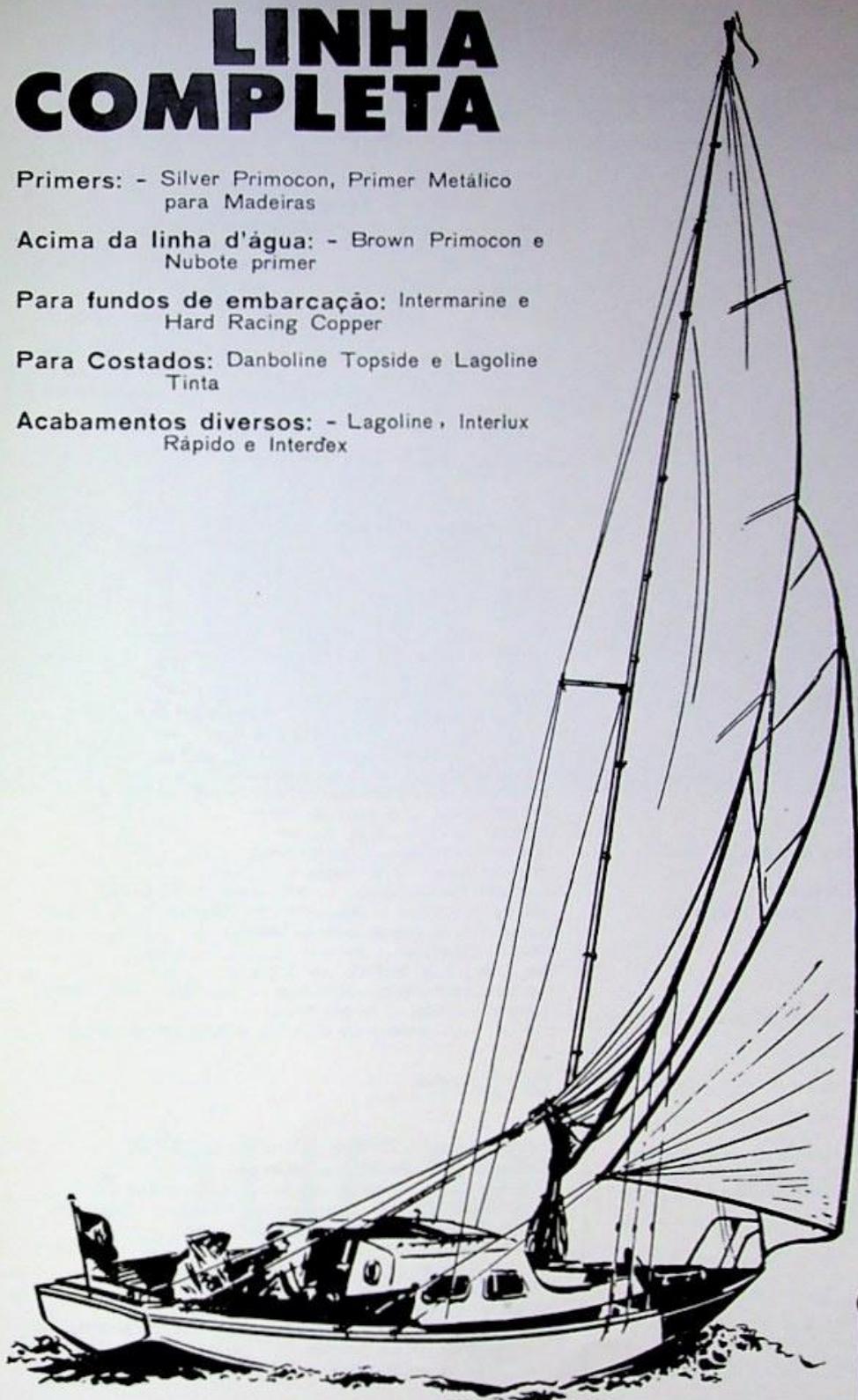
**Primers:** - Silver Primocon, Primer Metálico para Madeiras

**Acima da linha d'água:** - Brown Primocon e Nubote primer

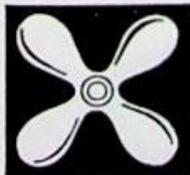
**Para fundos de embarcação:** Intermarine e Hard Racing Copper

**Para Costados:** Danboline Toppide e Lagoline Tinta

**Acabamentos diversos:** - Lagoline, Interlux Rápido e Interdex



• Mais de 35 anos de tradição



**TINTAS INTERNATIONAL S. A.**

Av. Rodrigues Alves, 149/151 - Tel. 43-8822 - RIO DE JANEIRO

Rua Jandaia, 72 - Tel. 32-8787 - SÃO PAULO

Rua Siqueira Campos, 1204 - PÓRTO ALEGRE

Av. Frederico Pontes, 6-L (Trapiche Barnabé) - SALVADOR



# Lançamentos da Editora Letras e Artes Ltda.

## TEATRO

- Tennessee Williams — A margem da vida — Anjo de pedra.  
Eugene O'Neill — A juventude não é tudo — além do Horizonte.  
W. Shakespeare — A megera domada.  
Goethe — Fausto (tradução de Antenor Nascentes e Júlio F. de Souza)  
Stella Leonardos — Teatro para crianças  
Stark Young — O teatro (técnica de teatro)  
Robert Lewis — Método ou loucura (técnica de teatro)  
Robert E. Sherwood — Abe Lincoln em Illinois  
Tad Mosel — A longa estrada  
Hening Nelms — Como fazer teatro (técnica de teatro)  
Walmir Ayala — Teatro infantil  
Arthur Azevedo — A capital federal  
E. C. Caldas — O corgo do vau  
Duglas T. Monteiro — Água da memória  
Osman Lins — Lisboa e o prisioneiro  
A. C. Carvalho — O parto dos telefones ou Obstétrica  
Walter G. Durst — Dez para as sete  
Carlos C. Borges — Acima do bem-querer  
Herman Wouk — Côte marcial  
Wanda Fabian — A perda irreparável  
Maxwell Anderson — O alto tor  
Ary Chen — Excuso  
Walter Kerr — Como não escrever uma peça

## TELEVISÃO-MÚSICA

- Bluem-McPherson-Cox — Como fazer televisão — (técnica de televisão)  
John J. Floherty — História da televisão  
David Ewen — História da música popular americana

## FOLCLORE

- Fausto Teixeira — O livro das adivinhas brasileiras  
Luís Câmara Cascudo — Jangada

## HUMORISMO

- Nestor de Holanda — A ignorância ao alcance de todos — O puxa-saquismo ao alcance de todos — Seja você um canibal — Estórias de bom humor (caricões).

## CULINÁRIA

- Myrthes Paranhos — Receitas culinárias  
Liselotte H. Ornellas — Técnica dietética  
Maria Ferreida de Almeida — Bolos artísticos — A arte de confeitaria

- Darwin Brandão — A cozinha baiana  
Almeida Prado — O livro dos coquetéis  
Rosa Maria — A arte de comer bem.

## POLÍTICA

- A. W. Zelomek — E.U.A. — A nova face de uma nação  
Alan P. Parrian — Congo, nos bastidores do conflito  
Richard I. Miller — Dag Hammarskjöld e a diplomacia de crise

## POESIA

- Pablo Neruda — Antologia poética  
Augusto Frederico Schimidt — Antologia de prosa

## ROMANCE

- José de Alencar — O Guarani — Senhora — Iracema — O Gaúcho — Til — O Sertanejo — Ubirajara — O tronco do ipê — Senhos D'Ouro — Diva — Cinco minutos e A viuvinha — Encarnação — Luciola — A pata da gazela — O garatuja — Alma de lázaro — O ermitão da glória — Guerra dos mascates — As minas de prata — 3 volumes.  
Lúcio Cardoso — Crônica da casa assassinada  
Walmir Ayala — A beira do corpo  
Origenes Lessa — Rua do sol  
Nestor de Holanda — Jangadeiros  
Origenes Lessa — O feijão e o sonho  
Paschoal Carlos Magno — Sol sobre as palmeiras  
Miguel C. Caben — Aos cuidados do Cônsul da França  
Luclan Wu — Novos autores chineses — contos  
Macêdo Miranda — As três chaves — contos  
Lín Ting — A história do pijama  
Marcos André—Bazar—Crônicas do passado e do presente  
Ascendino Leite — O brasileiro  
Hsu Yu — A mulher no nevoeiro e duas outras histórias

## DIVERSOS

- Manuel Bandeira — Guia de Ouro Preto  
Pedro Bloch — Problemas da voz e da fala  
Ofélia Cardoso Boisson — O livro do adolescente  
J. Alípio Goulart — O cavaio na formação do Brasil  
Maria do Carmo Braz — Vamos costurar  
Herculano B. Fonseca — Regime jurídico do capital estrangeiro  
James Calvert — Polo Norte, emergir!  
Leurival Marques — Seu criado, obrigado  
Robert Donovan — PT-109 — A lancha torpedeira — Kennedy na 2a. Guerra  
Ruy Barbosa — Oração aos moços.

PEDIDOS DIRETOS OU PELO REEMBOLSO POSTAL

à Rua Raimundo Corrêa nº 23-A - Copacabana

Rio de Janeiro — Est. Guanabara



# QUEM É QUEM

O que é a turma?

São os gestos, as expressões,  
são os gritos, as correrias, os  
aniversários, os trotes, as  
licenças, são todos e tudo.

E no meio dêste emaranhado,  
desta confusão de risos e  
caxangás, no entanto,  
estamos eu, você, êles.

A turma é o sentimento,  
as alegrias, as tristezas,  
as segunda-épocas,

as viagens de instrução,  
a entrega de espadim,

o alojamento e os camarotes.

A turma é a entrega de espadas.

Mas deve ser, sobretudo, espontaneidade.

Porque aí sabemos quem é quem.



*Daniel, Vieira de Melo  
Paulo Roberto  
Licursi*



*Martinelli  
Otoni  
Fonseca  
Wanderlei*



*Sanctos, Rocha de Oliveira, Moraes Rêgo e Charret*

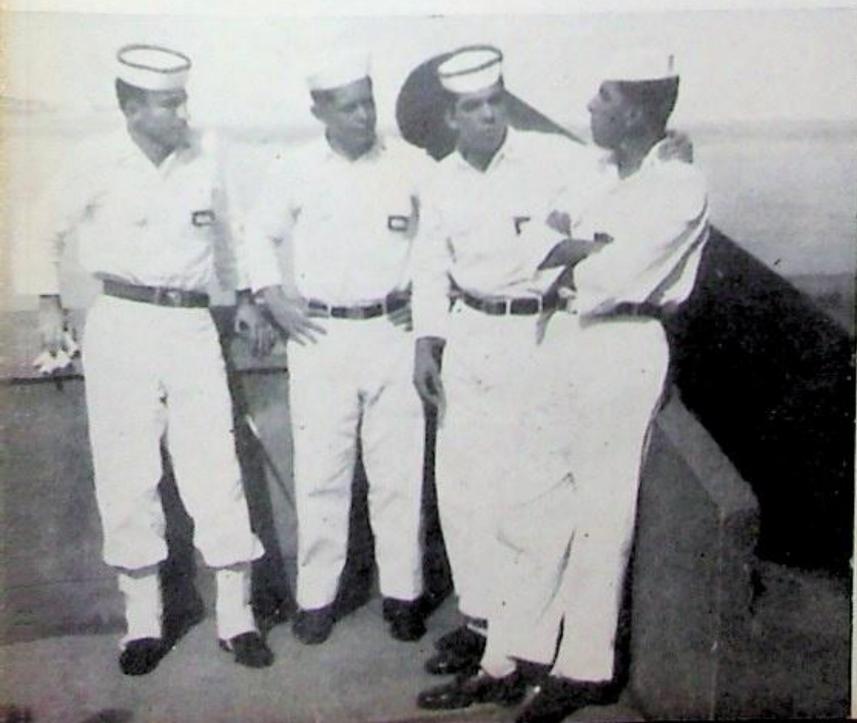




Brick  
Chiappetta  
Adilson Silva  
Esteves



Gustavo, Belleni, Ibanez e Ralph



Fiuza  
Padilha  
Pinheiro da Silva  
Carvalho



*Brandão  
Nascimento  
Marinho  
Feijó*



*Salgado e Bokel*



CINCO  
MEIA  
TUDO  
LONA

*Armando e Busnardo*



*Rêgo Macedo  
Sarmiento  
Kaheler*

*Schupp*

RUA GONÇALVES DIAS, 49  
TELS. 22-6246 -52-8370-RIO

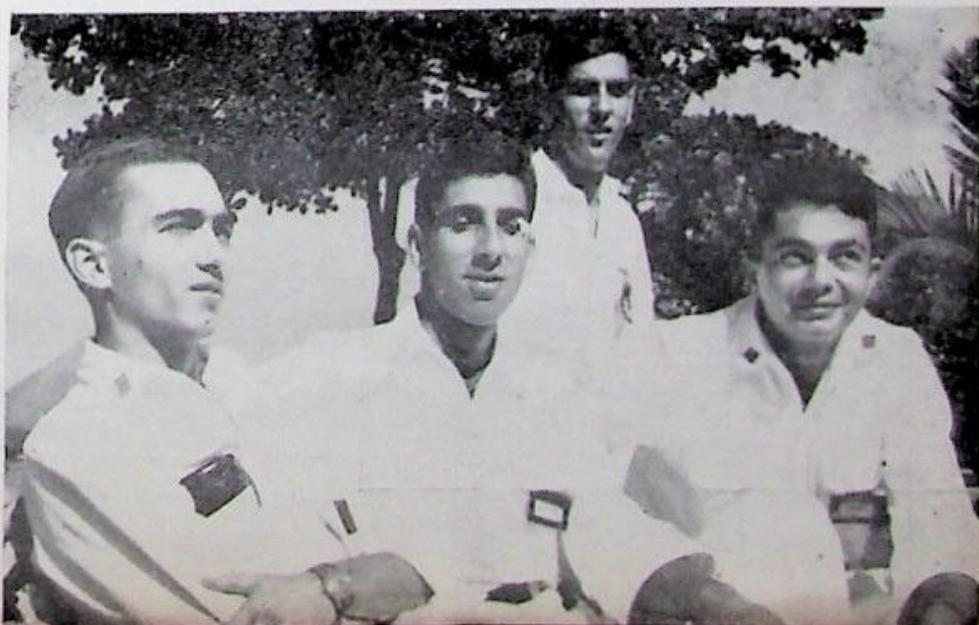
*Póvoa  
Saraiva Ribeiro  
Onecir  
Cavalcanti*



*Elcio, Pilla e Bianchini*



*Eurico Rebello  
Apurinan  
Meirelles  
Eduardo*



BROTOEJAS, FRIEIRAS, SUORES

use  
DE



ANTISEPTICO  
CICATRIZANTE  
DESODORIZANTE

## Grupo Atlântica

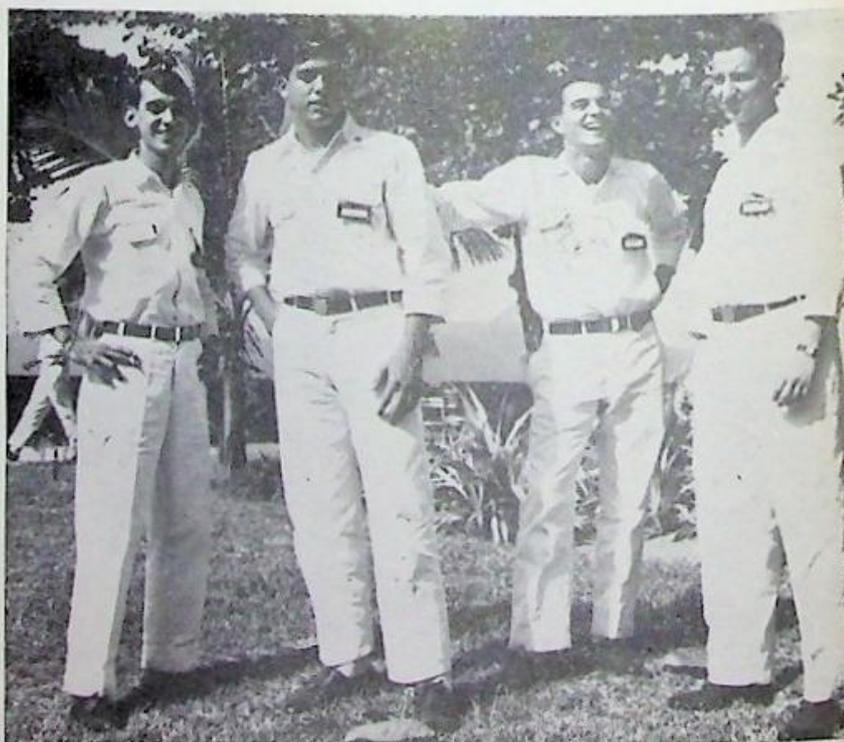
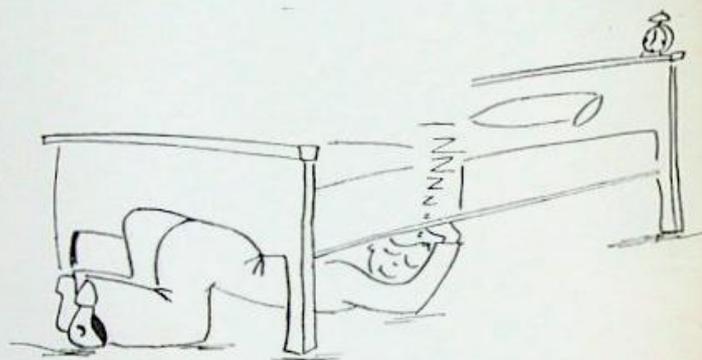
Companhias de Seguros

ATLÂNTICA  
TRANSATLÂNTICA  
ULTRAMAR  
OCEÂNICA

Opera em todos os ramos de seguros

Séde: Rio de Janeiro  
Av. Franklin Roosevelt, 137  
Edifício "ATLÂNTICA"

List  
Flávio Nogueira  
Nantes e Han



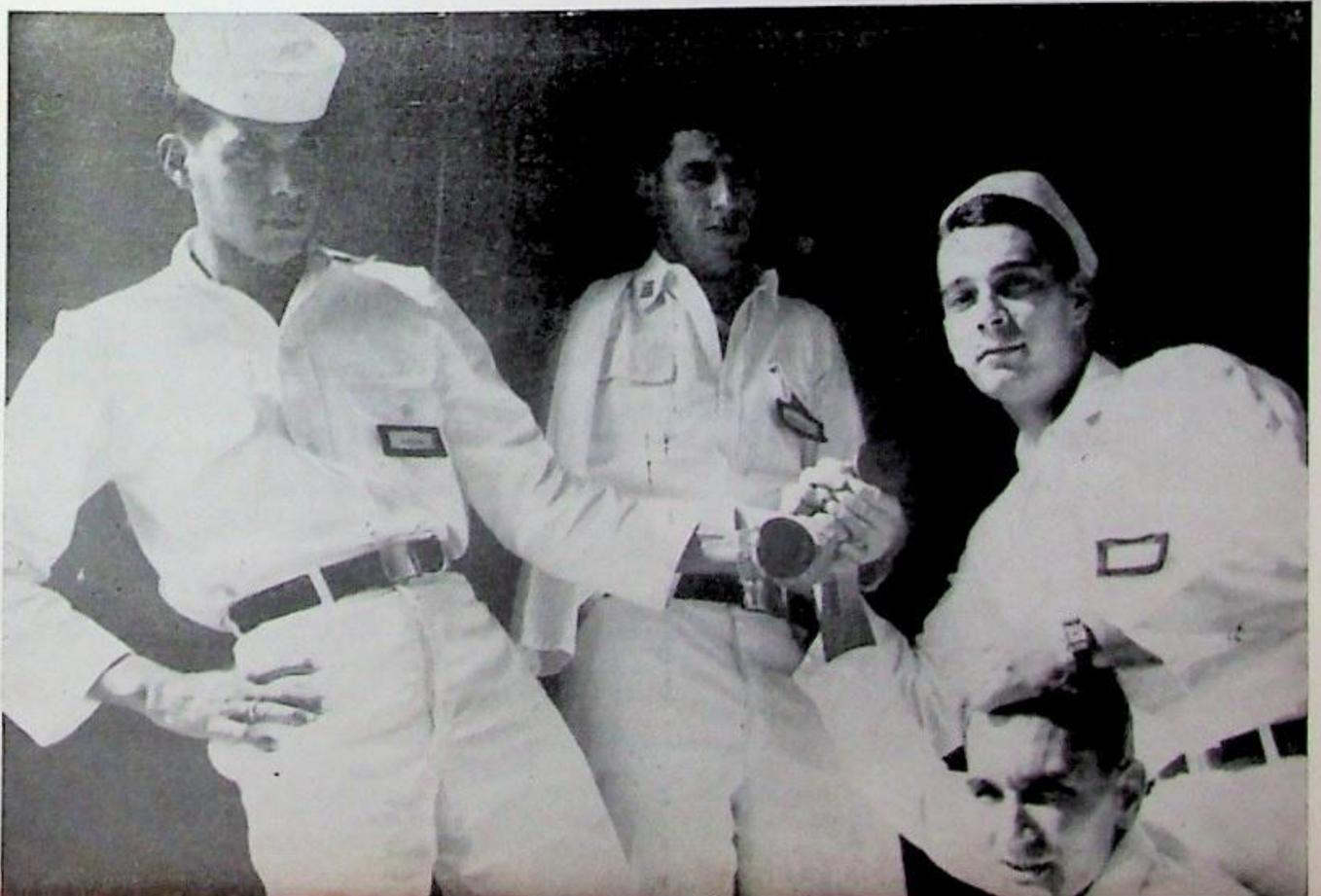
Fantez  
Roh  
Agne  
Mac Dowe

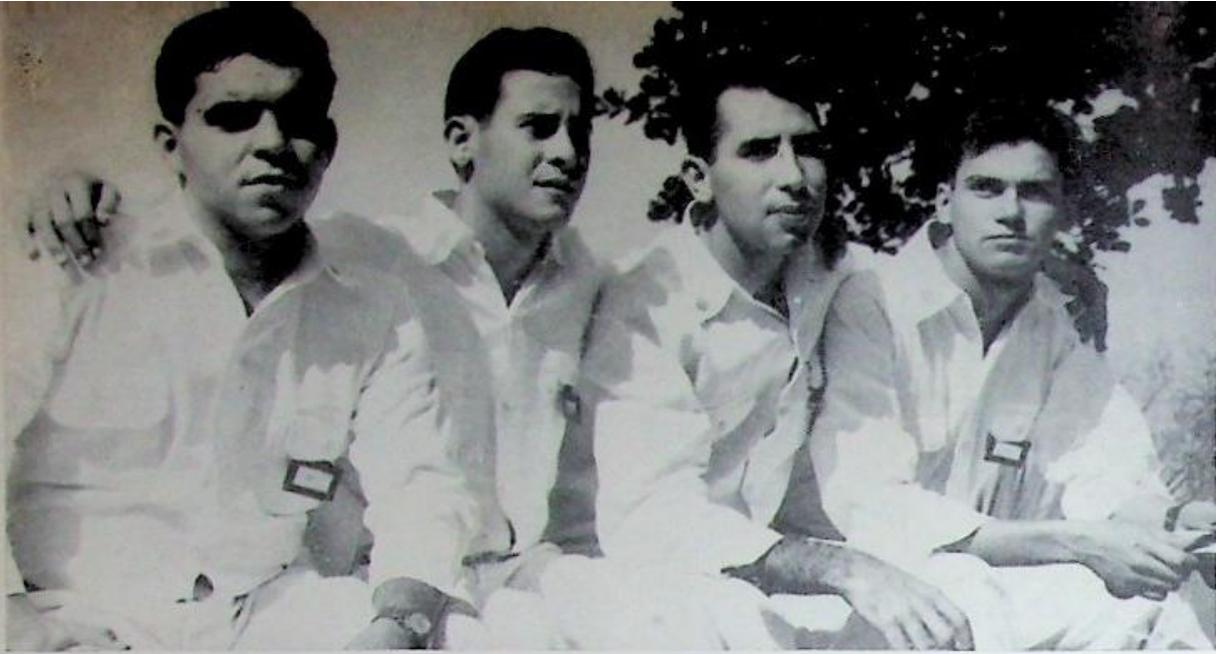


*Silva  
Júlio César  
Reiss  
Leonardo*



*Alberto, Meirelles, Joel e Antônio Carlos*





Ruy  
Carlos Conde  
Ivan Dantas  
Legey



Sinay, Falkenbach, Mártire e Câmara



Felizardo  
Dias de Moura  
Pierantoni  
Sidnei



SERVIÇO MUNDIAL DE VIAGENS

# EXPRINTER



Excursões

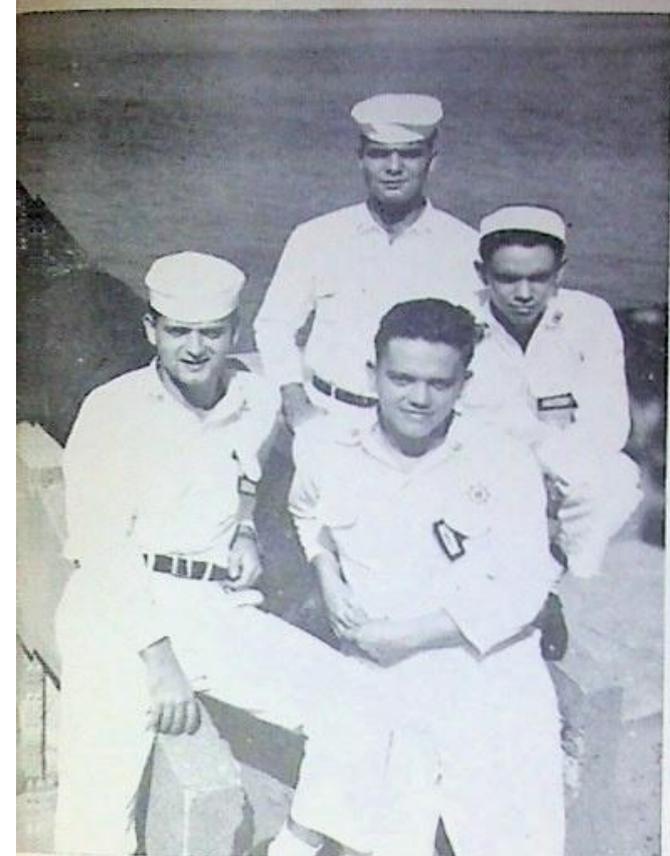
Passagens

Reservas em Hotéis

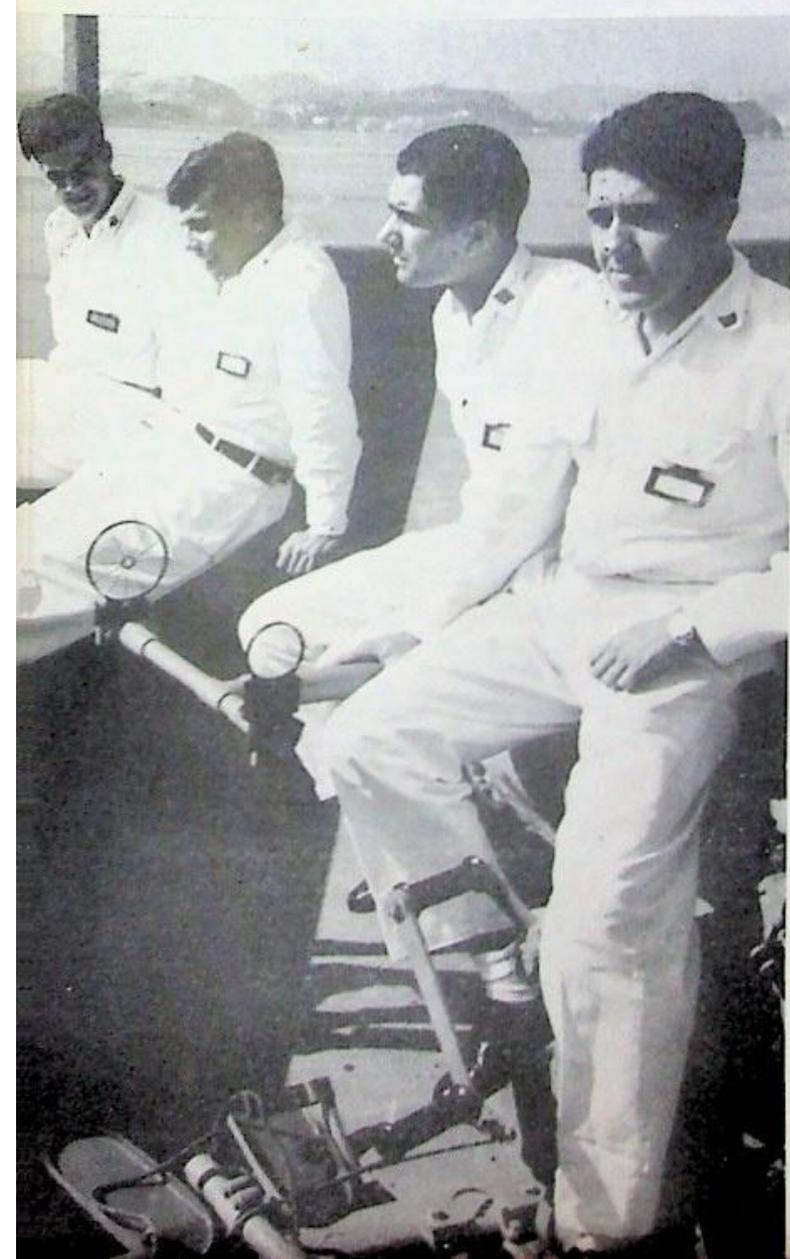
Nacionais e Internacionais



Av. Rio Branco, 57-A  
Tel. 23-1909 (Rêde interna)



Airton  
Gouvêa  
Mesiano  
Sabóia

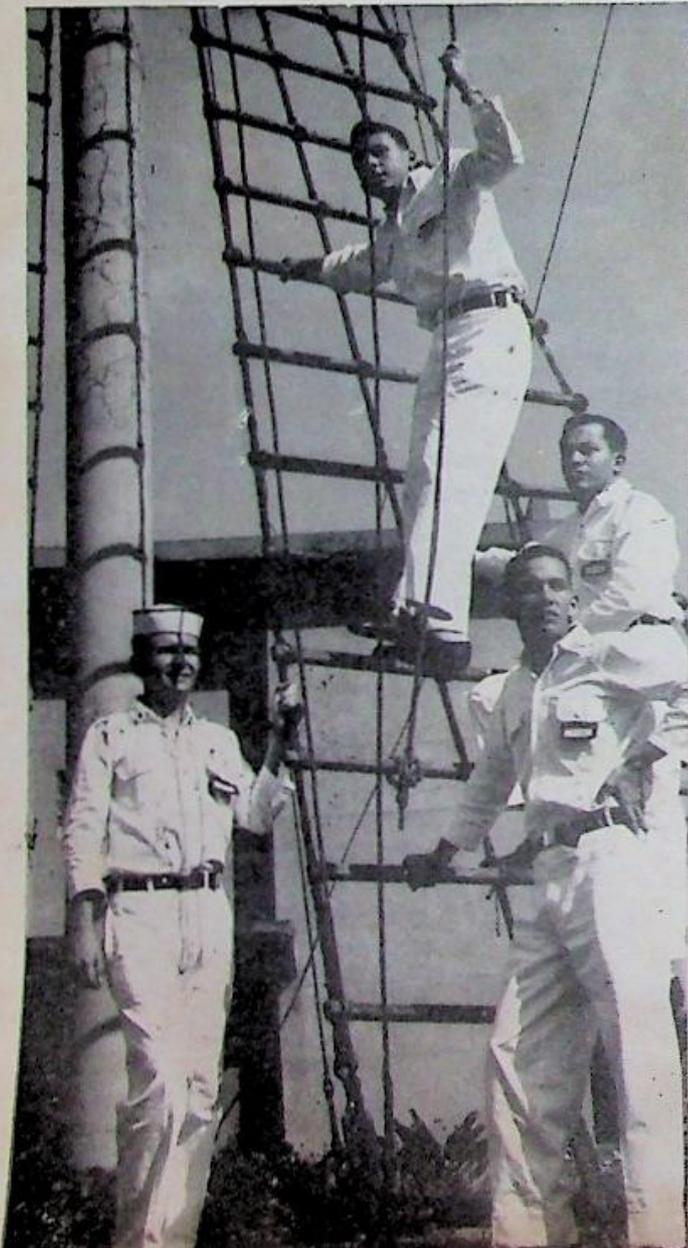


Gelbeck  
Teixeira Martins  
Azevedo Leite  
Ermel

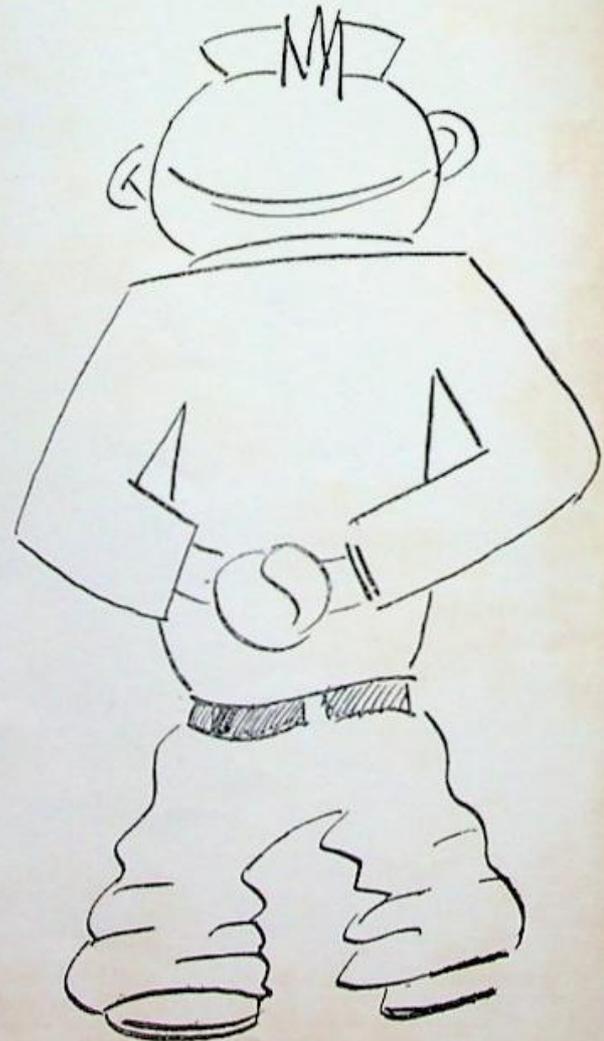
Augusto  
Petrassi  
Quadros  
Júlio Silva

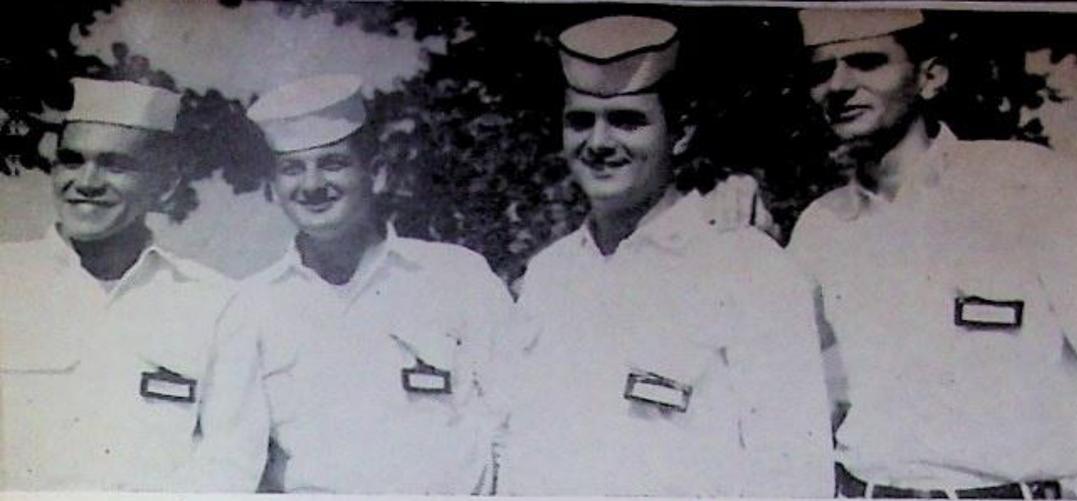


*Machado  
Sérgio Luz  
Gilberto Carneiro  
Dias Vieira*



*Victor  
Otávio  
Alves  
Hernandes*





Ferreira da Silva  
Caizeta  
Cotta  
Sarmiento



Faria Teixeira  
Garcia de Oliveira  
José Carlos  
Cláudio

Malheiros  
Montalvão  
Gozende  
Barcala

## STEFANINI & CIA. LTDA.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

FABRICAÇÃO DE DESINFETANTES.  
MATERIAL DE LIMPEZA E ASSEIO

DESINFETANTES — PRODUTOS  
HOSPITALARES

Formion líquido — Formoform em comprimidos — Cresolatum — Sabão em pó Saneon — Polidor de Metal Nison — Inseticida Eliminol Rápido — Pasta Saneon.

Escritório

Av. Rio Branco, 9 - 1.º salas 133/137

Tel. 43-4718

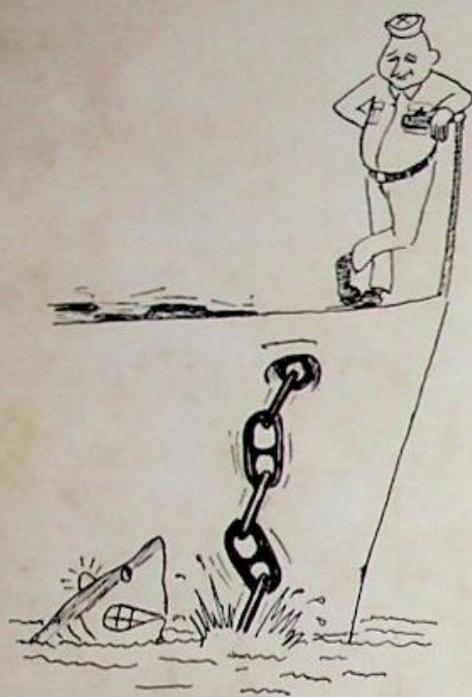
Fábrica própria

Av. Paris, 344 - Bonsucesso

RIO DE JANEIRO



PRA SEU GOVÉRNO



## BREKELÉ É SEMPRE NOTÍCIA

*Quem se diverte na ilha em dia de chuva é ganso. A unida e exemplar família Brekelé sai a andar contente pela água que se acumula por todo canto. Quase tão feliz quanto os aspirantes, que não tiveram ginástica em virtude do tempo. E continuam a se suceder as gerações de Brekelés, como mascote e gente de paz desta Escola Naval.*

# Abatedouro Modelo Brasil S/A

**Matadouro para aves e pequenos animais**

**ENTREPOSTO DE OVOS - SALSICHARIA**

**BRASILAVES**

Escritórios

Pedidos e Varejo

Rua Afonso Cavalcanti, 179

Telefones:  $\left\{ \begin{array}{l} 48-3545 \\ 54-3380 \\ 48-2161 \\ 54-2426 \end{array} \right.$

Outros postos:

Av. Amaro Cavalcanti, 1959

Tels. 29-0055 e 29-6000

Rua Conselheiro Galvão,  
86/102

Tel. 189 MHS (Mercado de  
Madureira)

Praça Monte Castelo, 10/14

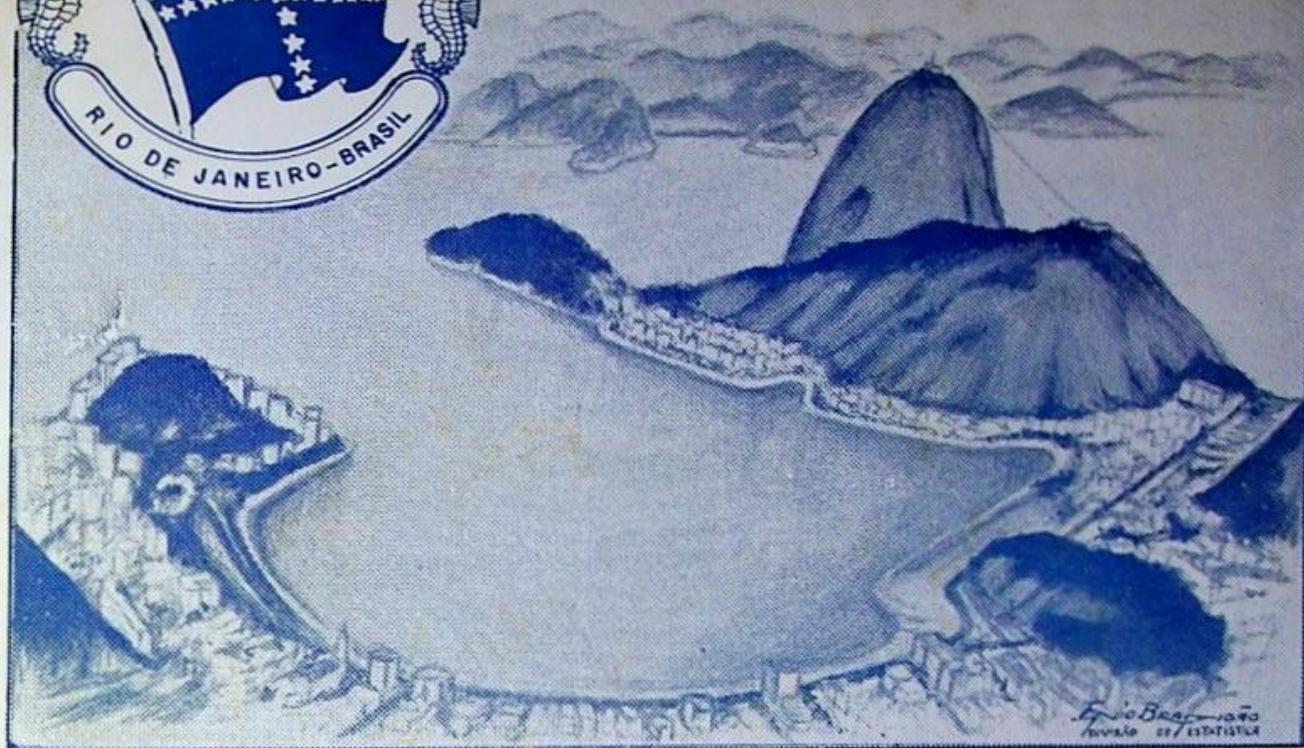
Tel. 43-3431 e 43-3812

Açougue, aves, ovos, pequenos animais abatidos

CADEG

Rua Capitão Felix, 28

Av. Central, 8/16



# LLOYD BRASILEIRO

NAVIOS TIPO "LOIDE", MODERNOS COM TODOS OS REQUISITOS EXIGIDOS PARA OFERECER SERVIÇO RÁPIDO, EFICIENTE E SEGURO, COM VELOCIDADE MÉDIA DE 16 NÓS HORÁRIOS.

APARELHADOS COM SISTEMA "CARGO CARE", SERVIÇO ESPECIAL DE VENTILAÇÃO DOS PORÕES QUE OFERECE MAIOR SEGURANÇA À CONSERVAÇÃO DA CARGA.

POSSUEM CÂMARAS FRIGORÍFICAS COM CAPACIDADE PARA 15 585 PÉS CÚBICOS DE CARGA REFRIGERADA.

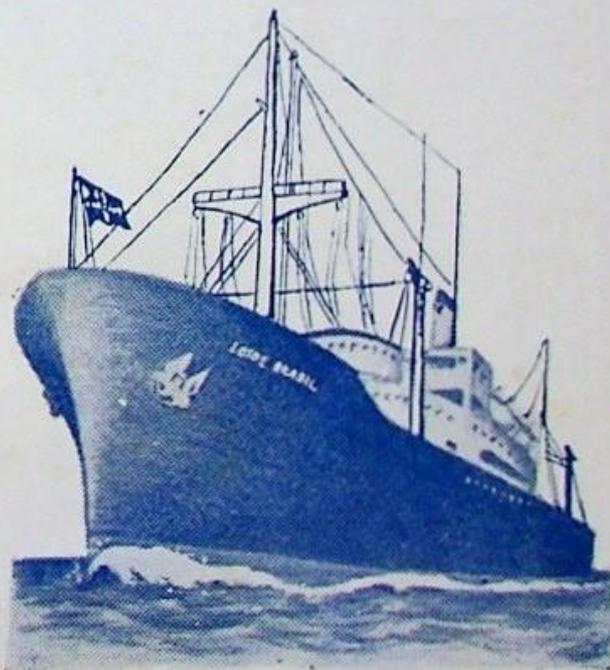
EQUIPADOS COM UM APARTAMENTO DESTINADO AO ARMADOR, PROPORCIONANDO A OS SEUS OCUPANTES TODO CONFORTO E BEM ESTAR DURANTE A VIAGEM.

MANTEM LINHAS REGULARES DE NAVEGAÇÃO PARA:

NORTE DA EUROPA  
MEDITERRÂNEO  
NEW YORK  
PORTOS DO GOLFO DO MÉXICO

ENDEREÇO: RUA do ROSÁRIO, 2 / 22  
Telefone 23-1771

PASSAGENS: AVENIDA RIO BRANCO, 44/46  
Telefone 43-1247



# A Marinha na Lacta



(Na foto central: - Os Srs.  
Alm. José Espindola e o  
Prof. Antenor Silva Negrini,  
Superintendente das Ind. de  
Chocolate Lacta S. A.)

Os guardas-Marinha de Villegagnon, comandados pelo Sr. Alm. José Espindola, estiveram em visita às INDÚSTRIAS DE CHOCOLATE LACTA S. A. na capital paulista. Com a Marinha é assim... sabe o porto em que desembarca! Porisso a Marinha esteve na LACTA mais uma vez, para verificar como são fabricados os produtos que gozam de sua PREFERÊNCIA! Viu, gostou e aprovou... assim a Marinha continuará sempre preferindo o chocolate que tem TRADIÇÃO E QUALIDADE!

**LACTA**

CASTELAR